AMIZADE E AMOR PELA ESALQ

T-74
50 Anos
ESALQ

Organizadores
Ivan Wedekin
Vinicius Galera

AMIZADE E AMOR PELA ESALQ

Organizadores
Ivan Wedekin
Vinicius Galera

Colaboração nos Textos
Coriolano Xavier
Sebastião Nascimento

Autores das Histórias
Alberto Kunio Kikuda
Ciro Kuribayashi
Dante Villardi
Darwin Henrique Giatti
Eloah Margoni
Esther Guimarães Cardoso
Gabriel Garcez Ghirardi
Gilmar Roberto Maciel
Ivan Wedekin
João Paulo Bernardes Teixeira
José Djair Vendramim
José Juarez Pereira de Faria
José Lemos Monteiro
José Luiz Sammarco Palma
José Mário da Rocha Frota
Lineu Amaro Rodrigues
Maria Teodora de Barros Oliveira
Mozart Lambert Júnior
Otavio de Almeida Prado Bauer
Paulo Espíndola Trani
Pedro Roberto Marini
Petrônio Pereira Lima
Regina Maria Corrêa da Costa

AMIZADE E AMOR PELA ESALQ

2024

CRÉDITOS EDITORIAIS

Copyright © 2024 by WDK Agronegócio Ltda

Organização e edição
Ivan Wedekin e Vinicius Galera

Texto
Ivan Wedekin
Vinicius Galera

Colaboração
Coriolano Xavier
Sebastião Nascimento

Projeto gráfico e diagramação
Alexandre Monteiro

Revisão de texto
Ricardo Jensen de Oliveira

Ilustração da capa e dos poemas "Departamentos":
Marcela Monteiro (Esalq, Turma de 1975)

Supervisão de produção
Coriolano Xavier

Impressão e acabamento
Elyon Indústria Gráfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Amizade e amor pela ESALQ [livro eletrônico] / organização Ivan Wedekin, Vinicius Galera ; colaboração nos textos Coriolano Xavier, Sebastião Nascimento. -- 1. ed. -- São Paulo : WDK Agronegócio, 2024.
PDF

Vários autores.
ISBN 978-85-94150-04-2

1. Agronegócio 2. Agronomia 3. Agricultura 4. Economia doméstica 5. Engenharia florestal 6. Universidade de São Paulo. Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz - História I. Wedekin, Ivan. II. Galera, Vinicius. III. colaboração nos textos Coriolano Xavier, Sebastião Nascimento.

24-227560 CDD-630.981

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Agricultura 630.981

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

O JUBILEU DE OURO DA TURMA DE 1974

Organizar a celebração dos 50 anos de formados da Turma de 1974 da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo (Esalq/USP) é uma ideia acalentada desde a festa dos 45 anos. Em fevereiro de 2022, em visita surpresa de alguns colegas para comemorar o aniversário do Ditinho, em Piraju (SP), deu-se a primeira reunião informal de trabalho. Em 17 de maio de 2023, criou-se no WhatsApp o Grupo de Trabalho GT-74 50+, consolidando as conversas até então mantidas. A agenda preparada para o nosso encontro na Esalq foi assim definida:

- **11/10/2024**, sexta-feira - Coquetel exclusivo da T-74, familiares e convidados – Salão de festas do Beira Rio Palace Hotel, horário 18-24 h.
- **12/10/2024**, sábado – Programação oficial da 67ª Semana Luiz de Queiroz:
  - 07h30 - Café de Boas-Vindas – Ginásio de Esportes;
  - 09h30 - Sessão Solene de homenagem, Turmas de final 4 e 9 – Ginásio de Esportes;
  - Em seguida, plantio de árvore da T-74;
  - 12h00 às 17h00 - Churrasco de Confraternização - Engenho Central de Piracicaba.

O GT-74 50+ trabalhou em equipe, "um por todos, todos por um". Um dos grandes desafios foi a mobilização de todos do GT para coletar os depoimentos (apelidamos de "CVs") dos colegas e buscar os "desgarrados". Por outro lado, as pessoas também se envolveram em importantes atribuições específicas:

1. **Alda Lerayer:** design e fabricação das camisetas da turma e dos acompanhantes; controle dos pagamentos das diárias do hotel e dos recebimentos de valores para o coquetel.
2. **Antonio Augusto M. Figueiredo (Chão):** captação de recursos financeiros.
3. **Celso Mizumoto:** preparação de mídia para reunir fotos, filmes e vídeos.
4. **Ermor Zambello:** negociação de contratos com fornecedores e seleção da empresa de alimentação e do cardápio para o coquetel.
5. **Ivan Wedekin:** coordenação das etapas do livro (equipe de redação, revisão, diagramação, catalogação e impressão); trabalho de secretaria e organização das reuniões do GT.
6. **José Lemos Monteiro (Zeíto):** captação de recursos financeiros e gestão de recebimentos e pagamentos.
7. **José Luiz S. Palma (Zé Butão):** seleção de histórias e fornecimento de fotos.
8. **José Marcos L. Fochi (Mocorongo):** busca de CVs e fotos e apoio na edição do livro.
9. **José Mário R. Frota (Pacote):** gestão de pagamentos e recebimentos.
10. **Nilton Degaspari (Dega):** organização de infraestrutura de som e imagem.
11. **Otavio de Almeida Prado Bauer:** fornecimento de fotos, vídeos, arquivos e documentos.
12. **Regina Maria Corrêa da Costa (Reca):** não fez parte diretamente do GT, mas fez um trabalho excepcional na coleta dos CVs da turma de economia doméstica. Apoiou a Alda no design das camisetas.

O GT-74 50+ contou com o apoio da Esther Guimarães Cardoso, que sempre realizou o trabalho de reunir em planilhas as informações de contato dos colegas. O amigo José Djair Vendramini fez importante trabalho de ponte com as áreas da Esalq e da Associação dos ex-Alunos da Esalq (Adealq) para a conferência das turmas matriculadas nos cursos e o fornecimento de fotos para o livro.

O trabalho foi muito maior do que o dito nestas poucas palavras. Mas a satisfação e a alegria de homenagear a T-74 e a Esalq compensam plenamente o esforço realizado. Fica este legado para os amigos, os familiares e todas as gerações de esalqueanos.

É assim a nossa Amizade e o nosso Amor pela Esalq.

APRESENTAÇÃO

Amizade e Amor pela Esalq

Há cinquenta anos, em uma noite que seria coroada pela chuva e por lágrimas de alegria, turmas de economia doméstica, engenharia agronômica e engenharia florestal da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo, a Esalq/USP, de Piracicaba (SP), se formaram e deram início à atividade profissional.

Neste meio século, muita coisa mudou desde aquele momento memorável no Ginásio de Esportes da Escola. Mas a convivência no período de graduação fincou as sementes da amizade que floresceram no coração de cada colega.

Este livro é uma celebração do Jubileu de Ouro das turmas de 1974 da Luiz de Queiroz. Mas ele é mais do que isso. É também uma celebração da amizade. Boa parte dos formandos de 1974 gosta de dizer que a amizade que os une é especial, apesar do natural distanciamento imposto pela vida. A Esalq foi a razão de tudo. A Escola legou a eles mais do que os diplomas que hoje enfeitam paredes de casas e escritórios ou até dormem em gavetas.

A sensação de pertencimento à Esalq se solidificaria nos anos e décadas seguintes. A paixão imediata e o alumbramento na chegada – ao entrar pela primeira vez na Escola e ver o esplendor do Edifício Central – se transformaram em um Amor eternizado à Esalq. E esse Amor catalisa ainda mais a Amizade. Se o dicionário, de modo simples, define que amigo é aquele que ama, é mais do que adequado dizer que os graduados da Escola são, antes de tudo, amigos da Esalq. É como se cada um deles fosse um amigo do próprio Luiz de Queiroz.

Assim, o livro segue os caminhos da amizade.

Na **Parte I – A amizade**, os versos de um poema dão o tom da chegada à Esalq. Depois, a amizade é apresentada pela ótica da sabedoria de filósofos e escritores que se dedicaram a compreender o sentimento nobre que se cultiva na alma, e nas palavras, gestos e atitudes indispensáveis para o fortalecimento do laço.

Como tributo, a **Parte II – Luiz de Queiroz, Esalq e Alysson Paolinelli** apresenta a cronologia, a linha do tempo resumida do criador e da criatura -- Luiz de Queiroz e Esalq. Esta nasceu em 1901 a partir do sonho de Luiz Vicente de Souza Queiroz. Ele doou a Fazenda São João da Montanha ao governo do Estado de São Paulo com a condição de que nela fosse criada uma escola agrícola.

Em seguida o livro traz um texto em homenagem ao paraninfo da Turma de 1974, o então ministro da agricultura Alysson Paolinelli, cujas contribuições fizeram e ainda fazem história. Paolinelli foi o visionário da revolução agrícola tropical sustentável que transformou o Brasil em uma potência da agricultura e do agronegócio, hoje exercendo um papel estratégico na segurança alimentar mundial.

A **Parte III – Na estrada da vida** traz o percurso profissional e pessoal de grande parte dos amigos e amigas das turmas de economia doméstica, engenharia agronômica e engenharia florestal. Infelizmente, alguns colegas já partiram, mas foram homenageados por parentes e amigos e pelo nosso sentimento fraterno.

Neste meio século de labuta, o perfil da produção rural no Brasil se transformou notavelmente. E uma das grandes riquezas deste livro é constatar como as trajetórias individuais refletem os acontecimentos que transformaram a agricultura e o Brasil nos últimos cinquenta anos. Dá um orgulho quase inconsciente, um orgulho silencioso e intimista, de ter contribuído com engenho e arte para essa transformação.

A **Parte IV – Histórias e Memórias** dá o testemunho dos tempos de graduação. Nas narrativas, os colegas contam e recontam cenas que traçam um mosaico de anos inesquecíveis. Com boa dose de humor, é claro, em muitas histórias. Afinal, para a T-74 a "irreverência é mais que arte, é pura ciência". Muitos episódios dão o testemunho dos laços duradouros construídos ao longo da vida. Como não poderia deixar de ser, o livro revive em fotos o que a memória talvez tenha perdido.

Assim como começou, o livro termina com um passeio pela geografia da Escola. Nas trilhas dos "Departamentos" são cristalizados os momentos da vida de um jovem estudante. Com o passar do tempo, na procura da sua "menina", encontra a centelha de Deus, a plenitude da vida.

Para a T-74 não há despedida ou partida. A Esalq foi berço de amizade tão grande, que água bate e não gasta, resiste ao vento e ao tempo, é chama que não se apaga.

Boa leitura!

SUMÁRIO

Parte I

Capítulo 1 | A CHEGADA E A AMIZADE 11

Parte II

Capítulo 2 | CRONOLOGIA DE LUIZ DE QUEIROZ E DA ESALQ 17

Capítulo 3 | ALYSSON PAOLINELLI: NOSSO PARANINFO FEZ HISTÓRIA 23

Parte III

Capítulo 4 | AMIGAS DA ECONOMIA DOMÉSTICA 29

Capítulo 5 | "NÓS SOMOS DA AGRONOMIA..." 43

Capítulo 6 | AMIGOS DA ENGENHARIA FLORESTAL 111

Parte IV

Capítulo 7 | HISTÓRIAS E MEMÓRIAS 115

Capítulo 8 | FATOS EM FOTOS 153

Capítulo 9 | O IMPACTO CULTURAL DOS ANOS 1960 E 1970 171

Capítulo 10 | ESALQ, TRILHAS E PARTIDAS 179

Capítulo 1

A CHEGADA E A AMIZADE

A CHEGADA*

Ivan Wedekin

Viemos de todos os cantos
Para trás ficaram a infância,
Os pais, saudades e prantos.
No fervor da mocidade
Cruzamos o portão da Esalq.
(Quem não gravou nesse dia
Com paixão e alumbramento
A sua própria fotografia?)

Assim começou a andança
A pé, de carro, num bonde
Nossos sapatos foram gastos
Procurando a esperança.
E isto ainda nos une,
É nossa força, nossa chama.

Aprendemos num instante
Que todos os passos
- Até os em falso ou errantes –
"Diminuem a viagem
Que os roteiros diferentes
Vão dar na mesma estalagem",**
No espaço infinito da Esalq.

No esplendor da fotografia
Que este Dicionário anuncia
Largo é o sonho, o horizonte,
Grande é a obra do homem:
Num século que vai longe
Fincou em São João da Montanha
Uma estrela e uma estrebaria.

* "Alumbramento na Chegada", publicado no livro *Pequeno Dicionário Amoroso da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz*, edição Agroceres e Canal Rural (2001).

** Trecho do poema "Os Sapatos", de Mauro Mota, da edição comemorativa dos 25 anos das *Elegias*, Pool Editorial, 1978.

A AMIZADE É CULTIVADA NA ALMA

Sebastião Nascimento* e Vinicius Galera

Aos amigos e amigas conquistados e cultivados no rodamoinho incessante e na brevidade da vida atribuímos valor supremo. O vínculo é uma das experiências mais profundas e complexas da existência e enriquece nossas vidas de tal modo que, muitas vezes, é a própria justificativa do existir.

Desde a Antiguidade, pensadores, escritores e poetas se dedicam ao tema na tentativa de entender a substância da amizade, algo tão incontornável quanto o amor, com o qual tantas vezes se confunde.

A Bíblia, uma das primeiras compilações da sabedoria humana, é definitiva. O livro sagrado para judeus e cristãos cita a amizade como um dom de Deus. Já a filosofia é crucial para o seu entendimento. Os grandes pensadores contribuíram decisivamente para compreender a amizade.

Na Grécia antiga, Aristóteles definiu o sentimento como "um coração que habita em duas almas". Clareza e beleza na explicação. O mestre nascido em 384 a.C. em Estagira, Macedônia, dedicou boa parte de sua obra *Ética a Nicômaco* para discutir a amizade. Ele dividiu o atributo em três tipos: a amizade por utilidade, a amizade por prazer e a amizade por virtude. Segundo Aristóteles, esta última é a amizade perfeita, "a amizade dos homens que são bons e se assemelham na virtude". Essa seria também a forma mais duradoura, de acordo com o filósofo, pois não se baseia em interesses temporários ou superficiais, mas no respeito mútuo e na busca conjunta pela excelência moral.

Séculos depois, em Roma, o grande orador e político Marco Túlio Cícero (106-43 a.C.) escreveu um dos principais tratados sobre o tema, intitulado *Da Amizade*. Nesse diálogo, o romano expande as ideias de Aristóteles e reflete sobre a importância da lealdade e da confiança. Para Cícero, "a amizade não pode existir senão entre os bons". Segundo o pensador, "existe uma necessária benevolência entre os homens que é a fonte da amizade, estabelecida pela natureza".

Ainda tendo por base a virtude, o orador afirmou: "A natureza deu-nos amigos para secundar a virtude e não para ser cúmplice do vício; ela no-la deu para que a nossa virtude, que no isolamento não pode ascender às máximas coisas, a elas chegue com o apoio e o concurso duma nobre companhia".

Cícero ainda diz: "A amizade melhora a felicidade e abate a infelicidade, duplicando a nossa alegria e dividindo a nossa dor". É do romano, aliás, o primeiro registro histórico da tão conhecida sentença: "É nas horas difíceis que conhecemos os verdadeiros amigos". Sobre a relação entre a verdade e a amizade, aliás, o filósofo cravou: "Há uma única ocasião na qual não se deve ter medo de ofender um amigo, é quando se trata de lhe dizer a verdade e de provar a nossa sinceridade".

Durante o Renascimento, Michel de Montaigne (1533-1592) dedicou à amizade um capítulo em seus antológicos três volumes de *Ensaios*. O francês enaltece a profundidade de sua relação com o também filósofo e humanista Étienne de La Boétie (1530-1563). Para Montaigne, a amizade é uma "ligação de almas" quase inexplicável que diz respeito à própria condição humana. "Na amizade a que me refiro, as almas entrosam-se e se confundem em uma única alma, tão unidas uma à outra que não se distinguem, não se lhes percebendo sequer a linha de demarcação."

No século XIX, o ensaísta norte-americano Ralph Waldo Emerson (1803-1882) também dedicou um texto ao sentimento. Em *Amizade*, ele argumenta que a amizade verdadeira é rara

---

* Sebastião Nascimento é jornalista formado em 1979 pela tradicional Cásper Líbero. Foi repórter, redator e editor nas revistas *Balde Branco*, *DBO Rural*, jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo* e na revista *Globo Rural* por mais de quarenta anos. Recebeu pelo menos dez prêmios ao longo da carreira.

e preciosa, e que exige autenticidade e abertura. "A única maneira de ter um amigo é ser um", diz. A amizade genuína é construída sobre a honestidade e a reciprocidade, onde ambos os amigos se mostram como realmente são.

Mas não foi apenas a filosofia que se ocupou da amizade. A literatura também fez dela o tema central em alguns de seus momentos mais altos como no clássico *Dom Quixote de La Mancha*, do espanhol Miguel de Cervantes (1547-1616). A primeira parte veio em 1605 e a segunda parte em 1615. Na consagrada obra, a relação entre o personagem principal e seu escudeiro, Sancho Pança, demonstra como o sentimento pode desabrochar entre diferentes personalidades, com visões de mundo distintas, sendo um prático, Sancho, e outro idealista, Dom Quixote.

O francês Albert Camus (1913-1960), célebre pelo livro O *Estrangeiro*, entre outros, em um caderno escreveu: "Não caminhe à minha frente, eu posso não te seguir. Não caminhe atrás de mim, eu posso não te guiar. Caminhe ao meu lado e seja meu amigo". Entre amigos verdadeiros não há diferenças.

O nosso Guimarães Rosa (1908-1967) também abordou o tema na obra-prima *Grande Sertão: Veredas*, quando Riobaldo diz: "Amigo para mim, é só isto: é a pessoa com quem a gente gosta de conversar, do igual para o igual, desarmado. O de que tira prazer de estar próximo. Só isto, quase; os todos sacrifícios. Ou – amigo – é que a gente seja, mas sem precisar de saber o por quê é que é. Amigo meu era Diadorim; era o Fafafa; o Alaripe; Sesfrêdo".

Amizades significativas como as de Riobaldo exigem tempo e franqueza, principalmente para dizer as verdades que os bajuladores não são capazes de dizer. Cícero, aliás, já alertava sobre isso. "A lisonja, essa auxiliar dos vícios, seja afastada para longe, que é indigna não só do amigo, mas do próprio homem livre", disse. E acrescentou: "Na amizade não há maior peste do que a adulação, a lisonja e louvaminhas".

E nos momentos mais tristes, a quem recorremos senão aos amigos? O jornalista e escritor espanhol Juan Arias disse que a amizade é o amor mais puro porque dá tudo e não exige nada. "Como se lê num poema: 'Quando as cinzas do sentimento e as folhas murchas vestem o sol de luto, das mãos de um amigo nascem flores'". Nas horas doloridas e amargas da existência – como as perdas de familiares e amigos queridos –, vem à lembrança eterna do ombro afetuoso no qual encostamos levemente a cabeça. E choramos.

E o que dizer da presença dos amigos e amigas nos momentos de felicidade? Aqui, nem é necessário tecer palavras. A resposta está no vento.

Que alegria é essa a perpassar décadas? Muitos da Turma de 1974 da histórica Escola de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo (Esalq/USP) carregam e adubam a amizade na alma.

Em outubro de 2024, a turma completa cinquenta anos de diplomada. Meio século. Os profissionais fazem questão de enfatizar que, dentro do coração, numa profusão de emoções, a amizade brotou e é respeitada e regada, mesmo que à distância.

Esforço, dedicação e amor às profissões. No corre-corre do trabalho ou na serenidade da aposentadoria, eles se reunirão para ativar as lembranças, evocar a saudade, falar das experiências profissionais e familiares e rememorar os amigos que já partiram. Enfim, deixarão falar o coração. Um coração que bate ainda mais forte em função da amizade e do amor pela Esalq.

Capítulo 2

CRONOLOGIA DE LUIZ DE QUEIROZ E DA ESALQ

CRONOLOGIA DE LUIZ DE QUEIROZ E DA ESALQ

Ivan Wedekin*

Apresentam-se, a seguir os principais fatos relacionados à história de Luiz de Queiroz e do sonho que se cristalizou em magnífica realidade, pela obra de muitos brasileiros que construíram e transformaram a Esalq em uma das mais renomadas instituições de ensino do mundo.

- **12/06/1849** – Nasce em São Paulo Luiz Vicente de Souza Queiroz (teve os apelidos de Lulu e Queirozinho).
- **Aos 8 anos** segue para estudar na Europa, em companhia do irmão mais velho, Vicente.
- **05/09/1872** – Morre seu pai, o Barão de Limeira.
- **1873** – Retorna ao Brasil e herda a Fazenda Engenho D'Água, na antiga Vila de Constituição, hoje a cidade de Piracicaba.
- **1876** – Inaugura a Fábrica de Tecidos Santa Francisca (nome de sua mãe, a Baronesa de Limeira), com setenta funcionários, todos livres. Depois a fábrica foi renomeada como Arethusina e Boyes. Fomenta o plantio de algodão na região de Piracicaba.
- **1880** – Consorcia-se com Ermelinda Ottoni, a quem constrói um palacete, com vista para o salto do rio Piracicaba, atualmente palacete Luiz de Queiroz.
- **01/12/1880** – Importa um automóvel de Paris.
- **Nesse período de vida em Piracicaba**, participa de todas as obras beneméritas, arboriza ruas e praças com seu próprio dinheiro, cultiva e distribui espécies raras de árvores, instala o primeiro telefone na cidade, torna-se líder abolicionista e republicano.
- **19/10/1889** – Participa da fundação do Clube Republicano Piracicabano.
- **1890** – Contrata na Inglaterra, por 300 libras, o projeto da Escola Agrícola e Fazenda Modelo.
- **28/01/1891** – Arremata em leilão a Fazenda São João da Montanha, de 319 hectares.
- **14/07/1891** – É criada a Secretaria de Agricultura de São Paulo.
- **1892** – Continua a construção da escola. Luiz de Queiroz e sua esposa mudam-se do palacete na cidade para São João da Montanha.
- **11/05/1892** – Lei estadual autoriza o Executivo a fundar uma Escola Superior de Agricultura e dez estações agronômicas. O estado, os amigos e a comunidade são insensíveis aos pedidos de ajuda de Luiz de Queiroz para levar sua empreitada adiante.

---

* Extraído das referências bibliográficas citadas no livro *Pequeno Dicionário da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz"*, edição Agroceres e Canal Rural (2001), e da linha do tempo da Esalq, disponível em https://www.esalq.usp.br/institucional/linha-do-tempo.

- **17/11/1892** – Doa ao estado a Fazenda São João da Montanha, com o compromisso de que seja construída uma escola agrícola em um prazo de dez anos.

- **06/09/1893** – Luiz de Queiroz inaugura a usina elétrica. Piracicaba é a segunda cidade do país a ter iluminação elétrica pública (a primeira foi Campos dos Goytacazes, RJ).

- **09/11/1894** – Desconsolado com a demora do estado na construção da scola, vende tudo (exceto a usina) e muda-se para São Paulo. Adquire terras no norte do Paraná.

- **1895** – Com Bernardino de Campos, presidente do estado, e seu secretário de Agricultura, engenheiro agrônomo Jorge Tibiriçá, é lançado o Projeto Morimont, grande plano de expansão da escola. Mas o secretário candidata-se ao Senado e as obras não avançam. O engenheiro agrônomo belga Léon Alphonse Morimont foi um incansável lutador pela continuidade das obras, até seu afastamento, em novembro de 1896.

- **01/04/1896** – Lançada a pedra fundamental do prédio principal da escola, sete anos após o início da obra de Luiz de Queiroz. As obras não progridem.

- **11/06/1898** – Luiz de Queiroz morre em São Paulo, um dia antes de completar 49 anos de idade. É enterrado no Cemitério da Consolação.

- **13/09/1899** – Alfredo Guedes, secretário de Agricultura do governo Fernando Prestes, concede verba de 50 contos de réis para a continuação da escola.

- **29/12/1900** – Com Cândido Rodrigues, secretário de Agricultura seguinte, por lei é criada a Escola Agrícola Prática de Piracicaba, na Fazenda São João da Montanha.

- **22/01/1901** – É nomeado o primeiro diretor da Escola, Ricardo Ernesto Ferreira de Carvalho.

- **18/03/1901** – Cândido Rodrigues visita a Escola e, impressionado, propõe ao presidente do estado, Rodrigues Alves, a alteração da denominação para Escola Agrícola Prática "Luiz de Queiroz", o que é feito por decreto, nessa data.

- **03/06/1901** – Antes que vencesse o prazo de dez anos estipulado por Luiz de Queiroz, a Escola é inaugurada às pressas. A solenidade foi presidida por Cândido Rodrigues e teve a presença do ex-presidente da República, Prudente de Morais, e de D. Ermelinda, viúva de Luiz de Queiroz.

- **1903** – Fundação da Associação Atlética Acadêmica Luiz de Queiroz (AAALQ).

- **14/05/1907** – Com Jorge Tibiriçá na presidência do estado e o médico Carlos Botelho na Secretaria de Agricultura, as obras saíram do papel, sendo nessa data inaugurados o prédio principal e muitas outras instalações e obras, como o parque, projetado pelo paisagista Arsene Puttmans. Carlos Botelho – um dos fundadores da Santa Casa de Piracicaba – foi o grande reinaugurador da Escola e emprestou o nome à avenida que liga a cidade à Esalq. Aos 86 anos, foi paraninfo da Turma de 1940. Morreu em 20/03/1947, em sua fazenda, em São Carlos (SP).

- **1909** – Criação do Centro Acadêmico Luiz de Queiroz (Calq).

- **1912-1916** – Com o médico e secretário de Agricultura Paulo de Moraes Barros, as instalações e dependências foram ampliadas e o ensino, reformado, com a criação das cátedras, hoje departamentos. Mereceu o epitáfio "Lavrou e amou a terra".

- **1927-1946** – Em todos os momentos em que exerceu funções públicas, como secretário de Agricultura de São Paulo (1927), ministro de Agricultura (1937) e interventor no estado (1945), o esalqueano Fernando Costa (1907) expandiu a Esalq, além de outras notáveis contribuições para São Paulo e o Brasil: apoio à Universidade de São Paulo (USP), criação da Escola Nacional de Agronomia, Instituto Biológico e do parque que leva seu nome, na cidade de São Paulo. Boa parte das grandes obras feitas na Esalq em seu tempo foi financiada com recursos do confisco cambial nas exportações de café. Morreu de acidente, em 21/01/1946, aos 61 anos.

- **1931** – A Escola recebe a denominação atual, Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq).

- **1934** – Junto com outras seis instituições de ensino superior do estado de São Paulo, a Esalq dá origem à USP, deixando de fazer parte da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo.

- **12/06/1964** – Sessenta e seis anos após sua morte, os restos de Luiz de Queiroz e de Ermelinda (falecida em 07/05/1936) são depositados no mausoléu projetado pelo professor Archimedes Dutra e construído em frente ao prédio principal. O epitáfio é cristalino: "A Luiz Vicente de Souza Queiroz, o teu monumento é a tua escola".

- **03/06/2001** – Comemorado o primeiro centenário da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz.

- **2018** – Escultura com Luiz de Queiroz sentado em um banco passa a compor o acervo escultórico da Esalq.

- **2021** - A Esalq completa 120 anos. Inauguração do Espaço Cultural Ermelinda Ottoni de Souza Queiroz, com instalação de estátua em bronze em sua homenagem.

Estátua de Luiz de Queiroz
Obra do escultor Edu Santos.
Foto: Gerhard Waller (Esalq/USP - DvComun).

Estátua de Ermelinda Ottoni de Souza Queiroz,
Jardim Francês do Museu Luiz de Queiroz.
Obra em tamanho natural do escultor Edu Santos.
Foto: Caio Albuquerque (Esalq/USP - DvComun)

Capítulo 3

ALYSSON PAOLINELLI: NOSSO PARANINFO FEZ HISTÓRIA

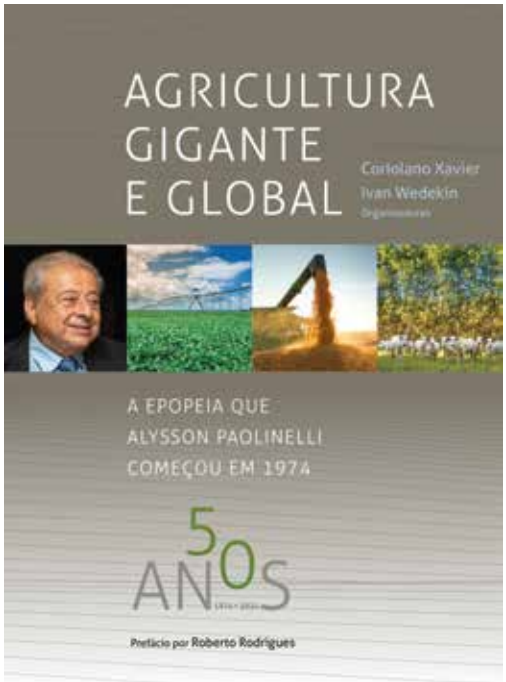
ALYSSON PAOLINELLI: NOSSO PARANINFO FEZ HISTÓRIA

Ivan Wedekin e Coriolano Xavier*

Em 15 de março de 2024, fez cinquenta anos que o nosso paraninfo, Alysson Paolinelli, chegou ao Ministério da Agricultura, em Brasília, depois de uma rica experiência como secretário de Agricultura de Minas Gerais. A partir da capital federal, Paolinelli organizou políticas de Estado para despertar e dar corpo ao enorme potencial que ele acreditava existir em uma nova agropecuária tropical, de matriz brasileira.

Neste 2024, também faz cinquenta anos que a Turma de 1974 da Esalq entrou no futuro com a benção acadêmica e a inspiração do então professor universitário e ministro da Agricultura Alysson Paolinelli. O setor era um leve sopro da potência econômica e geopolítica que representa hoje, e nem mesmo conseguia garantir a autossuficiência alimentar para todos os brasileiros. O país até importava alimentos.

As sementes para a transformação da agricultura tradicional começavam a ser plantadas no Brasil. E o que se viu depois foi a explosão de progresso nas ciências agrárias, na adoção de tecnologia e na ocupação de novas fronteiras agrícolas. O resultado foi o aumento da produção agropecuária. Em 1974, o Brasil produzia menos de 50 milhões de toneladas de grãos. Atualmente já superamos a barreira de 300 milhões de toneladas e faturamos o maior saldo da balança comercial agrícola do mundo, de acordo com a Organização Mundial do Comércio (OMC).



Essa conquista exemplar contou com a contribuição de mãos, cérebro e coração de cada jovem profissional de nossa Turma – em agronomia, engenharia florestal e economia doméstica.

Paolinelli mudou o Brasil. Visionário, impulsionou o salto de nossa agricultura para a chamada "revolução agrícola tropical sustentável". Até hoje inspira as novas gerações por sua visão estratégica, focada em ciência e inovação e na mobilização da capacidade empreendedora das pessoas, produtores e profissionais das empresas do agro. A tecnologia brasileira tem vocação para ser adotada em outras faixas tropicais do planeta, para aumentar a produção e a segurança alimentar das nações, fenômeno que já vem ocorrendo.

De fato, o Brasil se transformou em exemplo e protagonista global da segurança alimentar, da transição energética e de soluções para enfrentar as mudanças do clima. Para Paolinelli, esta é uma contribuição essencial do Brasil para a paz mundial.

Não recebeu o Prêmio Nobel, mas para nós Paolinelli é Nobre, Paolinelli é Paz.

* Coriolano Xavier, sócio-diretor da Biomarketing e da MCA Comunicação, é organizador do livro *Agricultura Gigante e Global – A epopeia que Alysson Paolinelli começou em 1974* (Ibisa, 2024)

Contribuições marcantes de Paolinelli

O começo foi em Minas Gerais, depois que o jovem diretor da Escola Superior de Agricultura de Lavras (Esal, hoje Universidade Federal de Lavras, a Ufla) assumiu a Secretaria de Agricultura em 1971. Aliás, Paolinelli exerceu essa função por três vezes, em três governos diferentes.

De imediato criou o Programa Integrado de Pesquisas Agropecuárias do Estado de Minas Gerais (Pipaemg, 1971), um programa integrado de pesquisa considerado o berço da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa, 1973) e da Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais (Epamig, 1974). Destacam-se também o Programa de Crédito Integrado (PCI, 1971) e o Programa de Assentamento no Alto Paranaíba (Padap, 1973), com produtores de origem japonesa reunidos pela Cooperativa Agrícola de Cotia (CAC).

Nos cinco anos em que liderou o Ministério da Agricultura, foram implantados 26 centros de pesquisa da Embrapa. Tendo sido diretor e presidente da Embrapa, Eliseu Alves aponta que com o Paolinelli cerca de 1.500 profissionais foram cursar mestrado e doutorado no Brasil e no exterior. Muitos deles eram da T-74 da Esalq.

A Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater), criada em 1974, reforçou o papel da assistência técnica e extensão rural, para levar tecnologia, educação e capacitação ao produtor. A empresa mobilizou e coordenou organizações congêneres em todos os estados da Federação, exceto São Paulo, que manteve o seu sistema organizado pela Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati).

Programas marcantes transformaram o Cerrados em um dos principais celeiros do mundo. O Programa de Cooperação Nipo-Brasileiro para o Desenvolvimento Agrícola dos Cerrados (Prodecer, 1974) contou com a cooperação financeira e técnica do governo do Japão. O Programa de Desenvolvimento dos Cerrados (Polocentro, 1975) teve contribuição extraordinária, com orçamento de US$ 7,3 bilhões no período 1975-77.

Paolinelli olhou também para a modernização da produção animal. Estruturou um Programa de Desenvolvimento da Pecuária (Propec, 1977) e o Instituto Nacional de Saúde Animal (Inasa, 1976), ponto de partida para a instalação de uma rede de laboratórios de referência no país. Foi um dos signatários do Programa Nacional do Álcool (Proálcool, 1975) e trabalhou pelo avanço do programa, que depois desembocou na estratégica política nacional de biocombustíveis.

Esses são exemplos específicos do legado de Paolinelli, todos de grande impacto na história econômica do agronegócio brasileiro, pois assentados em ações para construir e fortalecer a sua competitividade. Mas há que se pensar, ainda, nas dimensões sociais de seu trabalho, que levaram ao desenvolvimento regional e à valorização dos produtores e, em especial, da agricultura familiar, pela sua integração ao mercado por meio do cooperativismo e do associativismo.

Sempre próximo da Esalq, Paolinelli foi titular da Cátedra Luiz de Queiroz de Sistemas Agropecuários Integrados, ciclo 2020-2022, que publicou cinco livros sobre agricultura irrigada no Brasil. Lutou constantemente pela irrigação e atuou como um dos coordenadores desses livros. Criou e liderou o Instituto Fórum do Futuro, com ênfase no projeto Biomas Tropicais.

Em seus últimos pronunciamentos, Paolinelli insistia sobre a conexão do agro brasileiro com os projetos contemporâneos de sociedade: “Hoje, o desafio do mundo não é só ter comida em quantidade. É preciso oferecer alimentos de alta qualidade e cujos meios de produção preservem o meio ambiente e os direitos sociais. Nossa agricultura tropical é mais sustentável do que a agricultura praticada nos países de clima temperado. O Brasil é campeão nisso”.

A Turma de 1974 nas trilhas de Paolinelli

Profissionalmente, a Turma de 1974 da Esalq viveu cinco décadas muito desafiadoras na construção de uma nova agropecuária, seguindo as trilhas abertas por Paolinelli e por seus seguidores. Participou da geração, assimilação e potencialização de uma evolução tecnológica sem precedentes e de transformações econômicas, culturais e sociais que às vezes quase viraram as coisas pelo avesso. No ensino, na pesquisa, na gestão, na formulação de políticas e no grande trabalho no campo e nas cadeias produtivas do agronegócio.

Mas, cinquenta anos depois, dá um orgulho quase inconsciente, um orgulho silencioso e intimista, de ter amadurecido, lutado e participado ativamente de um Brasil que se transformou na potência que alimenta os brasileiros e o mundo, fornece fibras e, agora, viabiliza novas formas de energia sustentável.

A T-74 reconhece esse legado com a mesma simplicidade que marcou a vida de Paolinelli.

Alysson Paolinelli assume como Titular da Cátedra Luiz de Queiroz, em 03/06/2021. Foto: Gerhard Waller (Esalq/USP - DvComun).

Muito obrigado, querido paraninfo. A sua memória é o nosso maior legado.

Capítulo 4

AMIGAS DA ECONOMIA DOMÉSTICA

1967

INÍCIO DO CURSO DE ECONOMIA DOMÉSTICA, DESATIVADO EM 1991

O ingresso em 1971 foi para graduação em ciências domésticas (CD), depois a denominação do curso mudou para economia doméstica (ED). Das vinte formandas, conseguimos reunir as trajetórias de dezoito delas.

Nas páginas a seguir, veremos a riqueza das experiências pessoais, a amplitude das carreiras profissionais e a grande contribuição para a sociedade.

Notaremos um grande investimento na realização de novos cursos, para atuação em nível superior nas áreas de educação e desenvolvimento humano. Destaque também para a área de alimentação, tão essencial no passado e ainda mais no futuro. As profissionais atuaram na melhoria da qualidade da alimentação e na gestão de organizações nos setores público e privado.

Há exemplos gratificantes de profissionais que se dedicaram à educação em diferentes níveis, à educação musical, defesa da profissão, gastronomia, estatística, literatura, psicanálise, publicidade e cinema.

Que alegria e emoção rever a trajetória das amigas da ED nessa estrada da vida em 50 anos!

ANÁLIA ABREU SAMPAIO LEME

Construção de um legado em educação

Formada em 1974, logo me casei. No ano seguinte, tive minha primeira filha. A segunda filha nasceu em 1977 e um filho em 1979. Nesse período, não exerci atividades profissionais fora do lar.

Trabalhei durante alguns anos como secretária no consultório médico de meu marido. Sem intenção de sair de Piracicaba e com dificuldade de emprego na área de economia doméstica, atuei como professora eventual na rede estadual de educação, ministrando aulas de ciências e educação artística. Voltei a estudar e em 1986 concluí o curso de magistério com especialização em pré-escola.

Em 1989 passei no concurso da Prefeitura de Piracicaba e assumi o cargo de professora de educação geral em um programa de educação complementar. Em 1990, fui aprovada no concurso para o cargo de professor I da Secretaria de Estado da Educação, acumulando os dois trabalhos.

Em julho de 1996, concluí o curso de pedagogia com habilitação em administração escolar e habilitação para o magistério pré-escolar na Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep). Nesse mesmo ano, fui convidada a assumir a direção de uma instituição de educação infantil municipal, onde pude aproveitar muito o conhecimento adquirido na economia doméstica, tanto para gerenciar a instituição quanto para orientar educadores, funcionários da cozinha, da limpeza e os próprios pais.

Em 2000, separada do marido, prestei concurso para o cargo de professora na rede municipal de educação de Campinas e para lá me mudei. Em 2003, fui aprovada no concurso de orientadora pedagógica dessa mesma rede e nesse cargo permaneci até a minha aposentadoria, em 2018. Em 2004, concluí o curso de pós-graduação *lato sensu*, nível de especialização em psicopedagogia no Centro Universitário Salesiano, de São Paulo.

Hoje moro em Campinas com uma filha e um neto. Minha primogênita está casada, tem uma filha e mora na Espanha. Meu filho e sua companheira moram na Itália. Dedico-me à família e atividades místicas e filosóficas.

ARLETE DE SOUZA CARDOSO PARO

Educação, promoção de intercâmbio e adoção

Graduei-me em julho de 1975 e regressei a Assis (SP), onde, durante um semestre, ministrei aulas de economia doméstica. Em 1976, prestei concurso para a pós-graduação em tecnologia de alimentos na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e fui aprovada. Ao mesmo tempo que fazia o curso, era *freelancer* da revista *Casa Claudia*, onde escrevia sobre equipamentos domésticos.

Namorava o Luiz Antonio Paro Junior (o Jaburu da agronomia da Turma de 1974). Em julho de 1976, ele deixou a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e foi para Coxim, então Mato Grosso. Em 1977 nos casamos e me mudei para Coxim, uma cidade sem asfalto, telefone e televisão. Quando chovia, era lama nas ruas. Na época da seca, uma poeira só.

Iniciei minha carreira de professora na Secretaria Estadual de Educação, onde por três anos também ministrei aulas na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais. Aposentei-me em 2005.

Nesse período, de 1970 a 1982 tive três filhos, que hoje também residem em Coxim e trabalham nos negócios da família. Coxim se urbaniza e até recebe extensão da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).

De 2005 a 2007, fui mobilizadora do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar) e retirei-me das atividades remuneradas, mas continuo minhas ações voluntárias.

Participei do programa de intercâmbio internacional AFS Intercultura Brasil durante vinte anos. Trouxe estudantes estrangeiros para nossa cidade, ao mesmo tempo que enviava coxinenses para o mundo, dois filhos meus foram para a Austrália. Trabalhei de 2005 até 2012 para uma entidade norueguesa que media a adoção internacional.

Com essa experiência, juntamente com duas assistentes sociais, fundamos em 2002 o primeiro grupo de apoio à adoção no Estado de Mato Grosso do Sul. Preparamos os pretendentes e os apoiamos no pós-adoção. Hoje, além das atividades do grupo, sou avó de sete netos, que preenchem todo o meu tempo.

BEATRIZ DE CASTRO VICTORIA

Gestão e paixão pela música

Na economia doméstica, sempre priorizei as áreas de educação, sociologia, artes e desenvolvimento humano. Depois de formada e casada com engenheiro agrônomo nativo de Piracicaba, morei alguns anos no exterior, onde meu marido fez especializações e pós-doutorado (Universidade de Saskatchewan, no Canadá, Universidade da Califórnia e Universidade de Washington, nos Estados Unidos). Nessas instituições, fiz alguns cursos nas áreas de desenvolvimento infantil, pedagogia e música, uma paixão antiga.

De novo em Piracicaba, voltei-me para a área musical, lecionando na Escola de Música de Piracicaba, onde permaneci por mais de trinta anos, atuando como pianista, cravista, organista, professora de piano, iniciação musical e história da música. Fui coordenadora musical e posteriormente diretora da Escola de Música. Apesar de nunca ter trabalhado diretamente com economista doméstica, o que aprendi em nosso curso foi primordial para minha carreira como musicista, professora e diretora.

Temos dois filhos, um deles esalqueano, e quatro netos.

CELINA PIGNATARI ROSAS MAMPRIN*

In memoriam (24/09/1952 - 16/12/2017)

Uma amiga encantadora, com brincadeiras inesquecíveis

A Celina era uma amiga querida e muito divertida. Ela gostava muito do curso de economia doméstica e da Esalq. Nascida em Bragança Paulista (SP), foi na faculdade que conheceu o seu marido, José Mamprin Neto, pai de seus filhos, Francisco e Gustavo. Entre todas as suas brincadeiras, uma inesquecível era quando ela se transformava na repórter de uma radio fictícia, a Rádio Funde Cuca, em que nos entrevistava sempre com algumas provocações e muito humor. Nessa programação ela também inseria muitos comerciais. E nós éramos as garotas-propaganda.

Anualmente sempre fizemos um encontro da turma em Piracicaba. A Celina nunca aparecia, até que em 2015 a encontramos em uma rede social e ela finalmente apareceu. Passamos o fim de semana juntas, mas infelizmente ela faleceu dois meses depois. Foi nosso encontro de despedida dessa amiga encantadora.

* Texto feito por amigas do curso de ED.

EDNA MARIA LEME GODOY DOS SANTOS

Em defesa da profissão

Fui presidente da Associação Brasileira de Economista Doméstica estadual e nacional. Nessa ocasião, pleiteamos junto ao secretário de Agricultura do Estado de São Paulo a inclusão da profissional de economia doméstica nas Casas da Agricultura do Estado.

Na década de 1980, cursei a Faculdade de Serviço Social de Piracicaba, onde fui professora de metodologia do serviço social, estágio supervisionado e orientadora de trabalhos de conclusão de curso.

Sou casada com Walter Godoy dos Santos. Temos cinco filhos e dez netos.

Os conhecimentos adquiridos na economia doméstica da Esalq sempre pautaram minha vida. Obrigada, Esalq!

ELIANA MARIA ROMANOS BENATTI

In memoriam

Uma casa dos estudantes, uma vida solidária

Nascida em Piracicaba em 11 de julho de 1952, deixou um legado marcante de amor, generosidade e dedicação à família e à comunidade. Esposa de Aldo Benatti Neto e mãe de três filhos: os gêmeos e agrônomos Matheus (Débi, 2002) e Thiago (Lóide, 2003), e o caçula e administrador Marcos. Sua vida foi um exemplo de amor incondicional e apoio aos seus entes queridos.

Sua paixão pela Esalq era incomparável. Aproveitava todas as oportunidades para celebrar o amor pela Escola e pelos colegas esalqueanos. Foi uma economista doméstica dedicada à aplicação dos valiosos conhecimentos acadêmicos na construção de um mundo melhor por meio de ações humanitárias e voluntariado em prol da sociedade mais carente.

Apesar da distância física de seus dois filhos mais velhos, que residiam nos Estados Unidos para os estudos de doutorado, ela encontrava conforto em acolher os estudantes da Esalq em sua casa. Por vezes, recebia os colegas de turma de seus filhos agrônomos para um delicioso almoço. Por outras, abria sua casa para as vizinhas e amigas que habitavam a república Quartel.

Conhecida por elas como "Tia vizinha", frequentemente proporcionava-lhes um afetuoso lanche da tarde acompanhado de deliciosos quitutes e guloseimas. Esses encontros não eram apenas momentos de partilha, mas uma forma de preencher o vazio deixado pela ausência dos filhos distantes.

Eliana jamais se esquecia das pessoas em maior aflição. Com gestos caridosos de solidariedade, fazia meticulosamente a seleção de alimentos, como frutas e vegetais doados pelo varejão do bairro, para dividi-los em sacolas que seriam doadas a seus amigos garis, pessoas carentes e vizinhos mais necessitados.

Eliana será lembrada não só pelo amor que dedicou à sua família, mas também pela maneira calorosa como acolhia e cuidava daqueles ao seu redor. Que sua memória continue a inspirar aqueles que tiveram o privilégio de conhecê-la.

"Agradecemos pela oportunidade de contribuir para essa celebração", finaliza a homenagem feita pelo seu filho Matheus Romanos Benatti.

ELISABETH RONCATTO

Em pauta, alimentação pública e privada

Iniciei minha jornada de trabalho em 1975, no Consórcio de Promoção Social em Americana (SP), com atuação também em Santa Bárbara d'Oeste (SP) e Nova Odessa (SP). Com uma equipe multidisciplinar, atuávamos nas comunidades carentes desses municípios efetuando orientação e treinamento nas áreas de saúde, alimentação e vestuário.

Em 1977, uma nova oportunidade se abriu, no departamento de promoção social da Prefeitura de Americana. Esse trabalho foi desenvolvido também com a equipe multidisciplinar que atuava em creches e no hospital municipal, entidades assistenciais em que a merenda e implantação de hortas comunitárias se tornavam fundamentais para o estímulo do consumo. Nesse período, lecionei em escola pública para alunos do segundo grau na área de saúde em Americana e Nova Odessa.

Buscando novos desafios, ingressei em 1979 na matriz da Johnson & Johnson, na cidade de São Paulo, para atuar na administração de restaurante industrial. Em 1981, me mudei para Campinas para a implantação do restaurante industrial da unidade de Jaguariúna (SP), permanecendo ali até 1986. Já em 1988, concluí o curso de nutrição na Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep), continuando a atuar em restaurantes industriais até me aposentar, em 2017.

Resido em Campinas, sou casada com Roberto Vicentin, com quem tenho dois filhos: Marcelo e Felipe.

ELISETE ALLEONI MARCOS

Desenvoltura em educação, estatística e pintura

Durante a graduação, desenvolveu atividades extracurriculares para aprimoramento de conhecimentos nas áreas de artes (pintura) e educação infantil, como orientanda dos professores Archimedes Dutra e Iracema de Sá, respectivamente. Atuou no planejamento e em aulas para crianças matriculadas no Centro de Educação Infantil, nível pré-primário, da Esalq.

Logo após a formatura, foi contratada pelo Colégio Salesiano Dom Bosco, instituto educacional do Serviço Social da Indústria (Sesi), como professora de cursos pré-primário, entre 1975 e 1980. Posteriormente passou a estagiar no Departamento de Matemática e Estatística da Esalq, sob orientação do professor Roberto Simionato de Moraes, atuando na análise estatística de dados experimentais, com utilização de recursos de computação eletrônica.

Entre 1984 e 1990, prestou colaboração a docentes da área de tecnologia de sementes da Esalq, sob supervisão do professor Walter Rodrigues da Silva, responsabilizando-se pela análise estatística de dados de ensaios conduzidos por docentes e pós-graduandos.

Assim, foi natural a realização de mestrado no Programa de Estatística e Experimentação Agronômica, sob orientação da professora Maria Cristina Stolf Nogueira, com dissertação defendida em 1994.

O programa de doutorado, iniciado em 1995, foi interrompido quando passou a residir em Columbus, Ohio, nos Estados Unidos, onde frequentou cursos de atualização de conhecimentos na Universidade Estadual de Ohio e desenvolveu atividades profissionais na área administrativa na Kroger Food Corporation e na rede de restaurantes La Chatellaine.

Após o retorno ao Brasil, passou a dar aulas de pintura em porcelana, atividade que ainda exerce graças à formação básica que teve durante o curso de economia doméstica e à experiência adquirida em estágios extracurriculares para o aprimoramento de conhecimentos.

ENEIDA ELISA MELLO COSTA

Desenvolvimento do cidadão e da profissão

Vim a Piracicaba recém-casada com o professor José Dias, o Zé do Café. A Esalq oferecia cursos semestrais com possibilidades de frequentar disciplinas conforme o tempo permitia. Como tinha e tenho preocupação com o desenvolvimento social, prestei vestibular para economia doméstica.

Era uma graduação muito exigente, criada no convênio MEC/Usaid, que contou com professores muito bons nas disciplinas de formação geral e nas específicas. Foi muito boa a interação entre nós, alunas da economia doméstica, e os alunos da agronomia. Viva a Turma de1974!

Como economista doméstica, trabalhei na Prefeitura de Piracicaba gerenciando as creches municipais. Planejamos e instalamos as creches domiciliares e uma creche em usina de açúcar. Na área de nutrição, fiz cardápios para trabalhadores rurais, que passaram a receber alimentação balanceada e quente onde estavam cortando cana, com o Programa de Alimentação do Trabalhador.

Nessa época, fiz concurso para a área de desenvolvimento humano do curso de economia doméstica, assumindo o Laboratório de Desenvolvimento Humano e as disciplinas da área. A creche da Esalq foi planejada e criada a partir da minha experiência.

Participei, pela Associação do Economista Doméstico Brasileiro (Abed), da luta pelo reconhecimento e regulamentação da profissão de economista doméstico junto ao Ministério do Trabalho e ao Ministério de Educação e Cultura.

Hoje sou aposentada e tenho seis netos já universitários. A vida é bela!

EVANILDA PERISSINOTTO PRÓSPERO

In memoriam (03/10/1953 - 18/06/2014)

Gastronomia com muito saber e todo prazer

Foi diretora do Serviço de Alimentação da Universidade de São Paulo (USP) na Prefeitura do Campus da Esalq, sendo responsável pela direção técnica e administrativa do restaurante dos docentes. Iniciou sua vida profissional no Setor de Alimentação Escolar da Prefeitura de Piracicaba. Em seguida, atuou no Plano de Integração Menor-Comunidade, da Secretaria de Desenvolvimento Social do Estado de São Paulo.

Esta piracicabana de descendência italiana se dedicou de forma singular ao desenvolvimento de sua carreira. Em decorrência de todos aqueles anos de buscas, experimentações e estudos, Evanilda nos brindou com o livro *Gastronomia: Saber e Cozer*, editado pela Fealq, em que revelou seus maiores segredos. A obra é fruto de uma seleção dos pratos mais saboreados diariamente nas mesas do restaurante dos docentes. É um livro que pode ser apreciado como os melhores pratos da casa, preparado com sabedoria, dedicação e honestidade, para ser degustado com calma, um pouco por dia, de modo que se sejam percebidos todos os aromas e temperos.

Foi casada com Alberto Próspero, com quem tem duas filhas, Carolina e Isadora, e dois netos, Jorge e Clara.

JUSSARA MARIA MEZZACAPPA DE MENDONÇA

Longa jornada em torno de profissões diversas

Minha trajetória profissional começou no Programa Intensivo de Mão de Obra em Economia Doméstica, através da Escola Técnica de Cerqueira César (SP). Após esse período, voltei a Piracicaba, onde trabalhei um tempo no Setor de Benefícios do Instituto Nacional de Previdência Social (INPS) e posteriormente na secretaria geral da M. Dedini Participações.

Logo em seguida, me mudei para Nashville, Tennessee, nos Estados Unidos, onde obtive nível avançado de inglês no Belmont College. Voltando ao Brasil, passei a trabalhar como secretária bilíngue no Grupo Diversificado, da Dedini. Após um longo período, me mudei para São Paulo, onde cursei turismo na Faculdade Ibero-Americana até o terceiro ano.

Voltando a Piracicaba, trabalhei durante algum tempo na Copersucar como secretária. Logo depois, fui para a Philips do Brasil, inicialmente como secretária bilíngue e depois como compradora internacional.

Em 1989, me casei com Aramis. Temos uma filha, Maria Fernanda. Nesse meio-tempo, morei no Pará, dentro do Projeto Jari, onde meu marido trabalhava. Voltando, fomos trabalhar na Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo (Fatec) de Jaú (SP), onde lecionei inglês e português. Para isso, cursei mais uma graduação, na Faculdade de Letras da Fundação Educacional de Jaú.

Aposentei-me em 2013. Fiquei viúva em 2016. Hoje, moro em Piracicaba, minha filha está casada e me abençoou com três netos: Pedro, Alice e Elisa.

MARIA ANTONIA MENDES FIORE DE ANDRADE

Formando e instruindo pessoas

Logo após a formatura, iniciei trabalho no Serviço Social da Indústria (Sesi) ministrando cursos na área de educação alimentar e culinária, função que encerrei em 2014. Eram atividades de ensino informal, frequentadas geralmente pelas esposas de trabalhadores beneficiários do Sesi, visando introduzir conhecimentos nutricionais no preparo das refeições diárias. As aulas eram teóricas e práticas e incluíam temas variados como: elaboração de cardápios, pratos variados, congelamento de alimentos, docinhos e salgadinhos para festas, bolos decorados, lanches etc.

O Sesi criou também um projeto chamado Alimente-se, com cursos para o aproveitamento integral de alimentos para uma dieta mais saudável. Minha função era planejar e divulgar os cursos e ministrar as aulas e palestras dentro das empresas. Trabalhei os primeiros três anos em Americana (SP) e os demais em Piracicaba. Não tenho computado o número de alunos, mas com certeza foram milhares atendidos.

Acredito que a universidade me forneceu toda a base para meu desempenho e hoje me sinto realizada com todo o trabalho executado.

MARIA INEZ PASSINI LIMA (BIJE)

Educação, abastecimento e o prazer de ser mãe

Iniciei minha carreira profissional em 1975, lecionando na Escola Agrícola de Paraguaçu Paulista (SP), onde havia dois cursos profissionalizantes: técnico em agricultura e técnico em economia doméstica. Dei aulas também para o ensino fundamental (de 5ª a 8ª séries) em algumas cidades da região: Assis, Ibirarema e Florínia. Em 1978, trabalhei na área de economia doméstica no Serviço Social da Indústria (Sesi) no Ipiranga, em São Paulo.

Em 1980, me casei com Ercílio Vieira Lima, engenheiro agrônomo, e me mudei para Londrina (PR), onde resido até hoje. Tenho três filhos. Por meio de um acordo mútuo entre mim e meu esposo, deixei o trabalho fora de casa e tive o prazer de ser mãe, cuidando e educando. Hoje, tenho como filhos três maravilhosas pessoas. São duas mulheres e um homem e seis netos que encantam a minha existência.

Em 1995, a Prefeitura de Londrina abriu concurso para economia doméstica. Trabalhei no setor de abastecimento da Secretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento de 1996 até 2022, onde fui responsável por diversos projetos, como Restaurante Popular, Educação Alimentar, Feiras do Produtor e de Produtos de Época. Juntamente com a Vigilância Sanitária, ministrei cursos de boas práticas de produção para funcionários da área de alimentos de Londrina, formação obrigatória por lei municipal, oferecendo à cidade alimentação segura.

Aposentei-me em dezembro de 2022, finalizando a minha vida profissional com orgulho de minha trajetória.

MARIA MARILENE BRUNELLI PEREIRA

Mundo afora, uma vida pela família

Terminando a faculdade, percorri em São Paulo agências de emprego e decidi preencher os formulários com a função de nutricionista. Consegui um trabalho como encarregada de restaurante na Refinadora Paulista, em Piracicaba, por um ano. Com a experiência adquirida nesse trabalho, consegui uma posição melhor na Johnson & Johnson, em São Paulo, como nutricionista.

Nesse tempo, conheci meu marido, que já estava morando nos Estados Unidos. Naquele período, ele estava fazendo auditoria na Monsanto, na capital. Namoramos durante dois anos por correspondência. Trabalhei até outubro 1979 e nos casamos em dezembro daquele ano.

Desde então, moro nos Estados Unidos, já faz 44 anos. Mas, durante esse tempo, vivemos alguns anos na Guatemala, Colômbia e Bélgica, eu sempre acompanhando meu marido no trabalho de diretor da Monsanto. Voltamos da Europa diretamente para a Flórida, onde estamos vivendo até hoje.

Temos dois filhos, Andre Michael e Karla Ann, e quatro netos. E hoje meu trabalho é este: curtir meus netos e consolidar meu legado de família!

MARIA TEODORA DE BARROS OLIVEIRA

Tecnologia no sertão, antropologia e psicanálise

Recém-graduada em 1974, assumiu por um ano o trabalho de extensão rural, lotada no Colégio Técnico Agrícola de Taquarivaí, então distrito do município de Itapeva (SP). Ao final de 1975, foi convidada a prestar concurso para professora assistente na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), tendo sido aprovada na área de administração familiar. Fez seu mestrado em antropologia cultural na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), recebendo o título de antropóloga em 1991.

Realizou pesquisa de campo no sertão, em programa voltado para a difusão de inovações tecnológicas adaptadas ao pequeno produtor rural do semiárido, para que este resistisse ao impacto da seca. Escreveu a dissertação *Acusações de Extensionistas Rurais: Seus Significados no Exercício da Profissão*.

Foi membro da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e passou a lecionar antropologia para os cursos de engenharia, além de zootecnia, cooperativismo, história e economia doméstica na UFRPE. Paralelamente, iniciou, em 1997, sua formação de psicanalista no Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise, em Recife (PE), convocante da Reunião Lacanoamericana de Psicanálise e da Jornada Freud-Lacaniana de Psicanálise de Recife. Fez parte da comissão organizadora e apresentou trabalhos em várias jornadas.

Em 1999, como representante secretária da Casa de Cultura Guimarães Rosa de Porto Alegre em Recife, fez o lançamento da primeira transcriação do livro *Finnegans Wake*, do escritor irlandês James Joyce, a cargo do professor doutor Donaldo Schüler, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Participou de grupos de leituras literárias na Escola de Psicanálise, como de *Ulysses* e *Finnegans Wake*, de Joyce. Organizou, no início do ano de 2000, um curso sobre o filósofo pré-socrático Heráclito e outro sobre o *Finnegans Wake*, também a cargo do professor Schüler.

Ao se aposentar como professora, continuou com sua formação em psicanálise, atendendo em consultório próprio. Atualmente, diminuiu as atividades de atendimento, mas permanece no grupo de estudos lacanianos do Traço Freudiano, onde participa de atividades de estudos da psicanálise.

NEUSA YOSHIMI FURUKAWA MANO

Empreendedora e inovadora ao lado da família

Após a formatura, casei-me em 18 de janeiro de 1975 com Luiz Takashi Mano, engenheiro agrônomo da Turma de 1974. Fomos morar no Paraná, primeiro em Londrina e depois em Apucarana, onde estou até hoje.

Temos quatro filhos: Leonardo, que mora em Barreiras (BA); Marcelo, que mora em Apucarana; Melissa, que mora em Brasília; e Gilberto, que mora em Londrina.

Na década de 1980, ministrei aulas no Estado e me desliguei delas. Passei a acompanhar meu marido em suas atividades: a fazenda em Barreiras e a fábrica de frascos (Frascobrás) em Apucarana.

Em 2000, Maria Teresa Iwakura e eu desenvolvemos o suco com leite de soja. Em 2007, por sugestão do meu filho, optamos por fazer o suco natural de laranja, sem soja.

Após o falecimento do Mano, em outubro de 2020, Marcelo está à frente da fábrica e eu o acompanho.

RAQUEL MEDEIROS DE ALMEIDA PENNA

Persistente, superando as dores e tocando em frente

Após nossa formatura em 1974, já casada e com filhos pequenos, deixei os estudos para cuidar dos meninos por alguns anos.

Em 1985, me divorciei e, com as crianças maiorzinhas, tive que me submeter a cirurgias na coluna. Depois de ter recuperado a saúde, comecei a trabalhar na Prefeitura de Piracicaba, na fiscalização das merendas escolares na periferia e, em seguida, na Ação Cultural, onde ajudei o coordenador Roberto Dil no coral.

Nessa época, recebi um convite do professor Frederico Maximiliano Wiendl, que seria meu orientador, para iniciar a pós-graduação no Centro de Energia Nuclear na Agricultura, da Universidade de São Paulo (Cena/USP) em efeitos da radiação gama do cobalto-60 em tomates (*LycopersiconesculentumMill.*) e tive a formação concluída em 1994.

Em seguida, precisei me submeter a nova cirurgia na coluna, que me impossibilitou de dar continuidade no trabalho da pós-graduação, com necessidade de ir a São Paulo para começar um novo projeto. Depois de alguns anos, montei com uma colega uma confecção de uniformes profissionais, onde trabalhei por um período até me aposentar.

Tenho quatro filhos: Gabriel Fernando, Francisco Eduardo, Paulo Rodrigo e Ana Tereza, e três netos: Francine, William Alexander e Ana Beatriz.

REGINA MARIA CORRÊA DA COSTA (RECA)

Magia e paixão: "luzes, câmera, ação!"

A princípio, fiquei relutante em mostrar minha trajetória, uma vez que não trabalhei na área de economia doméstica. Sou de Sorocaba (SP) e fui morar em Piracicaba com meus pais em 1973, quando me interessei pelo curso, que na época se chamava Ciências Domésticas.

Durante a faculdade, ao ter a matéria arquitetura de interiores, descobri que eu adoraria ter feito arquitetura. Assim que terminamos o curso, por indicação de uma professora, fui trabalhar na Oca Arquitetura. Na época, essa empresa fazia os interiores de praticamente todos os prédios estatais, bem como as residências funcionais do governo federal em Brasília.

Foi um trabalho bem interessante, que durou de 1976 a 1978. Me casei em 1979 e passei a administrar umas lojas de moda jovem. Nessa época, fui voluntária no Hospital Infantil Darcy Vargas, uma das fases mais encantadoras que já passei.

Nas voltas que a vida dá, certa vez, visitando uma amiga em um estúdio de filmagens, fiquei encantada com a cenografia, a iluminação, a sonoplastia, o figurino e todo aquele clima lúdico. Foi mágico! Resultado: trabalhei com cinema por 28 anos, a maior parte deles na produtora O2 Filmes, do diretor Fernando Meirelles.

Fui diretora de produção em centenas de filmes publicitários, alguns deles vencedores de prêmios nacionais, como o Profissionais do Ano, e internacionais, como o Cannes Lion Internacional Festival of Creativity.

Apesar de sempre fugir dos longas-metragens, trabalhei no filme *Mr. Magoo*, do The Walt Disney Studios, em que 50% das cenas foram rodadas no Brasil, em Foz do Iguaçu (PR). Também produzi uns poucos documentários, sendo que um deles, o americano *Send a Bullet*, foi premiado como melhor documentário no Sundance Film Festival em 2007. Em 2014, tive um problema de doença na família e decidi dar um tempo nas filmagens. Resultado: acabei me aposentando de vez.

Tenho um filho, Alex, uma neta, Manuela, e um netinho, que está a caminho, mas ainda não sabemos seu sexo.

Capítulo 5

“NÓS SOMOS DA AGRONOMIA...”

ESALQ/USP - QUADRO DE FORMANDOS DA 72ª TURMA DE ENGENHARIA AGRONÔMICA E DA 5ª TURMA DE ECONOMIA DOMÉSTICA

CERIMÔNIA DE FORMATURA DO CURSO DE ENGENHARIA AGRONÔMICA

Em 1971, matricularam-se no curso de engenharia agronômica 203 aprovados no vestibular de 1970. Dez desistiram ou mudaram de escola. Cinco colegas optaram pelo curso de engenharia florestal, logo após a sua criação. A turma da engenharia agronômica ficou então com 188 colegas. Um levantamento da turma indica que 33 deles "partiram antes do combinado", a maioria após a formatura.

Nas páginas seguintes estão as trajetórias de 111 colegas. Para 21 deles, não conseguimos atualizar as informações e utilizamos como base o texto publicado no livro *Amigo É Coisa pra Se Guardar...*, escrito por Otavio e Regina Bauer, para celebrar os 25 anos de formados da Turma de 1974 em 1999. Desde fevereiro de 2024 fizemos esforços, sem sucesso, para localizar um bom número de colegas.

Ao longo de cinco décadas, os profissionais da T-74 sentiram na pele as diferentes realidades políticas, econômicas e sociais do Brasil. Mas a sensação que sobressai em nossos corações e mentes é de muitas realizações.

Analisando as trajetórias, nota-se um amplo espectro de atuação na agricultura e no agronegócio.

As áreas de maior especialização e trabalho da turma foram: pesquisa e tecnologia, inclusive associada com o ensino; produção agropecuária nas propriedades rurais, seja tocando negócios da família ou empreendendo no decorrer da vida; assistência técnica, extensão e crédito rural; setor de insumos e indústria de processamento; economia; jardinagem e meio ambiente.

Evidentemente, houve um entrelaçamento entre as atividades específicas com o trabalho em entidades e associações de classe, cooperativas, atuação em gestão pública nos governos municipal, estadual e federal.

A T-74 ajudou a desbravar fronteiras e a construir o futuro da agricultura brasileira.

ABEL CIRO MINNITI IGREJA

Vivendo e produzindo ciência com excelência

Nasci em Piracicaba. Depois de formado, sempre trabalhei na área de economia rural, primeiramente na Fundação Getulio Vargas (FGV), onde fui colega do Ivan, do Fochi e do Lombardi. Depois, no Instituto de Economia Agrícola, onde me dediquei a aplicar métodos quantitativos a estatísticas agrícolas.

No Instituto de Zootecnia (IZ), também me dediquei à análise do setor pecuário.

Fiz mestrado pela Esalq e doutorado pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Publiquei inúmeros trabalhos científicos e capítulos de livros.

Um fato curioso do tempo da Esalq: nas aulas noturnas de estatística aplicada à economia, constatávamos que havia duas pessoas que não apreciavam nem um pouco estar ali: o professor e o Guido!

ALBERTO KUNIO KIKUDA (KIKUDA)

O trabalho e o tênis como combustíveis da vida plena

Durante o curso, fui morador da república Grade. Foram quatro anos de ótima convivência e muito aprendizado. Após a formatura, em 1974, iniciei minha trajetória profissional como assistente técnico de vendas de defensivos agrícolas na Rhodia. O emprego até que era bom, mas uma nova oportunidade apareceu na área de planejamento e projetos agrícolas para crédito rural, em que tive um próspero e promissor período profissional.

Aproveitando o ótimo momento, casei-me com Regina, que considero minha consultora espiritual. A energia dessa união, além dos filhos, favoreceu um novo desafio, que apareceu com uma proposta que consideramos oportuna. Assim, partimos para o município de Nobres, em Mato Grosso, para desbravar uma área virgem, totalmente inóspita, com produção de arroz e soja.

Muitas histórias poderiam alongar essa aventura, mas, para resumir, ficamos nesse local por cinco anos, deixando uma boa área aberta, corrigida, com uma boa estrutura para produção de sementes de arroz e posteriormente de soja.

A chegada dos filhos mudou os rumos. Em um dos nossos passeios em visita aos familiares, surgiu a oportunidade de um novo negócio, agora em Goiatuba (GO), no ramo comercial. A opção foi muito boa, tivemos uma boa melhora na qualidade de vida e, durante 35 anos na atividade de fornecedor de combustíveis, ficamos bem conhecidos na cidade, exercendo importantes cargos na Câmara de Dirigentes Lojistas e na Associação Comercial e Industrial de Goiatuba.

Hoje, estou aposentado, e usamos nosso tempo em atividades sociais e esportivas como tênis e sinuca, além de pequenos trabalhos nas áreas de seguros rurais e corretagens de fazendas. Também estou concluindo o curso de perito judicial na área agrícola, onde espero atuar para continuar me atualizando agronomicamente e contribuindo com a comunidade local.

ALBERTO PIMENTEL DE MELLO (PIMENTEL)*

Do crédito e da extensão para a produção

Depois de formado, trabalhou, entre 1975 e 1990, na área de assistência técnica e extensão rural do banco Banespa. Em 1981 e 1982, foi agrônomo do Banco do Brasil. A partir de 1990, tornou-se agricultor e pecuarista leiteiro em Itararé (SP).

Casou-se com Dirce Pedroso Pimentel de Mello, com quem tem três filhas: Camila, Mayra e Beatriz.

* A partir do livro *Amigo É Coisa pra Se Guardar...*

ALDA LUIZA S. LERAYER

Genética para a vida, na fronteira de novas tecnologias

A genética foi sempre uma paixão, escolhida desde o científico. Já no primeiro ano da Esalq, iniciei um estágio no Departamento de Genética. A partir do terceiro ano, com uma bolsa de iniciação científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), trabalhei com plantas e depois, definitivamente, com microrganismos.

Por falta de opções de trabalho, já que os concursos para o funcionalismo público eram a primeira opção de emprego na época, fiz estágio no Instituto Biológico da Bahia, hoje Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (Ceplac), onde publiquei meus primeiros trabalhos científicos com controle biológico de pragas do cacau.

Voltei à Esalq para o mestrado, iniciando trabalhos com o fungo *M. anisopliae*, que depois se tornou a principal arma para o controle biológico das cigarrinhas-das-pastagens e de outras plantas. Ao mesmo tempo, entrei no Instituto de Botânica, já cursando o doutorado, e, pouco depois, fui convidada para trabalhar no Instituto de Tecnologia de Alimentos (Ital), no Centro de Tecnologia do Leite, onde fiquei por 28 anos.

Fui a primeira aluna da genética a fazer uma tese "sanduíche" no Institut National de La Recherche Agronomique, na França. Lá, desenvolvi a primeira bactéria láctica geneticamente modificada para a indústria de queijo camembert. Fiquei dois anos e me casei, tendo dois filhos lindos, Alexandre e Paolo.

De volta ao Brasil para um pós-doutorado, mantive colaboração de pesquisa com a França durante muitos anos. Ao mesmo tempo, fui professora de fermentações industriais, de microbiologia e de biotecnologia na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e na própria Esalq, tendo orientado vários alunos de mestrado e doutorado.

Tornei-me consultora em fermentações lácticas da Comunidade Europeia para alimentos, nutrição e saúde da Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial. Após

muitos artigos científicos e capítulos de livros publicados e alguns prêmios, era hora de ir para o setor privado e assim o fiz, depois de ter recebido um convite para ser diretora-executiva do Conselho de Informações sobre Biotecnologia (CIB), desmistificando informações negativas sobre os organismos geneticamente modificados (OGMs) ou transgênicos, desmantelando, inclusive, campanhas de várias organizações não governamentais, além de auxiliar na redação a Lei de Biossegurança.

Dar aulas de biotecnologia para deputados e senadores não foi fácil. Faltava a área regulatória e foi justamente essa que abracei, trabalhando para empresas internacionais e brasileiras no Brasil e na América Latina, sempre envolvendo genética, desde 2011. Como a inovação e os desafios me atraem, trabalho também na área médica, com a regulamentação dos incríveis medicamentos de terapia gênica para doenças raras. É um maravilhoso mundo novo da genética. E vamos continuar! Viva!

ANA MARIA CAVIOLI*

Crédito rural, contabilidade e saúde pública

Em 1975, trabalhou na área de recomendações técnicas da Adubos Manah. Depois disso, entre 1975 e 1989, atuou em atividades de campo, tanto no departamento de crédito rural quanto na Finasa Assessoria de Crédito Rural, no Banco Mercantil de São Paulo.

A partir de 1989, atuou como engenheira agrônoma na Secretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento. Em 1997, transferiu-se para a Vigilância Sanitária municipal.

Fez cursos em administração de empresas na Fundação Getulio Vargas (FGV) em nível de pós-graduação *lato sensu* no período de 1981 a 1983, com especialização em análise contábil financeira. Além disso, especializou-se em saúde pública e vigilância sanitária pela Universidade de Ribeirão Preto (Unaerp), no Centro de Pós-Graduação.

* A partir do livro *Amigo É Coisa pra Se Guardar...*

ANTONIO AUGUSTO MORANDO FIGUEIREDO (CHÃO)

Executivo de fato, empreendedor nato

Nascido em Altinópolis (SP) em 13 de junho de 1951, é filho, neto e bisneto de fazendeiros cafeicultores e pecuaristas.

Depois de formado em 1974, regressou no ano seguinte para a cidade natal, onde trabalhou com a cultura do café, prestando assistência técnica agronômica para cafeicultores da região. Durante a permanência no município, administrava a fazenda de café da família.

Em 1976, com a chegada do Programa Nacional do Álcool (Proálcool), ingressou na Copersucar, onde a principal função era elaborar projetos do Proálcool para usinas cooperadas e prestar serviços de assistência técnica agronômica na área de cana-de-açúcar. Durante quatro anos na empresa, participou da elaboração de inúmeros projetos.

Contratado pela Usina Santa Rita em 1980, assumiu os encargos de engenheiro agrônomo. Posteriormente, foi diretor agrícola e, finalmente, superintendente até 1995.

A partir de 1985, iniciou a atividade de pecuarista, comprando ao longo dos anos algumas glebas de terras no município de Bonópolis (GO). Trabalhou na criação e seleção do gado Nelore

e, por volta do ano 2000, começou a inseminar as vacas do seu rebanho com touros da raça Angus.

Ainda em 1985, ingressou na empresa produtora e exportadora de café solúvel, a Cocam, de Catanduva (SP), assumindo as diretorias industrial e comercial, onde permaneceu até 2010.

No ano seguinte, implementou nas suas propriedades a lavoura de soja, passando a trabalhar com o sistema de integração lavoura-pecuária (ILP).

Em 2015, implantou o sistema de inseminação artificial em tempo fixo (IATF) em todo o rebanho bovino. A partir daí, iniciou o fornecimento de bezerros meio-sangues Angus para frigoríficos que trabalhavam com cortes de carnes especiais, visando à qualidade e padronização de carnes. Trabalha até hoje com ILP, na integração de capim consorciado com soja, permitindo a alternância do grão com o boi na mesma área.

De seu primeiro casamento, tem três filhos – Marcela, Carolina e Antônio Augusto (Guto) – que lhe deram quatro netos: Maria Luiza, Isabela, João Pedro e Luiz Felipe. É casado com Eugênia, com quem tem uma filha, Maria Eduarda.

Hoje, aos 73 anos, dedica-se exclusivamente a suas propriedades em Goiás, onde recebe vizinhos e muitos amigos. E falta dizer que é um grande apreciador de vinhos.

ANTONIO CARLOS CARVALHO ANTONINI (BISPO)

Assistência técnica como missão de vida

Formado, trabalhou entre 1975 e 1976 na divisão de engenharia do Instituto Agronômico de Campinas (IAC), com sede em Jundiaí (SP). Depois, fez toda a carreira na Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati), primeiro na Casa da Agricultura de Tambaú (SP), onde ficou até 1977, passando para a Casa da Agricultura de Santa Cruz das Palmeiras (SP), onde ficou até 1978, e pela Delegacia Agrícola de Casa Branca (SP), entre 1978 e 1980. Por fim, permaneceu, até 2016, na Casa da Agricultura de Porto Ferreira (SP). Muitos desses trabalhos foram concomitantes.

Em 2000, concluiu um mestrado em fitotecnia no Departamento de Horticultura da Esalq, com a dissertação com título *Características Produtivas de Híbridos e Cultivares de Berinjela*.

Em 2016, após 41 anos de serviço, aposentou-se.

É casado com Carmen Aparecida Arnoni Carvalho Antonini, com quem tem uma filha, Marília.

ANTONIO CELSO GEMENTE (CELSO)

Economia, ciência e filosofia

Em 1975, passou a dar aulas na Escola de Agronomia da Fundação Faculdade de Agronomia Luiz Meneghel (FFALM), de Bandeirantes (PR), atual Universidade Estadual do Norte do Paraná (Uenp). De 1976 até 1980, foi pesquisador da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) em Coronel Pacheco (MG), após ter cursado o mestrado em economia agrária na Esalq.

Entre 1981 e 1990, foi pesquisador do Programa Nacional de Melhoramento da Cana-de-Açúcar (Planalsucar), em Piracicaba, atuando em economia e na área industrial. A partir de 1991 foi professor da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), campus de Araras (SP), onde lecionou até 2012.

Cursou doutorado em educação na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), defendendo tese em 1996. Cumpriu programa de pós-doutorado na área de estudos darwinistas pela Universidade da Flórida, de 2004 a 2005.

Convive com Rosa Maria Caño, sem filhos. Cultiva leituras relacionadas normalmente a ensaios na área de filosofia e história da ciência.

ANTONIO CLÁUDIO LOMBARDI

In memoriam

Lembranças, grande amigo e companheiro

Durante os anos na Esalq, foi muito atuante no centro acadêmico, o Calq, como vice-presidente educacional na gestão 1973-74 e presidente no período 1974-75.

Iniciou a atividade profissional na Fundação Getulio Vargas (FGV), no Rio de Janeiro, em agosto de 1975, na mesma equipe em que trabalhavam Abel, Fochi e Ivan. Em 1978, transferiu-se para São Paulo, atuando na Secretaria de Negócios Metropolitanos.

Ainda em 1978, foi para o Programa Nacional de Melhoramento da Cana-de-Açúcar (Planalsucar), em Piracicaba, tendo permanecido na instituição até 1987. No mesmo período, atuava nas atividades de produção de cana-de-açúcar e pecuária de corte em propriedades da família. Após a saída do Planalsucar, concentrou-se nos negócios familiares, tendo iniciado um projeto de construção de uma destilaria de álcool.

Lombardi era muito intenso e festeiro. Em 1979, ele e o Dega foram os principais organizadores da comemoração do primeiro encontro quinquenal da Turma de 1974, em uma chácara em Santa Terezinha, na beira do Rio Piracicaba. Eu lembro com saudade a convivência com o Lombardi, nas andanças a trabalho e nos bares da vida – no Rio, São Paulo e Piracicaba –, inclusive depois dos anos espetaculares da Esalq.

Duas cenas clássicas: no Rio, no final da tarde de uma segunda-feira, fomos tomar chope no Garota de Ipanema: na mesa ao lado, Tom Jobim cantava samba batucando em uma caixa de fósforo. Em outra ocasião, andando após o almoço na Rua Mem de Sá, perto dos Arcos da Lapa, topamos com uma pessoa cambaleando que nos diz: "Vamos tomar uma cerveja?" Fomos, tomamos duas, pagamos e ele partiu. "Tire o seu sorriso do caminho/ que eu quero passar com a minha dor". Era Nelson Cavaquinho, autor da obra-prima "A flor e o espinho".

* Texto preparado por Ivan Wedekin em nome dos amigos.

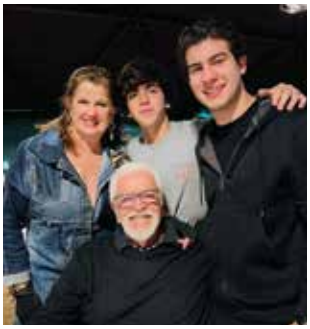
ANTONIO LUIZ VILLALVA (ZÉ COLMEIA)

Construtor de lentes e de lazer permanente

Moro em São Paulo, capital, e sou casado com Maria Aparecida de Toledo Villalva, tenho duas filhas, um filho e três netos. Continuo sendo são-paulino fanático.

Minha trajetória como engenheiro agrônomo foi muito curta, pois, ao me formar, fui trabalhar na Usina Santo Alexandre, em Mococa (SP), que pertence à família do nosso colega Mococão.

Lá, fiquei por uma safra e recebi um convite para trabalhar em uma empresa de projetos rurais chamada Etapa, cuja finalidade era liberar e fiscalizar financiamentos bancários. Após um ano, fui convidado a abrir um escritório dessa empresa em Ribeirão Preto (SP), lá permanecendo por dois anos.



A mudança veio com a doença do meu pai, que era proprietário de uma empresa chamada Tecnótica Lentes Oftálmicas, que fazia lentes de óculos para óticas. Aí me mudei para São Paulo e acabei trabalhando nessa empresa por mais de quinze anos. A partir de 1989 comecei a construir casas de alto padrão no Condomínio Acapulco, no Guarujá (SP). Após ter feito catorze casas, encerrei minhas atividades em 2018.

Hoje, estou aposentado e curtindo a vida.

ASDRUBAL LACERDA COELHO DE PAULA (BAXO)

Cercado por cinco mulheres e muito comércio

Nasci em 5 de julho de 1953, na cidade de São Paulo, capital. Estudei no Colégio Dante Alighieri do pré-primário até o terceiro ano do colegial.

No final de 1970, aos 17 anos, ingressei na Esalq, tendo me formado na Turma de 1974 com 21 anos, quando me mudei para São Carlos (SP), passando a morar e trabalhar na Fazenda Jabaquara, de propriedade de meus pais. Sofremos as geadas de 1975, 1979 e 1981, que nos levaram a abandonar o plantio de café, atividade principal da fazenda.

Nesse período, me casei, em 1978, com Maria Angela, tendo com ela quatro filhas: Maria Lucia, casada com João Paulo, ambos formados na Fundação Getulio Vargas (FGV), pais do Rafael, da Gabriela e da Carolina; Ana Luiza, arquiteta pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da

Universidade de São Paulo (FAU-USP), casada com Rodrigo, médico pela Faculdade de Medicina da USP de São Paulo, pais de Francisco, Isabel e Henrique; Maria Beatriz, solteira, médica pela Medicina da USP de São Paulo; e Ana Carolina, casada com André, ambos formados em engenharia florestal pela Esalq e pais do Marcelo.

No campo profissional, fui fundador, em 1976, e sócio da empresa Herbi Agro, voltada para o comércio de insumos agrícolas, da concessionária Yamaha Moto 36, com sede em Araraquara (SP), da qual me desliguei em 2019, tendo fundado e sendo sócio atualmente da TAG Motos, concessionária Yamaha em São José do Rio Preto (SP) e região. Desde 1982, sou sócio e diretor da Aufi Veículos, concessionária Fiat de São Carlos (SP).

BENEDICTO RAYMUNDO FERREIRA (DITINHO PIRAJU)

Do Banespa para duas fazendas

Formado, trabalhou como autônomo até junho de 1976, quando ingressou no banco Banespa, onde permaneceu até dezembro de 1995. Desde então, administra duas fazendas de sua propriedade em Piraju (SP), onde explora atividades de cafeicultura, bovinocultura de corte e eucalipto para produção de celulose.

É casado com Catarina Maria Laurenti Ferreira, com quem tem três filhos: Danilo, Karina e Aline.

Vive em Bauru (SP).

CARLOS ALBERTO BARTH FREITAS (BARTH)

A encruzilhada e a irrigação que salva

Quando estamos decidindo como será nossa vida profissional, com 17 ou 18 anos de idade, ainda não nos sentimos preparados. Somado também ao traumático exame vestibular.

Comigo não foi diferente e, para garantir, fiz seis meses do Curso Luiz de Queiroz, participando ativamente das aulas e dos corujões, aquela aula que começava às 6 da noite e ia até o meio-dia do dia seguinte. Para garantir, me inscrevi para a prova em três vestibulares: Faculdade de Engenharia Industrial, Geologia da USP e Esalq.

A maior zebra foi quando saíram os resultados, pois passei nos três. A decisão pela Esalq veio das palavras de alguns dos "mais velhos": "Não tem nem que pensar, é a agronomia de Piracicaba". Assim foi. Se estivesse hoje nessa encruzilhada, escolheria a nossa Esalq novamente.

Classificamos uma pessoa como doida ou visionária após conhecermos o resultado. E assim aconteceu, pois praticamente meu primeiro emprego definitivo foi com um empresário doido que, em 1975, resolveu trabalhar com irrigação por gotejamento em uma época em que a irrigação era muito pouco valorizada e o gotejamento ainda era incipiente na sua terra natal – Israel. Hoje, esse empresário é reconhecido como um visionário.

Lembram-se das aulas do professor Olita, de irrigação e drenagem, que chamávamos "irrigação de bobagem" ou "irritação e bobagem"? Essa era nossa percepção na época.

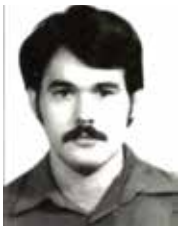
Comecei a trabalhar com irrigação e permaneço até hoje.

Certa vez, um cafeicultor de Franca veio a mim desesperado, pois tinha uma dívida no banco e dependia da produção seguinte do seu café para pagar. Era setembro, o café já ia florido e não havia previsão de chuva. A situação era dramática, e assim ele me procurou, dizendo que eu era a única esperança para ele não ter que entregar suas terras. Era uma quarta-feira. Fiz o projeto, saí com ele para comprar os materiais e, no sábado, saiu água pelos aspersores no cafezal.

Até hoje, quando nos encontramos, ele cita o fato de eu ter salvado sua vida. Naquele sábado, quando saiu a água pelos aspersores, ele ficou debaixo da chuva da irrigação e chorou.

Para mim, esse foi um dos "causos" mais marcantes em todos estes 49 anos de irrigação.

CARLOS AUGUSTO PEREIRA MOTTA (MOTTA)*



Crédito, pesquisa e tecnologia

Em 1975, trabalhou na área de crédito rural da Nacional Planejamento e Estudos, atuando nos estados de São Paulo e Paraná. Entre março e setembro de 1976, trabalhou na Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati), em Campinas (SP). Ainda em 1976, ingressou no Instituto Agronômico do Paraná (Iapar), onde desenvolveu pesquisas em tecnologia de sementes. Fez mestrado em 1986 pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), no Rio Grande do Sul, e doutorado na Esalq em 1994.

Casou-se com Sônia Maria Guirado Bette, graduada em economia doméstica na Turma de 1974. Tem quatro filhas: Maíra, Maitê, Lígia e Vívian.

* A partir do livro Amigo É Coisa pra Se Guardar...

CELSO NORIMITSU MIZUMOTO (MIZUMOTO)

Dedicação à avicultura, ao Japão e sua cultura

Natural de Bastos (SP), além da graduação em agronomia em 1974, formou-se em ciências contábeis pela Universidade de Marília (Unimar) em 1975, com pós-graduação em economia pela Fundação Getulio Vargas (FGV) em 1984, pela Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra em 1985 e mestrado em comunicação pelo Programa de Pós-Graduação Interunidades em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo (USP) em 1995.

Iniciou as atividades profissionais ainda jovem, ajudando os seus pais na avicultura. Mesmo durante os estudos universitários, nas férias escolares ajudava na granja da família. No último ano da faculdade, aos 22 anos, assumiu a administração de uma das unidades de produção da família em Echaporã (SP).

Formado, abriu em 1977 sua primeira granja de produção de ovos em Assis (SP). Em 1979, entrou como sócio de seus irmãos na Fábrica de Rações Sertaneja, depois transformada em

Mizumoto Alimentos. Em 1980, atuou na Granja Mizumoto Comércio, Exportação e Importação, que chegou a ser um dos maiores produtores de ovos do Brasil na década de 1980.

Em 1982, trabalhou na Madeireira Canela e na Mecânica Labor, na construção de aviários e equipamentos avícolas. Avançou para a produção de bandejas de ovos no segmento de indústria de papel. Produziu ovos líquidos e em pó para aproveitamento de ovos e busca do mercado externo.

Foram dezessete granjas de produção de ovos, distribuídas em Bastos, Assis, Sorocaba (SP), Brasília e nos estados do Paraná e Bahia. A Granja Mizumoto chegou a mais de trinta depósitos de vendas de ovos pela Grande São Paulo, Grande Rio, Curitiba, Salvador, Belo Horizonte e Belém.

Entre as atividades administrativas dos negócios da família, manteve contatos, nas esferas municipais estaduais e federal, nas áreas financeira e administrativa, tratando da regulação legal das atividades econômicas junto ao Legislativo e ao Executivo em viagens a Brasília.

Com inúmeras viagens, conheceu o território brasileiro e países das Américas, Europa e Ásia, focado no agronegócio, sempre com olhar aberto para todos os segmentos econômicos e sociais, conhecendo efetivamente toda a avicultura de postura mundial.

Atua como diretor e vice-presidente da Comissão de Administração do Parque Bunkyo Kokushikan e da Comissão Bunkyo Rural Kiyoshi Yamamoto, da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social, além de ser presidente do Instituto Ninomiya Kinjiro. Foi secretário-geral da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social, além de ter ocupado cargos na secretaria e na diretoria de diversas associações esportivas e de escotismo, e de também ter sido tesoureiro-geral do Centro Acadêmico Luiz de Queiroz (Calq).

Em 2009, publicou o livro *O Cerrado e o Seu Brilho*, em conjunto com outros autores, como uma contribuição ao centenário da imigração japonesa no Brasil, pelo Grupo Escoteiro Caramuru.

Em 2028, recebeu Medalha de Gratidão Grau Ouro da União dos Escoteiros do Brasil.

Com a situação econômica adversa e fechamento de suas empresas, hoje atua como consultor na avicultura de postura e agronegócio, além de se dedicar a atividades sociais, culturais e assistenciais em entidades e instituições.

É casado desde 1982 com Noriko Nagumo Mizumoto, da Turma de 1975 da economia doméstica, com quem tem três filhos: Elisa (mãe de Mariana e Gustavo); Miriam (mãe de Sara e Mateus); e Erik, o filho mais novo, solteiro.

CÍCERO DAL BIANCO (PROTINHO)

Abrindo caminhos, jogando futebol

Após a formatura, fui para Rondônia a fim de abrir uma fazenda. No início, foi difícil, pois só havia matas e não havia estradas. Barcos eram o meio de locomoção, uma vez que a fazenda se situa nas margens do Rio Pimenta, a vinte quilômetros da cidade mais próxima. Como tudo estava no começo, não havia pecuaristas estabelecidos para fornecer orientações. O jeito foi fazer experiências para me adaptar a uma região com clima quente, com seis meses de chuva e outros seis de seca. Na formação dos pastos, os capins tradicionais não se adaptavam. A solução foi alcançada com o plantio do capim braquiarão e da *Brachiaria humidicola*.

Morei durante dez anos na fazenda com a família, tendo a pecuária como atividade exclusiva. Criando apenas o gado Nelore, podemos afirmar que conseguimos atingir nosso objetivo: uma fazenda formada, rebanho grande e produtivo.

Hoje, moro em Pimenta Bueno (RO). Casado com a Mutsumi (Mi), da Turma de 1975 da economia doméstica, tenho dois filhos e três netas. Continuo jogando futebol no campo Arena, por mim idealizado.

CIRO KURIBAYASHI (MARITACA)

Maestria na distribuição de tecnologias

Entre 1975 e 1978, atuei como engenheiro agrônomo na Cooperativa Agrícola de Cotia (CAC), cooperativa central, no departamento de adubos. Em outubro de 1978, vim para o Distrito Federal, para um projeto de abertura de Cerrado na região do Programa de Assentamento Dirigido do Distrito Federal.

Dediquei minha vida a essa propriedade até 2003.

De 2003 a 2009, fui vendedor de agroquímicos. Nessa atividade, conheci profundamente a proteção de plantas com o uso dessas substâncias. Ainda como vendedor, conheci alguns produtos biológicos da Alltech para controle de fusariose na cultura do feijão.

Entre 2009 a 2013, trabalhei na revenda de insumos alternativos Nutrimax e me especializei em manejo biológico com os produtos da Itaforte, produtos biológicos e da Alltech. Em 2013, com a aquisição da Itaforte pela Koppert, me transferi para esta empresa, onde passei a trabalhar definitivamente com manejo biológico de pragas e doenças.

Em 2018, com o surgimento do sistema de multiplicação de microrganismos na propriedade (sistema *on farm*), vislumbrei a criação de protocolos altamente sustentáveis do ponto de vista ambiental e econômico e, desde então, trabalho nesse segmento em parceria com a empresa Agrinor Bio Inovação.

CYRO QUEIROZ JUNQUEIRA (CYRINHO)

Em torno de Lins, assistência técnica e produção

A carreira profissional iniciou-se em 1975, quando passou a administrar as fazendas Santa Francisca e Pacas Tabocal, propriedades da família dedicadas à pecuária leiteira e à cafeicultura. No mesmo ano, montou a Agroad, uma empresa de planejamento agropecuário.

Em 1976, em sociedade com um engenheiro agrônomo do Instituto Brasileiro do Café (IBC), formou a Estância Catuaí, com 100 mil pés de café, em Getulina (SP), e passou a fazer parte do departamento técnico do setor de café da Cooperlins. Dois anos depois, ingressou na Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati), regional de Lins.

Em 1980, após a família ter adquirido terra em Mato Grosso, passou a trabalhar juntamente com os irmãos na formação da Fazenda Santo Inácio. Em 1984, após ter-se licenciado da Cati, tornou-se diretor técnico da Associação Agropecuária do Oeste Paulista (Holandês e Girolanda).

Em 1992, por herança materna, trabalhou com medicamentos no setor de drogarias.

Retornou à Cati – Regional Lins, onde se aposentou como diretor técnico em 2015.

Atualmente explora a Santa Luzia, também no município paulista.

Casado com Ângela Maria Ferreira Ariano Junqueira, tem duas filhas: Ana Carina, casada com Nestor, e Ana Lucia. Bernardo é o único neto.

O casal reside em Lins, indo frequentemente a São Paulo visitar o neto e as filhas, que exercem a dermatologia.

DAGMON FARIAS DE NOVAES*

In memoriam

Intensa jornada dedicada ao agro

Realizou uma jornada dedicada ao desenvolvimento do agronegócio brasileiro. Em 1975, iniciou sua trajetória no Banco Itaú, destacando-se como engenheiro agrônomo responsável por implementações de estratégias no segmento de financiamento rural. Durante quinze anos na instituição, teve a oportunidade de contribuir em diferentes regiões.

Começou no estado do Mato Grosso do Sul, onde deu os primeiros passos na área de crédito rural. Sua experiência e conhecimento do setor o levaram a ser transferido para São Paulo, ocupando cargos de crescente responsabilidade, tendo alcançado a posição de executivo da área de crédito rural do Itaú.

Em 1990, após uma carreira de sucesso no banco, Dagmon decidiu iniciar um novo capítulo em sua vida. Guiado por uma visão empreendedora inovadora e pela paixão por sua cidade natal, Paraguaçu Paulista (SP), dedicou-se a dois projetos distintos, tornando-se comerciante e pecuarista, atividades que administrou até o ano de 2005, quando veio a falecer.

É marido de Maria Lina, pai de Thiago, Lucas e Rafael, avô de Maria Júlia, Pedro Lucas e Miguel.

* Texto preparado por Maria Lina em nome da família.

DANTE VILLARDI (SABIÁ)

Verdejando a plantação, cultivando paixões

Saí da Esalq no primeiro trimestre de 1975. Como fiz um trabalho na entomologia com o professor Octavio Nakano, ele me indicou para um estágio na Suzano Papel e Celulose em Itapetininga (SP). Lá fiquei por seis meses e pude aprender e participar de todo o processo da produção de eucalipto, desde o preparo de solo, plantio, tratos, corte e transporte da madeira. Uma empresa grandiosa, ainda hoje uma das maiores na produção de papel e celulose.

Terminado o estágio, fui indicado para trabalhar na Construtora Tardelli, que possuía áreas de reflorestamento na região. Lá, executei trabalhos de plantio, corte e transporte da madeira e permaneci por três anos.

Após esse período, comecei uma nova etapa na Construtora Passarelli, agora no município de Cerqueira César (SP), na região de Avaré, onde estou até hoje. No início, fiz um trabalho

também em reflorestamento, principalmente de pinus, do qual, a partir de 2000, começamos extrair resina em 1 milhão de árvores. Até hoje permaneço nessa atividade.

Com o falecimento do patriarca, doutor Silvio Passarelli, a família assumiu a fazenda e adquiriu outras áreas, totalizando hoje 2 mil hectares, com diversificação da exploração. Hoje produzimos 2 mil litros de leite, resina, eucalipto, cana, 800 hectares de soja de sequeiro, 80 hectares irrigados com pivô e 300 hectares de milho safrinha. Uma propriedade sustentável financeiramente, com boa preservação e, principalmente, sem intervenções que prejudiquem o meio ambiente.

Três paixões os amigos facilmente identificam em mim: música, corrida de cavalos e futebol: Palmeiras, meu Palmeiras...

DARWIN HENRIQUE GIATTI (CAPIVARA, KAPI)*

In memoriam

A química do bom humor

Darwin, Capivara ou Kapi iniciou a trajetória profissional na Companhia de Agricultura, Imigração e Colonização (Caic), uma empresa de economia mista que na época tinha um convênio com a Companhia Energética de São Paulo (Cesp) destinado à limpeza da área para instalação do futuro lago da hidrelétrica Usina Capivara.

Permaneceu no quadro da Caic até 1986. A partir de maio daquele ano até junho de 1995, teve farmácias e centros de distribuição de medicamentos. Em agosto de 1995, iniciou uma indústria química voltada para o ramo de cerâmica, com a produção de esmaltes e vidrados para aplicação em pisos e revestimentos, da qual foi proprietário. Essa indústria é denominada Mineraltec Indústria e Comércio.

Teve dois filhos: Gustavo, nascido em 1977, e Ciro José, nascido em 1978.

Para a Turma de 1974 o Kapi foi um grande amigo, adorava carteado, trago e bate-papo. Era de muito bom humor, mostrava uma ironia fina mesmo quando fingia falar sério.

* Adaptado a partir do livro *Amigo É Coisa pra Se Guardar...*

DEUSDELE ANTÔNIO FERREIRA*

Tecnologia para a produção no campo

Entre dezembro de 1974 e 1976, exerceu o cargo de engenheiro agrônomo na Ciba-Geigy. Em junho de 1976, ingressou na Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati), da Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo.

Casado com Lúcia Ferrari Ferreira, tem dois filhos: Rogério, nascido em 1981, e Juliana, nascida 1982.

* A partir do livro *Amigo É Coisa pra Se Guardar...*

EDISON FERNANDES COSTA (MEGANHA)

Na citricultura e em investimentos de futuro

Após a formatura, trabalhou com crédito rural até meados de 1979. Em seguida, atuou na área de citricultura na região de São José do Rio Preto (SP) até 1982, quando se transferiu para a região de Limeira (SP), trabalhando em uma empresa de produção e comércio de citros e dando assessoria técnica a produtores da região.

A partir de 1986 formou, com dois sócios, a Belli Frutti, empresa voltada para a produção e comércio de citros no mercado de São Paulo (na Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo, Ceagesp, e no Mercado Municipal) e para a indústria. Concomitantemente, entre 1996 e 2005, foi coproprietário, juntamente com 125 produtores, da Sucorrico, indústria de suco cítrico localizada em Araras (SP).

A partir de 2014, investiu em terras em Anhembi (SP), com produção de cana-de-açúcar, e no norte e no sul de Minas Gerais, com citros. O maior desafio atual é formar a propriedade de Anhembi em citros. A família atua também na educação, com quatro escolas da Red Balloon, e na construção de apartamentos pela Santec.

Casado com Ângela Letícia Menconi Costa, tem uma filha e um filho, também esalqueano, Turma de 2004, e quatro netos.

EDUARDO KITAHARA (CABEÇÃO)

Vida cooperativa e sempre participativa

No início da minha carreira profissional, trabalhei na Cooperativa Agrícola de Cotia (CAC), baseado em Bandeirantes (PR) e atendendo outros municípios do norte do Paraná. Depois, atuei em uma empresa de planejamento agropecuário ligada ao Banco América do Sul e voltei trabalhar com cooperativismo, na Cooperativa de Cafeicultores da Zona de Cornélio Procópio (PR). Em 1986, lecionei aula de agricultura 1 na Fundação Faculdade de Agronomia Luiz Meneghel (FFALM), de Bandeirantes (PR), atual Universidade Estadual do Norte do Paraná (Uenp).

Aposentei-me em 2007 devido a uma cirurgia a que fui submetido para extrair um tumor no cérebro. Como sequela, perdi o movimento do lado esquerdo do corpo e hoje ando com o auxílio da bengala.

Em 1979, Inês Toshiko Kawano e eu nos casamos. Temos um casal de filhos. Edine, com mestrado em fisioterapia, é professora da Universidade Norte do Paraná. João Henrique é engenheiro civil, mora em Santa Catarina e tem um casal de filhos.

ELISABETE APARECIDA DE NADAI FERNANDES (BETE)

Grande energia profissional, premiada cientista global

Em 1982, concluiu o mestrado em ciências (energia nuclear na agricultura) pelo Centro de Energia Nuclear na Agricultura, da Universidade de São Paulo (Cena/USP). O doutorado em agronomia (solos e nutrição de plantas) pela Esalq foi concluído em 1988 e a livre-docência, em 2006.

Atualmente, é professora associada da USP, além de presidente da Comissão de Pós-Graduação e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências (Energia Nuclear na Agricultura) do Cena e membro do Conselho da Pós-Graduação da USP.

A carreira de pesquisa tem sido impulsionada pelo compromisso de tornar as suas capacidades benéficas para o bem-estar e, especialmente, para a agricultura brasileira. Há mais de três décadas tem se dedicado a programas de pesquisa que utilizam técnicas analíticas nucleares avançadas para solucionar problemas das diversas áreas da agronomia, ciência de alimentos, agroindústria sucroenergética, exploração de madeira no bioma amazônico, rastreabilidade e autenticidade de produtos agrícolas, mineração de urânio e impacto das atividades industriais na agricultura e ambiente.

Foi coordenadora do The Brazilian Satellite Centre of Trace Element Institute for Unesco, criado em 2004 em Munique, Alemanha, e estabelecido no Cena. Foi presidente da Biologyand Medicine Division, da American Nuclear Society, entre 2008 e 2009.

Atualmente, é coordenadora de análise isotópica e nuclear para agricultura e ambiente, do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT), além de membro de diversas associações, grupos de trabalho e comitês internacionais voltados para agricultura e meio ambiente. Coordena diversos núcleos de pesquisa e inovação do Cena.

Recebeu a premiação internacional "2024 George Hevesy Medal Award" em reconhecimento às contribuições notáveis na aplicação e promoção da análise por ativação neutrônica em áreas agronômicas de relevância econômica e social, apoiada pela metrologia e técnicas inovadoras de inteligência artificial.

Foi casada com Antonio Carlos Fernandes, com quem tem dois filhos, Mesly e Erik, e quatro netos, Leo, Tomás, Luigi e Luna. Todos vivem com suas famílias na Inglaterra.

ELOAH BELUCA MARGONI

Jornada pessoal com Neruda

Na bela Esalq, aos 17 anos recém-completados, ainda não sabia ter o gene *wanderlust* ("desejo de viajar", em inglês), aquele gene irreprimível dos povos primitivos e nômades. Tampouco sabia ser ecologista. Descobri na aula de fisiologia vegetal, quando o professor disse algo que me irritou. Claro que ele estava certo, mas era uma visão bastante parcial da floresta, diria eu agora a ele, se ele pudesse ouvir.

Quantas oportunidades deu-me essa Esalq! E quantos colegas! Até a chance de chegar a Campos dos Goytacazes (RJ), de me casar e de trabalhar na Empresa de Pesquisa Agropecuária do Estado do Rio de Janeiro. Dali, saí para pensar na vida por uns anos. Fiz teatro com o pessoal da Faculdade de Medicina: fui a Senhora Perez na peça *Os Fuzis da Senhora Carrar*, de Bertold Brecht. Morei na Itália.

Resolvi cursar a mesma Faculdade de Medicina, debrucei-me sobre os cadáveres no anatômico, sobre os livros, depois sobre doentes na enfermaria, sobre mais livros...

Formada, trabalhei como acupunturista em Campos. Descasei, vendi tudo o que tinha, me mudei para Portugal. Jogava tarô na praia para os espanhóis. Casei-me de novo.

Voltei para Piracicaba porque sim. Trabalhei bastante nas periferias dessa cidade, como médica.

Agora escrevo ficção, delírios e bobagens variadas. Milito incansavelmente pelo meio ambiente. Sonho conseguir divulgar o mais relevante da minha obra literária. E isso sempre insistentemente "confessando que vivi".

ELOÍSA ELENA BORTOLETO

Economia agrícola, mãos na argila

Trabalhei no Instituto de Economia Agrícola (IEA), da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, de 1976 a 2002. Foram 26 anos de pesquisa na área, com a publicação de cerca de 41 trabalhos. Entre eles, destaco *Do Café à Industrialização do Campo: O Caso do Município de São Carlos, em São Paulo*, dissertação de mestrado apresentada à Escola de Administração de Empresas de São Paulo, da Fundação Getulio Vargas (FGV), 1985.

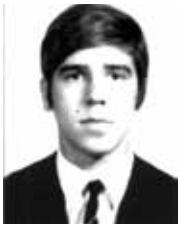
Na secretaria, fui coordenadora de uma equipe multidisciplinar que produziu os livros: *Leite: Realidade e Perspectivas* (Coleção Cadeias de Produção da Agricultura, 3), de 1997, e *Trajetória e Demandas Tecnológicas nas Cadeias Agroalimentares do Mercosul Ampliado - Lácteos*, Montevidéu: Procisur/BID, 2000 (Série Documentos, 5), lançado no Foro de Integración Tecnológica Agroalimentaria y Agroindustrial del Mercosul Ampliado, realizado em Montevidéu, Uruguai, em novembro de 2000.

A partir de agosto de 2002, aposentada, minha vida tomou outros rumos. Fui estudar a área de saúde complementar ou integrativa (como hoje é conhecida) e algumas de suas inúmeras técnicas. Aprendi também a manusear argila e diversas artes de cerâmica.

Em dezembro de 1999, fui avó pela primeira vez, experiência inesquecível.

Para finalizar, não posso deixar de agradecer a cada ser humano que participou dessa minha jornada profissional, e antes de tudo evolutiva, em particular ao corpo docente, funcionários e queridos colegas da Esalq.

ERMOR ZAMBELLO JÚNIOR



Na tecnologia e nos negócios da cana-de-açúcar

Fiz paralelamente à graduação o curso de introdução à energia nuclear na agricultura, ligado ao Centro de Energia Nuclear na Agricultura, da Universidade de São Paulo (Cena/USP). Estagiei na Química Agrícola sob orientação do doutor Valdomiro Bittencourt.

Minha formação acadêmica continuou após a graduação, com a conclusão do mestrado em solos e nutrição de plantas pela Esalq, entre 1977 e 1980, tendo como orientador o doutor Paulo Haag. Mais tarde, entre 1990 e 1994, graduei-me em administração de empresas pela Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep), cursando, a seguir, MBA em *agribusiness* pela Fundação Getulio Vargas (FGV), com extensão na Universidade de Ohio de 2000 a 2002.

Iniciei meu trabalho no Programa Nacional de Melhoramento da Cana-de-Açúcar (Planalsucar), do Instituto do Açúcar e do Álcool (IAA), hoje pertencente à Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), em Araras (SP), onde fiquei entre 1975 e 1983, atuando na área de pesquisa em cana-de-açúcar, especificamente em solos e adubação. Nesse período, publiquei mais de 74 trabalhos e contribuí com as curvas de calibração do fósforo, potássio, enxofre e alumínio para a calagem de cana-de-açúcar.

Deixei a empresa para montar uma firma de consultoria chamada Concana, com serviços prestados em diferentes regiões do Brasil e no exterior (em Guiné-Bissau). Fui absorvido por uma de minhas consultorias, a Destilaria Caiman, hoje Maity Bioenergia, no Maranhão, onde tive a oportunidade de locar, instalar a agroindústria e fazer sua primeira safra, entre 1987 e 1990.

Voltei a Piracicaba, inicialmente trabalhando na Usina São José, de Rio das Pedras (SP). Depois de a usina ter sido vendida ao Grupo Farias, tornei-me diretor desse grupo, colaborando na administração das unidades Pedrosa (PE), Baía Formosa (RN), Anicuns (GO), Itapaci (GO) e Álcool Verde, em Capixaba (AC). Aqui, também tive a oportunidade de locar, instalar a agroindústria e fazer a primeira safra da unidade Bom Sucesso (GO).

De 2009 a 2018, fui diretor da Vital Renewable Energy Company, empresa de *private equity* que investiu preferencialmente na produção de etanol. A partir de 2018, conquistei minha merecida aposentadoria.

Participei, com vários colegas da Turma de 1974, da viagem técnico-cultural a países da Europa, percorrendo propriedades rurais e indústrias ligadas à agricultura. Mais tarde, em 1980, visitei estações experimentais e unidades produtoras de cana-de-açúcar em países como África do Sul, Austrália, Filipinas e Estados Unidos (Havaí e Louisiana).

ERNESTO STEIN CARVALHO DIAS (MINEIRO)

Um fazendeiro de raízes em Minas Gerais

De dezembro de 1974 até 1998, estive à frente da Fazenda Cocal, de propriedade da família, em Poços de Caldas (MG). Trabalhei com culturas como batata, milho e gado da raça Caracu. Em 1998, meu pai decidiu investir em eucalipto, e então plantamos toda a fazenda com essa essência. De 2008 até hoje acumulo a função de gerente da seção de bovinos da Fazenda Chiqueirão,

auxiliando meu pai na administração. Em 2023, nosso grupo considerou mais interessante o arrendamento da propriedade para uma empresa.

Hoje, sigo residindo com minha esposa, Vera Lucia Alfaya Carvalho Dias, nessa fazenda e investindo um pouco em horticultura, juntamente com meu filho Aloísio. Meu outro filho, Rafael, já trabalha com couve-flor há algum tempo. Minha filha, Ana Carolina, é casada e mora em São Paulo, onde trabalha com marketing de fármacos. Tenho sete netos: Lucas, David, Sara, Arthur, Matheus, Gabriel e Melissa. Meu neto mais velho, Lucas, já é casado e sua esposa, Evelyn, está grávida. Um bisneto está a caminho.

ERVINO BLEICHER (CARUNCHO)*

Entomologia e ensino Brasil afora

Ingressou na Hoeschst do Brasil, depois Agrevo, que seria um dos embriões da Bayer CropScience, em janeiro de 1975. Em setembro do mesmo ano, foi para a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa). Entre 1977 e 1978, fez o mestrado nos Estados Unidos e, de 1983 a 1985, o doutorado na área de entomologia, na Esalq.

Trabalhou pela Embrapa em Videira (SC) em 1976, Campina Grande (PB), de 1979 a 1982 e em 1986. Em 1987, foi transferido para Fortaleza, inicialmente para a Empresa Estadual de Pesquisa, onde ficou até 1990, e depois para a Embrapa-Caju, em 1991, sempre na área de entomologia. Desenvolveu trabalhos com maçã, algodão, caju, graviola e melão.

Posteriormente, ingressou como professor da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Tem três filhos: Lana, Lucas e Taís.

* A partir do livro *Amigo É Coisa pra Se Guardar...*

ESTHER GUIMARÃES CARDOSO

Desenvolvendo a pecuária com maestria, desenvolvendo pessoas na periferia

Depois de formada, fez o mestrado em nutrição animal e pastagens na Esalq. Em 1978, mudou-se para Campo Grande para trabalhar como pesquisadora no Centro Nacional de Pesquisa em Gado de Corte (CNPGC), da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), onde fez carreira, publicando trabalhos no Brasil e no exterior.

Foi diretora estadual da Sociedade Brasileira de Zootecnia em Mato Grosso do Sul, coordenadora da área de nutrição animal do CNPGC, coordenadora do Programa Nacional de Pesquisa de Gado de Corte da Embrapa, conselheira do Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia de Mato Grosso do Sul (Crea-MS), vice-presidente da Associação Campo-grandense de Engenheiros Agrônomos e assessora especial da Secretaria de Estado de Agricultura, Pecuária e Desenvolvimento Agrário de Mato Grosso do Sul.

Casou-se com Carlos Antonio Menezes Leite, hoje separados. Tem um enteado, José de Meira Lins, muito querido.

Trabalhou como pesquisadora visitante na Universidade de Aberdeen, na Escócia, e representou o Brasil em colóquios internacionais sobre pecuária de corte.

Paralelamente, conduziu trabalhos técnicos de criação de gado Nelore e Sindi na Fazenda Duas Barras, de seu pai, em Planaltina do Paraná (PR).

A par de sua trajetória como engenheira agrônoma, fez especializações em ciências políticas e desenvolvimento estratégico, pedagogia catequética e em assessoria bíblica.

Aposentada, fundou e preside o Instituto Guataverá de Apoio Sociocultural, no bairro Jardim Noroeste, na periferia de Campo Grande, dedicado ao desenvolvimento humano dos moradores do bairro. Teve três cachorros, seis gatos e uma égua de estimação.

Recebeu os prêmios "Destaque Agronômico do Mato Grosso do Sul" em 1984 e "Mulher que faz a diferença – profissionais liberais", da Associação das Mulheres de Negócios e Profissionais de Campo Grande, em 2009; o título de "Cidadã Campo-grandense" em 2011, e a homenagem do Crea-MS no Dia do Engenheiro Agrônomo em 2014, por ter sido a primeira mulher a integrar a Câmara Especializada de Agronomia.

FÁBIO SARDINHA PULZ (BISCATÃO)

À frente do desenolvimento local de Leme

Sua trajetória profissional iniciou-se em 1975, quando, recém-formado, tentou a carreira de pesquisador, trabalhando durante um ano no Instituto de Zootecnia (IZ) de Nova Odessa (SP), experiência que foi seguida por quatro anos de trabalho no Instituto de Tecnologia de Alimentos (Ital).

Após esse período, ingressou na iniciativa privada. Durante cinco anos, dedicou-se à Cooperleme, oferecendo assistência técnica em diversas culturas agrícolas no município de Leme (SP). Por questões de gestão, a cooperativa acabou tornando-se insolvente.

Foi então que encontrou uma nova jornada, atuando como engenheiro agrônomo na Prefeitura de Leme, função que exerceu até a aposentadoria.

Ao longo da vida, construiu uma família, sendo casado há 42 anos com Géssia. Da união, nasceram quatro filhos: Luiza, advogada; Lidia, médica veterinária; Helena, administradora de empresas; e Otávio, capitão do Exército. Tem três netas e um neto.

FERNANDO AJUDARTE NETO (NANDÃO)

Genética, biotecnologia e organização setorial

Após 1974, ingressou na pós-graduação, obtendo os títulos de mestre em genética e melhoramento de plantas em 1977 e doutor em agronomia em 1979, ambos pela Esalq.

Iniciou a trajetória profissional em 1978, exercendo o cargo de gerente de pesquisas com milho, soja e sorgo na Asgrow do Brasil Sementes, onde permaneceu até 1989, residindo em Campinas (SP) e Araçatuba (SP). Transferiu-se para a ICI/Zeneca Sementes, onde

exerceu o cargo de gerente de pesquisas e desenvolvimento com milho e sorgo até 2001, residindo em Passo Fundo (RS) e Ribeirão Preto (SP). Durante esse período, foi responsável pelo lançamento de vários cultivares de milho e sorgo para os mercados do Brasil e América do Sul.

De 2002 até 2020, atuou como consultor nas áreas de genética e melhoramento de plantas, sistemas de controle de qualidade em P&D e biotecnologia e regulamentação em inúmeras empresas transnacionais e nacionais, residindo em Ribeirão Preto e Goiânia. Teve ativa participação em questões referentes ao arcabouço legal de sementes no país.

Atuou como consultor nas áreas de biotecnologia e regulamentação para a Associação Nacional de Defesa Vegetal (hoje CropLife Brasil), Conselho de Informações em Biotecnologia (CIB), Associação Brasileira das Empresas de Biotecnologia, Global Industry Coalition e CropLife Internacional, no Brasil e no exterior.

Durante todo esse tempo, acumulou larga experiência internacional e estabeleceu um amplo *network* de relacionamentos profissionais e pessoais.

Paralelamente, desde 2006 desenvolve um programa de melhoramento genético de milho em conjunto com a empresa Genotika Sementes, em Rio Verde (GO), onde reside desde 2018.

Divorciado, tem um filho, Bruno, uma nora, Fernanda, e dois netos: Júlio e Manuela.

FERNANDO ANTÔNIO SOARES DE SÁ (VÉIO)

Atuação em empresas privadas e como empresário

Após formatura em 1974, iniciou a vida profissional como engenheiro agrônomo. Desde então, trabalhou em diversas empresas privadas cujo ramo de atividade dominante era o canavieiro.

Após 35 anos de trabalho, aposentou-se. A partir daí, entrou no comércio de insumos agrícolas, em regime de microempresa, ramo em que permanece até hoje.

Casado com Ana Maria, tem um casal de filhos, três netas e um neto.

FERNANDO DE CASTRO CUNHA*

In memoriam (22/12/1951 – 20/02/2021)

Paixão e pioneirismo na pecuária

Mineiro de Uberaba, terra do Zebu, é filho de uma família de tradição no Nelore brasileiro.

Em 1974, após se formar, inicia a abertura da Fazenda Fronteira, no município de Porto Murtinho (MS). Ali, irá morar, nos seis primeiros anos de casado, com Maria Lucia Teixeira de Castro Cunha. Ali nascerão as filhas Mariana e Fernanda.

Em paralelo, inicia a abertura de outra fazenda, a Barranco Branco, no mesmo município. Na década de 1980, inicia comércio de gado com a Argentina.

Em 1982, muda-se com a família para Campo Grande. Em meados de 1984, começa a trabalhar no Paraguai, com a Fazenda Santa Rita, no município de Yby Yaú. Dez anos depois, entusiasma-se com o Chaco paraguaio, onde adquire uma área, nomeada Estancia Las Niñas.

Torna-se um grande representante do Nelore no Paraguai e um importante fomentador da migração de outros pecuaristas para a região. Acabou se tornando um dos precursores a

desenvolver o Chaco, levando energia elétrica e estrada de acesso para a região. Fernando contagia de entusiasmo seu pai e companheiro, Duarte, que adquire a Fazenda Guarani, também no município de Yby Yaú.

No Paraguai, aplica o conhecimento técnico adquirido ao longo dos anos. Hoje, seu trabalho é notoriamente referência no Paraguai, com projetos de integração lavoura-pecuária (ILP), confinamento e formação de pastagem.

Em 20 de fevereiro de 2021, morre aos 69 anos, com muito ainda para poder fazer e conhecimento a transmitir. Atualmente sua família segue o legado dentro de seus ensinamentos, com a missão de transmitir a seus quatro netos a vontade e importância de trabalhar, o modelo de honestidade, respeito e reverência por onde passou. Um grande homem, filho, esposo, pai e amigo, curioso, empreendedor e entusiasta da vida.

* Texto preparado por Maria Lúcia e pelo genro Francisco (Kiko) em nome da família.

FRANCISCO GRAZIANO NETO (XICO ARARA, XICO GRAZIANO)

Formação de excelência, participação intensa

Nascido em Araras (SP) em 1953, entrou na Esalq antes de completar 18 anos, residindo na república Poyoka. Participou do centro acadêmico e foi eleito presidente da Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil. Representava também o corpo discente no Conselho Universitário da Universidade de São Paulo (USP). Fazia política estudantil com gosto, mas estudava sem parar.

Ao se formar, quando fazia o mestrado em economia agrária na Esalq, prestou concurso para professor assistente da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp), em Jaboticabal, onde lecionou por dezesseis anos. Durante a docência, fez o doutorado em administração pela Fundação Getulio Vargas (FGV), de São Paulo, onde, desde 2015, passaria a lecionar a disciplina meio ambiente e agronegócios no MBA.

Ocupou vários cargos públicos, como presidente do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), secretário estadual do Meio Ambiente e secretário estadual de Agricultura de São Paulo. Em 1977, foi escolhido pela Associação de Engenheiros Agrônomos do Estado de São Paulo como Engenheiro Agrônomo do Ano.

Em 1988, quando foi fundado o PSDB, assumiu o escritório político do então senador Fernando Henrique Cardoso, acompanhando-o até a eleição para presidente da República em 1994. Tornou-se chefe de gabinete do presidente no Palácio do Planalto. No governo, atuou na renegociação do endividamento rural e no fortalecimento do cooperativismo, junto ao Banco Central, através da criação dos bancos cooperativos.

Em 1998, elegeu-se deputado federal pelo PSDB de São Paulo, destacando-se no Congresso Nacional pela atuação na Comissão de Agricultura. É o criador e relator da lei que regulamentou os rodeios de animais no país.

Agroambientalista, defende a união do ruralismo com o ambientalismo, capaz de produzir e preservar ao mesmo tempo. Consultor em sustentabilidade, conferencista, escritor, tem doze livros publicados sobre a questão agrária, agricultura e política. Trabalhou na TV Band e no

canal Terra Viva, dedicando-se à comunicação do agro. *Influencer* principalmente na rede X, é atualmente articulista semanal do site Poder 360.

Após a morte do pai, nos anos 1990, vendeu seu quinhão em Araras e comprou uma fazenda em Goiás, tornando-se um médio criador de gado, mantendo seu gosto pela lida na fazenda. Adora pescar e gosta de esportes, antes era adepto do futebol, atualmente é praticante de tênis.

André, Daniel e Tiago são seus filhos do primeiro casamento, com Taís, da Turma de 1976. Nenhum seguiu a profissão do pai. Casado pela segunda vez, sua filha Ingrid, agrônoma, Turma de 2004, é sua sucessora. Mariana, a caçula, está se formando em medicina.

FRANCISCO KENYTI HOTTA (HOTTA)

Tecnologia para a transformação agrícola

Atuou sempre em empresas privadas, tendo começado na Fertilizantes Mitsui, produtora de fertilizantes fosfatados Yoorin e fertilizantes formulados NPK. De 1975 a 1979, trabalhou na assistência técnica aos produtores nas áreas de registro e formulação de fertilizantes.

De 1979 a 2006, trabalhou na Hokko do Brasil Indústria Química e Agropecuária, que posteriormente passou a se chamar Arysta LifeScience, atualmente, UPL do Brasil Indústria e Comércio de Insumos Agropecuários, onde atou com pesquisa e desenvolvimento de produtos para fins de registro e marketing comercial.

De 2007 a 2009, trabalhou com pesquisa e extensão rural do Instituto de Pesquisas Técnicas e Difusões Agropecuárias da Jatak, em Guatapará (SP).

Atuou, de 2010 a 2016, na Nufarm do Brasil, no setor de contrato e acompanhamento de ensaios de resíduos de defensivos agrícolas para fins de registro.

Em 2011, aposentou-se.

FRANCISCO MANOEL BORSATO (TROPA)

Perícia e ardor pela profissão

Começou a trabalhar em 1975 como responsável técnico no Condomínio Agrícola Irmãos Borsato, fazendo parte da equipe de colaboradores até a presente data. No ano seguinte, foi credenciado pelo Banco do Brasil, prestando serviços na agência de Rio das Pedras (SP) como perito e avaliador na carteira de crédito agrícola e industrial até 1998.

Em 1980, foi contratado como engenheiro agrônomo em usina de cana-de-açúcar, função que exerceu ora como funcionário, ora como terceirizado até 2012.

É agricultor atuante e feliz com a profissão de agrônomo.

Tem dois filhos: Felipe Manoel e Gustavo Antonio, e duas netas: Sofia, filha de Gustavo, e Maria Eduarda, filha de Felipe.

GENTIL SANCHES CORRÊA

Dedicado professor, grande orador

Antes de terminar o curso de engenharia agronômica, iniciou sua carreira docente no Colégio Piracicabano como professor de ciências e biologia. Logo após o término da agronomia, ingressou em um curso de licenciatura para a formação de professores daquelas disciplinas, com habilitação em biologia, obrigatória para os docentes.

Fez pós-graduação em genética e melhoramento de plantas na Esalq, obtendo o título de mestre em 1983. Lecionou a disciplina de biologia, genética e evolução em diversos cursos de graduação da Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep).

Cursou especialização em genética de microrganismos, genética humana, genética clínica e metodologia do ensino superior.

Teve a oportunidade de trabalhar por oito anos como docente responsável pela cadeira de Genética Odontológica na Faculdade de Odontologia de Piracicaba, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Durante a vida profissional, assumiu vários cargos acadêmicos na Unimep, entre os quais a coordenação de curso de biologia e a chefia do Departamento de Ciências Biológicas e de Ciências da Saúde.

Foi vice-presidente Cultural do Centro Acadêmico Luiz de Queiroz (Calq) em 1974 e orador na sessão solene de formatura da Turma de 1974.

GERALDO FERNANDES SANTOS (GÊ)*

In memoriam (11/04/1951- 01/07/2022)

Tecnologia para a transformação agrícola

Gê foi casado com Ercília Pamplona Fernandes Santos, com quem tem as filhas Denise e Lígia Fernandes.

Engenheiro agrônomo, pecuarista e vendedor nato, atuou por dez anos, na década de 1980, em países de língua espanhola da América Latina, na área de pós-venda de forrageiras pela empresa Naterra, hoje Wolf Sementes, com sede em Ribeirão Preto (SP). Vendeu micronutrientes no interior de São Paulo pela Nutriplante, Prata 1000 e Batia (em sociedade com o irmão Laerte). Morou no México e na Venezuela.

Da família, administrou uma invernada de 60 hectares na cidade de Cerqueira César (SP). Lá, aplicou técnicas de divisão da área em piquetes, com rodízio de uso pelos animais, com sucesso total.

Em suas palestras, recebia retorno positivo dos pecuaristas a quem havia vendido forrageiras, devido à credibilidade pelo fato de ser como um deles, com problemas a serem resolvidos e a satisfação de ver os bons resultados.

Chamava as filhas de "filhas amadas" e com elas conviveu maravilhosamente. Teve o retorno ao ter o carinho e cuidados na fase da doença. Amava a capoeira: ministrou aulas em Piracicaba enquanto cursava a Esalq.

Amava a música: era figura frequente tocando surdo e outros instrumentos de percussão nas rodas de samba do Centro

Acadêmico Luiz de Queiroz (Calq) e nas reuniões da Turma de 1974. Sempre soltava a sua voz grave e afinada para admiração de todos!

Era apaixonado por Ribeirão Preto (SP), onde, em um terreno de 649 metros quadrados, construiu uma residência e plantou várias árvores frutíferas das quais usufruiu. Teve vários cachorros como companhia, principalmente os últimos que estão na foto: Pirata e Papa, labradores, anjos da guarda durante a doença.

Nossa eterna gratidão a Deus por tê-lo posto em nossa vida.

* Texto preparado pela filha Lígia em nome da família.

GILMAR ROBERTO MACIEL (PRETO)

Em crédito rural o começo da jornada

Após a formatura, trabalhei em São Paulo, na firma Mosca-Controle de Pragas e Saneamento Básico, no período de janeiro a abril de 1975. Depois dessa experiência, atuei, entre abril de 1975 e maio de 1976, no setor de crédito rural do Banco Bandeirantes, com fiscalizações e assistência técnica. O passo seguinte foi a atuação no setor de crédito rural do Banespa, onde trabalhei com fiscalizações, seguros rurais e assistência técnica, de junho de 1976 a dezembro de 1995. Após esse período, me afastei da área agropecuária, trabalhando no ramo de combustíveis, com a aquisição de um posto de gasolina na cidade de Tanabi (SP), onde permaneci até a minha aposentadoria.

Sou casado com Ilza de Fátima Souza Maciel, com quem tenho três filhos: Gilmar, Eduardo e Renata. Além disso, tenho três netos: Isabella, Filipe e Laura.

GUIDO JOSÉ DA COSTA (GUIDÃO)

Conhecimento para o desenvolvimento local

Consultor com especialização em desenvolvimento local. Participou das edições da Esalq Show pela Araiby, foi secretário de Desenvolvimento Social em Altinópolis (SP) e diretor administrativo e de Agricultura e Meio Ambiente de Santa Rita do Passa Quatro (SP). Durante cinco anos, presidiu a Associação de Engenheiros Agrônomos do Estado de São Paulo, dirigindo o Programa de Destinos de Embalagens Vazias de Agrotóxicos, que coloca o Brasil como melhor desempenho do mundo, além do programa de plasticultura e do Movimento SOS Solo. Participou com a Araiby da organização técnica da maior parte dos eventos da Agrishow, da qual foi conselheiro, função que exerceu também na Companhia de Desenvolvimento Agrícola de São Paulo.

Guido ainda foi diretor de pescado da Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo (Ceagesp) e, pelo Departamento de Águas e Energia

Elétrica, orientador de Cooperativas de Eletrificação Rural nas regiões de Jales (SP) e Promissão (SP). Além disso, foi gerente de *agribusiness* da Representações Tabapuã, com 9 mil alqueires em São Paulo e Tocantins ocupados com pecuária e culturas, ações que possibilitaram experiência em estabelecimento de parcerias e formação de equipes.

Tem quatro filhos e cinco netos. O filho mais novo, com 12 anos, adora pintura, pratica xadrez e é goleiro no futebol.

HIROYOSHI ISHIHASHI (SAMURAI)

Jardins, Kendô, Japão: arte e paixão

Após formado em engenharia agronômica, vem trabalhando no ramo de paisagismo em todo o Brasil.

Entre 1972 e 1973, estagiou no Centro de Energia Nuclear na Agricultura, da Universidade de São Paulo (Cena/USP). Depois, em 1974 e 1975, outro estágio, agora na firma de paisagismo Kai Raku Em, na província de Kumamoto, no Japão. Também na firma Greening of Tokyo, do ilustre mestre Kenzo Ogata, considerado um dos cinco melhores paisagistas do Japão moderno.

Voltaria ao país em diversas ocasiões, sempre visitando famosas obras seculares de paisagismo, como o jardim do Templo Motsu, na cidade de Hiraizumi, construído no século XII e ainda bem conservado. Nessas visitas, travou contato com pesquisadores e produtores de frutas e verduras que utilizavam controladores de crescimento, manejo adequado e adubação específica na produção.

Ministrou diversas palestras sobre jardim japonês e o conceito filosófico da modalidade em instituições de ensino e clubes de paisagismo, inclusive na Associação Paulista de Jardinagem, e para paisagistas formados no curso de jardinagem do Viveiro Manequinho Lopes, no Parque Ibirapuera, em São Paulo.

Foi autor do projeto e execução da decoração interna da mostra hortifrutigranjeira em homenagem à visita feita pelo príncipe Akihito e a princesa Mitiko a Mogi das Cruzes (SP) em 1978, na comemoração dos 70 anos da Imigração Japonesa no Brasil. Foi o autor do projeto paisagístico que colocou a estátua em homenagem aos 90 anos da Imigração Japonesa no Brasil, na orla marítima em Santos (SP).

Coordenador da Festa das Flores, ou Bienal de Suzano, nos anos de 1976 a 1982, teve a oportunidade de mostrar a tendência do paisagismo no Brasil, a sequência de cultura de tecido meristemático das orquídeas e a apresentação de hidrocultura de morango e alface, feitos pela primeira vez na região. Foi responsável técnico e orientador dos produtores de plantas ornamentais.

A partir de 1982, fez pesquisa e orientação de agricultores do ramo de hortifrutícolas e grandes culturas, com a produção de adubos orgânicos na propriedade do lavrador com o uso de enzimas específicas e a complementação com a aplicação de adubação foliar na produção de alface, cenoura, acelga, salsão, caqui, plantas ornamentais em geral, café, soja e trigo.

Em 1989, participou de um concurso de jardim, aberto a todos os paisagistas de São Paulo, consagrando-se com o primeiro lugar entre dezesseis profissionais participantes.

Lecionou no curso do Instituto Brasileiro de Paisagismo até 2019.

Foi o responsável por diversos projetos e execução de jardins orientais ou jardins japoneses em complexos industriais, centros de lazer, parques e jardins botânicos de diversas cidades do estado de São Paulo.

Seu trabalho com jardins japoneses é objeto de diversas reportagens publicadas por revistas de circulação nacional, como *Casa Claudia*, *Arquitetura e Construção*, *Casa e Jardim*, além de publicações destinadas à jardinagem e cultura japonesa.

Continua praticando Kendô, três vezes por semana, e exercícios na academia, exercitando-se todos os dias úteis.

IKUYO KIYUNA

Como rotina a leveza pela vida

Relutei muito em escrever este texto, pois tenho pouco a dizer sobre a trajetória de vida, sendo ainda *work in progress*. Sinto-me na obrigação, porém, de aproveitar este evento maravilhoso, o Jubileu, para saudar os colegas, agradecer pelo encontro único com cada um – que não é mero acaso – e, sobretudo, agradecer ao patrono da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", sua família e descendentes.

A trajetória profissional é concisa: trabalhei após a formatura em um só lugar e endereço: o Instituto de Economia Agrícola, em São Paulo, diante de vegetação verdejante remanescente da Mata Atlântica no outro lado da avenida, ar puro, tucanos e outros animais soltos na natureza.

A minha produção profissional no período está publicada nas revistas oficiais da instituição e em outros veículos, na versão digital e em papel, registrada em relatórios da carreira de pesquisador científico do estado de São Paulo.

Hoje, levo uma vida discreta na capital paulista, com a liberdade de ir e vir proporcionada pelo "Barco de Aquiles", espécie de passaporte de cidadão do mundo, e mais tarde, por outros veículos que chegaram pelo estudo da metafísica nas últimas décadas.

Haiku ou haicai que escrevi diretamente em inglês em 2011, seguido de tradução que guarda o espírito do original:

acceptance, so sweet
word, moving to meet
circle's harmony

aceitação, tão doce
palavra, movendo-se
entre as Esferas

Traduzi em versão livre, com humildade, e utilizando nos três versos a métrica 5-7-5 característica do haiku, esse famoso poema do venerável poeta Matsuo Bashô (あらたふと青葉若葉の日の光 – *aratafutoaobawakabanohinohikari*). É uma homenagem aos que honram trabalhando com os recursos da natureza e, sobretudo, aos que partiram cedo demais, especialmente as

colegas da Turma de 1974 Josalba e Maura, a primeira, sem me avisar, e a segunda, declarando imenso amor pela vida.

あらたふと
青葉若葉の
日の光
芭蕉1691

folhas verdejantes
brilham, brincam, balançam
sob divino Sol

Bashô, primavera de 1691

ISAÍAS OLÍVIO GERALDI

Na genética de plantas, o ensino se agiganta

Cursou pós-graduação em genética e melhoramento de plantas pela Esalq, obtendo os títulos de mestre em 1978 e de doutor em 1983. De 1990 a 1992, realizou treinamento de pós-doutorado na Universidade Estadual de Ohio, em Columbus, Ohio, Estados Unidos.

Iniciou a carreira docente no Departamento de Genética da Esalq em 1976. Na graduação, lecionou disciplinas da área de genética para os cursos de engenharia agronômica e engenharia florestal e coordenou a disciplina de melhoramento genético. Na pós-graduação em genética e melhoramento de plantas, lecionou as disciplinas biometria aplicada à genética e genética quantitativa I.

Realizou pesquisas e orientou dezenas de alunos de graduação e pós-graduação, entre mestres e doutores, utilizando espécies como milho, soja, eucalipto, mamona, arroz e feijão. Os resultados dessas pesquisas deram origem a cerca de sessenta trabalhos publicados em periódicos nacionais e estrangeiros e a mais de uma centena de resumos apresentados em congressos científicos no Brasil e no exterior.

De 2001 a 2006, coordenou o Programa de Pós-Graduação em Genética e Melhoramento de Plantas da Esalq. Após obtenção do título de professor livre-docente, foi promovido a professor associado em 2007.

No período de 2005 a 2007, foi representante adjunto e pleno da área de ciências agrárias I junto à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e, de 2005 a 2017, membro do Comitê de Avaliação da referida área, quando participou da criação, orientação e avaliação de cursos de pós-graduação em ciências agrárias em todo o Brasil.

Foi membro de centenas de bancas de avaliação de concursos para a obtenção de títulos de mestres e doutores, bem como para a contratação de docentes e pesquisadores na Esalq e fora dela. Integrou o corpo editorial e assessorou dezenas de importantes periódicos científicos nacionais e estrangeiros. Além disso, atuou como assessor *ad hoc* de diversas agências de fomento, como Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Em 2017, aposentou-se.

IVAN WEDEKIN

Da roça para o mundo, ao agro dedicação profunda

Nasceu na roça em Buritama (SP) e até os 15 anos de idade viveu na pequena Turiúba (SP). Da convivência com os avós e os pais, vieram o amor pela terra e a paixão pela pecuária.

A Esalq abriu-lhe as portas para o mundo. A convivência, as festas e as jogatinas na Kukumká foram memoráveis.

Iniciou a carreira no Banco Bandeirantes. Entre 1975 e 1981, trabalhou na Fundação Getulio Vargas (FGV), no Rio de Janeiro. O apartamento "avião" 707 foi uma embaixada carioca da Esalq, reunindo Fochi, Lombardi, Zé Mário, Guaxupé (Turma de 1975) e muitos visitantes.

O trabalho com Paulo Rabello de Castro na Agroanalysis/FGV levou-o aos temas da economia e da política agrícola, parte importante de sua trajetória profissional futura. Em 1981, mudou-se para São Paulo, para atuar na Sociedade Rural Brasileira.

Fato marcante veio em 1984: foi para a Agroceres como assessor do presidente Ney Bittencourt de Araújo e, em 1990, assumiu por seis anos a diretoria comercial. Com o Ney, foi para a Harvard de Ray Goldberg. O livro *Complexo Agroindustrial – O Agribusiness Brasileiro* (Agroceres, 1990) introduziu o conceito de *agribusiness* no Brasil e induziu mudanças na organização do setor privado e no ensino, pesquisas e políticas públicas.

Em janeiro de 2003, com Roberto Rodrigues no Ministério da Agricultura, foi durante três anos e meio secretário de Política Agrícola. Liderou a instituição da subvenção ao prêmio de seguro rural (em 2003) e a criação da lei dos títulos do agronegócio em 2004. O saldo desses títulos no mercado alcançou mais de R$ 1 trilhão em 2024.

Entre 2006 e 2015, atuou como diretor de *commodities* da BM&FBovespa (atual B3) e como diretor-geral da Bolsa Brasileira de Mercadorias. Criou o contrato futuro de milho, o mais negociado da Bolsa.

A partir de 2017, publicou cinco livros inéditos e coordenou a edição de três dossiês técnicos para a indicação, pelo diretor da Esalq, de Alysson Paolinelli para o Prêmio Nobel da Paz (2021-2022-2023).

Com Roberto Rodrigues, escreveu o *Pequeno Dicionário Amoroso da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz"*, para celebrar o centenário da Esalq em 2001.

Escreveu letras de músicas em parceria com o compositor mineiro Irineu de Palmira. Ainda não desistiu de publicar o livro de poemas *Árvore de Fogo*.

Tem dois filhos: Daniel, bluesman e apaixonado por etnomusicologia; e Mariana, economista, fiel escudeira e mãe da jovem Luna e da Elena, que chega em novembro de 2024. Com eles multiplica o amor pela família e a paixão pela música e pelo Palmeiras.

JOÃO MARCELINO RUIZ

Atuando com talento, do crédito ao saneamento

Logo que me formei, fui contratado de imediato pela Ciba-Geigy, multinacional de insumos agrícolas, com o desafio de disseminar o pouco conhecido uso de herbicidas para os produtores nacionais.

Em 1976, aproveitando o crescimento exponencial do crédito rural no país, fui contratado pelo Unibanco e, com outros colegas, formamos o departamento de crédito rural da instituição. Nesse mesmo ano, encontrei o grande amor da minha vida, Vera. Desde então, caminhamos em uma jornada desafiadora, com erros, acertos, vitórias e derrotas, mas sempre juntos em busca de sermos melhores a cada dia.

Ao lado dela, formei minha família, com três lindas filhas. São profissionais competentes, éticas e comprometidas e seres humanos empáticos e preocupados em fazer o bem. Dos frutos da nossa união, conhecemos o maior amor do mundo, o amor de avós. Temos quatro netos: Luisa, Lucas, Laura e Lívia, que me dão alegria de viver. Sou grato por ser rodeado por tanto amor.

Após a passagem pelo Unibanco, fui contratado pelo Banco Geral do Comércio para montar a divisão de crédito rural em São José do Rio Preto (SP), região que estava despontando no agronegócio.

Quis o destino que eu me transformasse em bancário, mas sempre com o orgulho de minha formação na Esalq, que foi minha base, para me impulsionar a ser o profissional que eu me tornei.

Aposentei-me em 2010 e passei a dar consultorias. De 2017 até os dias atuais, sou diretor administrativo da empresa pública de saneamento básico de Rio Preto, o que me dá muito prazer, principalmente quando, juntamente com todos os profissionais, trilhamos um caminho para sermos premiados, em 2022, como primeira empresa do Brasil no setor.

Sou o João Marcelino Ruiz, formado na Esalq, em 1974, com muito orgulho.

JOÃO PAULO BERNARDES TEIXEIRA (CACHAÇÃO, XAÇO)

Na fronteira da tecnologia da cana

Ao terminar os estudos em Piracicaba, fui trabalhar na Usina da Barra, em Barra Bonita (SP), sempre na área agrícola, onde fiquei até o final de 2002, no cargo de gerente agrícola e no conselho de administração.

Lá, iniciei já em 1975 a colheita mecânica, com máquinas importadas da Austrália e da Alemanha, sempre acompanhando as evoluções dos maquinários. Na área de transporte de cana, acompanhei toda a evolução, desde o Chevrolet toco D70 até os grandes veículos treminhões e cavalos mecânicos com duas carretas, os primeiros nove eixos do Brasil. Quando entrei na usina, a moagem diária era de 13 mil toneladas por dia e, quando saí, era de 42 mil toneladas por dia, sendo atingida a meta anual de 8 milhões de toneladas.

Ao sair da usina, fui tentar a sorte com revenda de motos Yamaha em Mato Grosso, porém a empreitada não foi para a frente. Então fui

para o Piauí gerenciar a Canel, uma empresa agrícola com plantio de soja, eucalipto e mina de calcário. Depois de dois anos, voltei ao ramo sucroalcooleiro. Ainda hoje trabalho com consultoria agrícola em várias empresas.

Casei-me em 1975, temos três filhos, um deles por sinal é agrônomo e trabalha na Raízen. Temos também um neto, o Francisco.

Ainda estou na ativa.

JOAQUIM DRAGONE (JOCA)

No ramo citrícola, por toda a vida

Nasci em São Paulo, capital, e ainda criança mudei para Limeira (SP). Sempre estudei em escola pública. Com 17 anos, fui morar em Piracicaba para fazer cursinho. Em 1970, prestei vestibular para Esalq, iniciando o curso em 1971 na melhor turma da Esalq, com amigos maravilhosos. Durante minha vida esalqueana, morei na Casa do Estudante e tomava as refeições no restaurante universitário.

Após formado, em 1975 fui gerenciar uma fazenda de citrus em Araraquara (SP). No final desse ano, fui convidado a gerenciar as fazendas da Sucorrico em Casa Branca, Descalvado e Tatuí (SP), com 3 milhões de laranjeiras e limoeiros. Em 1978, fui convidado a implantar uma fazenda de citrus pertencente aos irmãos Fittipaldi em Araraquara. Em 1984, fui trabalhar na Citromatão, sempre na área das fazendas de citrus. Em 1985, fui para a Fazenda Rancho Rey, também de citrus, onde estou até hoje.

Nesse período, tive um viveiro de mudas de citrus, fundei a Vivecitrus, uma associação de produção de mudas cítricas em ambiente protegido que produz 3 milhões de mudas anualmente e da qual fui presidente por vários mandatos. Também fui vice-presidente do Fundo de Defesa da Citricultura, com o qual ainda me relaciono, contribuindo com experimentos na área citrícola. Sou produtor de tomates tipo grape, com vários cursos de produção no Brasil e no México. Sempre participei dos congressos de citrus e viveiristas de citrus em diversos países, como Espanha, Austrália, Estados Unidos e Argentina. Fui um dos organizadores do congresso de viveiristas de citrus em Ribeirão Preto (SP).

Moro em Araraquara, sou casado, tenho dois filhos e duas netas maravilhosas.

JORGE SHIMABUKURO (SHIMABUKURO)*

In memoriam

Atuando em fazenda na região de Pompéia

Nascido em 15 de março de 1949, foi casado com Luriko Shimabukuro, nascida em 13 de junho de 1950. É pai de Andréa, nascida em 14 de dezembro de 1978, Alexandre, nascido em 28 de março de 1981, e Aílton, nascido em 20 de abril de 1983.

* A partir do livro *Amigo É Coisa pra Se Guardar...*

JOSALBA VIDIGAL DE CASTRO*

In memoriam

Pesquisadora em instituições renomadas

Em 1976, atuou como pesquisadora do Instituto de Botânica em São Paulo. Em 1977, foi transferida para a área de fisiologia pós-colheita de frutas e hortaliças do Instituto de Tecnologia de Alimentos (Ital), de Campinas, função que ocupou até 1995. A partir dessa data, foi trabalhar no Instituto Agronômico de Campinas (IAC), com atuação na mesma área de conhecimento.

Foi casada com Carlos Eduardo Ferreira de Castro, formado na Turma de 1975. É mãe de Viviane, Tiago e Mateus.

* A partir do livro *Amigo É Coisa pra Se Guardar...*

JOSÉ ANTONIO PIVA (PIVA)*

In memoriam

Por plantas apaixonado, autor consagrado

Nascido em 23 de julho de 1949, iniciou suas atividades profissionais no Centro de Desenvolvimento Agrícola do Vale do Ribeira, trabalhando com plantas tropicais. Em 1977, passou a trabalhar na Prefeitura de Paulínia, na área de serviços públicos, projetando e executando mais de 300 mil metros quadrados de jardins, praças e parques. Entre as principais obras, estão a criação do Jardim Botânico de Paulínia, o Parque Zeca Malavazi e a Praça Paul Percy Harris, cujo *layout* mostra o maior símbolo do Rotary Club do mundo, com 72 metros de diâmetro. Foi diretor do Jardim Botânico de Paulínia. Escreveu 56 livros.

Casado com Antonia Terezinha Ferro Piva, é pai de Aline Paula, Miguel Luiz, e André Fernando, e avô de Tiago.

Morreu em 14 de março de 2023. Os colegas e amigos o descreveram como um profissional apaixonado, que dedicou a vida toda à bela profissão da agronomia.

* A partir do livro *Amigo É Coisa pra Se Guardar...*, com informações da Adealq.

JOSÉ BENEDITO GALVÃO BARBOSA (TORRINHA)

Em Araguaína implantou fazendas e fez a vida

Como o apelido diz, sou natural de Torrinha (SP), tenho 72 anos e resido em Araguaína (TO) desde 1978.

Trabalhei no antigo Banco do Comércio e Indústria de São Paulo no período de 1974 a 1978, parte em São Paulo e depois em Araguaína e Arame (MA), regiões em que atuei na abertura de fazendas para o banco.

No final de 1978, ainda em Araguaína, fui cuidar da Fazenda Malasca, pertencente ao Grupo Cosan, onde permaneci por dezenove anos. Terminado esse período, deixei a empresa para cuidar de meus investimentos em pecuária de corte.

Tenho dois filhos homens, também ligados à agropecuária por formação e dedicação, e quatro netos. Fui casado durante trinta anos, hoje estou divorciado.

JOSÉ DJAIR VENDRAMIM (DJAIR)

Referência na entomologia, para os alunos uma luz guia

Nasci em 28 de novembro de 1950 na zona rural de Saltinho, então distrito de Piracicaba, onde concluí o curso primário. Em 1962, mudei-me com a família para Piracicaba, onde cursei o ginásio e científico. Em 1971, pude começar a realizar meu sonho de cursar engenharia agronômica na Esalq.

Logo após a graduação em 1975, fui contratado pela Fundação Faculdade de Agronomia Luiz Meneghel (FFALM), de Bandeirantes (PR), atual Universidade Estadual do Norte do Paraná (Uenp), para lecionar na área de entomologia. No início de 1978, ainda vinculado à FFALM, iniciei o mestrado na Esalq, instituição pela qual fui contratado em fevereiro de 1980 para desenvolver atividades de ensino, pesquisa e extensão no Departamento de Entomologia.

Casei-me em 1981 com Isaura Rosane de Almeida, com quem tenho três filhos: Victor Hugo, Thaís Cristina e Luís Felipe. Durante esse período, concluí meu doutorado na Esalq. Em 1987, fui aprovado no concurso de livre-docência e, no ano seguinte, no concurso de professor adjunto, ascendendo à função de professor associado.

A partir de 1993, atendendo à crescente demanda no curso de pós-graduação em entomologia, passei a me dedicar também à área de inseticidas botânicos. Aprimorei meus conhecimentos com um curso de resistência de batatas a pragas realizado na Universidade Cornell, Ithaca, Nova York, Estados Unidos. Em 2002, alcancei o ápice da carreira acadêmica ao me tornar professor titular. Na Esalq, além de chefiar o departamento, ocupei cargos em diversas comissões científicas e administrativas.

Em 2018, decidi me aposentar, mas me mantenho vinculado à Esalq por meio do Programa Professor Sênior, junto ao Departamento de Entomologia. Minhas pesquisas têm se concentrado principalmente no desenvolvimento de variedades resistentes e na busca por produtos naturais à base de plantas, orientando mais de uma centena de alunos em nível de graduação e pós-graduação ao longo dos anos.

JOSÉ EDUARDO OLIVEIRA DE LIMA (SACATRAPA)

Abrindo caminhos em frutas, nas trilhas da fé

Nascido em 11 de junho de 1953, em Limeira (SP), é descendente de espanhóis, italianos, portugueses e indígenas brasileiros.

Em 1976, casou-se com Maria Inês Perina. Tem um filho, duas filhas e seis netos.

Obteve o título de *Master of Science* em 1980 e de *Philosophy Doctor* em 1983 pela Universidade da Flórida, nos Estados Unidos.

Publicou diversos trabalhos científicos na área de citricultura, à qual se dedicou desde sua formatura. Trabalhou na Fazenda Sete Lagoas, da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), e Fazendas Jaguarão. Foi produtor de mudas cítricas durante mais de trinta anos e desenvolveu técnicas especiais de produção, patenteando vasos que previnem o enovelamento e espiralamento de raízes, hoje utilizados principalmente nos Estados Unidos.

Desenvolveu também embalagens biodegradáveis para mudas cítricas, de videiras e de nogueiras, que fabrica e exporta para os Estados Unidos e Austrália. Ainda desenvolveu inúmeros híbridos de porta-enxertos cítricos, utilizados principalmente nos Estados Unidos e na Espanha.

Desde a formatura, sempre foi um agricultor, principalmente na área de fruticultura em pomares e formação de mudas, a que se dedica até os dias de hoje.

Seus principais *hobbies* são o arco e flecha, a marcenaria e as caminhadas, tendo percorrido os Caminhos de Santiago, o Caminho da Fé, o Caminho de São Francisco de Assis e partes da Via Francigena. Publicou o livro não científico *Jesus Nosso de Cada Dia*, em que aborda de forma pragmática a espiritualidade.

JOSÉ JUAREZ PEREIRA DE FARIA (PINGUIM)

Muitos campos de atuação, enorme contribuição

Quando me formei em 1974, meu pai me disse: "Meu compromisso era de te dar uma formação superior, agora você se vira para se sustentar". Naquele ano, fui contratado para a área de promoção externa da Ciba-Geigy. No ano seguinte, fui para o setor de desenvolvimento de produtos, que era o meu desejo.

A pedido de minha mãe, pedi demissão. Meu pai estava doente e eu precisava ajudar a tocar a fazenda em São Miguel do Araguaia (GO). Minha função se restringia a ser seu chofer e baldear funcionários, pois ele não aceitava minhas sugestões técnicas e administrativas. Resolvi procurar emprego.

Em outubro de 1975, fui contratado como engenheiro agrônomo na Bradesplan, do Grupo Bradesco, para atuar nas regiões de Botucatu (SP) e Bauru (SP). Em 1977, recebi um convite do Banco Itaú para atuar no setor regional de crédito rural em Ituiutaba (MG), onde nasceram meus filhos Jean Pierre, em 1978, e Erick, em 1980.

No ano seguinte, fui transferido para Londrina (PR). Convidado para a área comercial, assumi a gerência de Marialva (PR). Em 1986, a meu pedido, fui para a agência central de Cuiabá.

Dois anos depois, saí para me associar ao meu pai na fazenda em Mato Grosso. Então meus pais decidiram voltar para Ribeirão Preto (SP). Vendemos a fazenda e comprei outra propriedade para a criação de suínos e aves. Consegui como clientela os principais supermercados e redes de casas de carnes de Cuiabá e Várzea Grande (MT). Depois vendi a propriedade.

Entre 1993 e 1999, trabalhei na indústria de bebidas Antarctica de Mato Grosso. De 2000 a 2019, fui servidor público no estado, ocupando diversos cargos na Secretaria de Indústria, Comércio e Minas e Energia. Fui superintendente de desenvolvimento florestal da Secretaria de Desenvolvimento Econômico.

Fiz pós-graduação em administração e economia rural, economia do meio ambiente e o MBA em gestão tributária. Fiz o mestrado em engenharia civil e ambiental. Atuei como professor em cursos de graduação e pós-graduação, fui membro do Conselho Estadual de Educação e de diversas organizações, além de conselheiro em órgãos estaduais de meio ambiente e ciência e tecnologia e do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia de Mato Grosso.

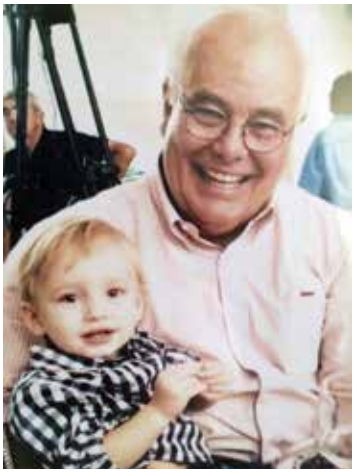
Ainda fundei uma associação de engenheiros agrônomos em Minas Gerais e participei de associações de engenheiros e arquitetos no Paraná e em Mato Grosso. Realizei palestras e cursos, publiquei artigos, relatórios e escrevi três livros.

Tenho dois netos nascidos em Campinas (SP) e dois netos, gêmeos, nascidos em Cuiabá. Minha esposa, Egle, e eu estamos aposentados. Possuo uma empresa especializada em captar investimentos e em captação de recursos financeiros para investimentos e capital de giro.

JOSÉ LEMOS MONTEIRO (ZEÍTO)

No Pantanal fez história diferente, paixão pelo bioma e sua gente

Nascido em São Paulo, capital, fui para Piracicaba em meados de 1970 para fazer o terceiro ano do científico e o cursinho pré-vestibular do Torigoi, o Curso Luiz de Queiroz. Durante a faculdade, além dos estudos, desenvolvi campos de produção de sementes de *Brachiaria decumbens* e leguminosas. Na república Varandão, foi construído o girocóptero Bensen.



Em 1978, me mudei para Campo Grande para gerir as terras da família na região do Pantanal. Foi um longo e árduo caminho, com a implantação de cercas, estradas, pontes, currais, desmates, gradagens, semeaduras, aumento e troca do rebanho Nelore para Brangus, ações que duraram trinta anos.

De uns tempos para cá, entramos na fase de reformas, com maior tecnologia no melhoramento genético e engorda em confinamento. Marcela sempre foi a administradora financeira, e os três filhos, Gastão, Artur e Lucas, também engenheiros agrônomos, atuam no negócio que consiste em pecuária de ciclo completo, venda de touros Brangus e produção de sementes *Brachiaria humidicola*.

Fora da fazenda, presidi a Sociedade de Defesa do Pantanal, o Núcleo Brangus Centro-Oeste e o Sindicato Rural de Campo Grande. Como coordenador da pecuária de corte da Federação de Agricultura de Mato Grosso do Sul, realizamos em 2011 o Congresso Mundial da Carne. Tentamos fundar uma Cooperativa de Açougues, sem sucesso.

Continuo na ativa, mantendo certa distância, dividindo espaço e responsabilidades com os filhos. Sempre procurando novas tecnologias, acompanhando os congressos da carne, pastagens e exposições de gado e maquinário agrícola em vários países mundo afora.

Em 2022, após 44 anos dedicados ao Pantanal, fui agraciado pela Assembleia Legislativa de Mato Grosso do Sul com o título de Cidadão Sul-Mato-Grossense. Orgulhosamente, o neto mais velho, Pedro, prestará vestibular na Esalq neste ano.

JOSÉ LUIZ PAGOTO (PAGOTINHO)

Crédito, assistência e tecnologia, valorizando família e Olímpia

Saindo da Esalq, fui à procura de trabalho. Naquela época, o crédito rural demandava grande número de contratações de agrônomos nas carteiras agrícolas dos bancos e, em março de 1975, fui contratado pelo Banco Mercantil de São Paulo.

Após treinamento na matriz na capital paulista, fui designado para trabalhar em Fernandópolis (SP). Atendia regionalmente dez agências. Permaneci no banco até junho de 1976, quando, por meio de um concurso público, ingressei na Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati), da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo.

Permaneci na região de Fernandópolis até 1980, quando me transferi para Olímpia (SP), minha terra, onde exerci os cargos de chefe da Casa da Agricultura e, depois, de delegado agrícola. Com a reforma da Cati na década de 1990, fui trabalhar o Escritório de Desenvolvimento Rural, da regional de Barretos (SP), inicialmente como assistente de direção e, depois, como diretor regional.

Após 37 anos no serviço público, me aposentei, mas continuo trabalhando em minha propriedade rural, a Fazenda Bela Vista, em Olímpia, onde planto cana-de-açúcar e sou fornecedor do Grupo Tereos.

Em 18 de dezembro de 1976, casei-me com Teresa Cristina, o grande e único amor da minha vida. Temos três filhas: Fernanda, Marcela e Clery, das quais tenho o maior orgulho e que amo de paixão. Temos cinco netos: João Humberto, Ana Lívia, Rafael, Miguel e Beatriz, todos lindos e, o mais importante, cabeças muito boas.

Saudades de meus pais, Alfredo e Ida, aos quais devo minha educação e oportunidades proporcionadas.

JOSÉ LUIZ SAMMARCO PALMA (ZÉ BUTÃO)

Paixões e viagens entrelaçadas: na lida do gado, café, cavalos

Nasci em 21 de julho de 1951 em São Paulo, capital, mas passei a infância em Altinópolis (SP), onde vivo. Prestei vestibular na capital e ingressei na Esalq em 1971.

Na Escola, participei do Centro Acadêmico Luiz de Queiroz (Calq) e do Tulq, o teatro universitário, onde encenamos O *Santo Inquérito*, de Dias Gomes. Me divertia muito com todos os colegas. Fui um dos diretores do famoso *Dr. Show* que fizemos no Calq no final de 1974. Vários quadros desse espetáculo se repetiram por anos a fio nas nossas confraternizações posteriores. Também fui diretor-geral do show da "bixada" no começo de 1975, com imenso sucesso.

Desde 1974, atuei em várias propriedades rurais e no Haras da Esperança, nas áreas de cana-de-açúcar, café, pecuária de corte e equinocultura. Atualmente me dedico mais à cafeicultura. Até hoje, trabalho exclusivamente em bens de família, na melhoria administrativa e agrícola, conquistando, principalmente, amigos.

Fui por três vezes presidente, além de vice e membro do conselho técnico superior da Associação Brasileira dos Criadores do Cavalo Mangalarga Marchador. Sou coautor, com Ricardo Casiuch, do livro *Das Cocheiras da Esperança à Rampa da Gameleira*, de 2023.

Desde 2005, sou tesoureiro do Sindicato Rural de Altinópolis (SP), função que também exerci no Hospital de Misericórdia entre 2018 e 2022. Fui membro fundador da Loja Altino Arantes na cidade.

Hoje, sou coordenador da Credicitrus, agência Altinópolis, além de cooperado da Coopercitrus Cooperativa de Produtores Rurais, de Bebedouro (SP), e da Cooperativa Regional dos Cafeicultores de Guaxupé (MG).

Tenho três filhos e dois enteados: Ana Luísa, Luiz, Daniel, Gabriela e Álvaro, além de três netos: Jade, Theo e Luigi. Sou casado com Maria Clarina Darini Palma, a "Minha Gracinha", querida esposa, e com ela e amigos temos viajado pelo mundo. Inicialmente participei da viagem técnico-cultural à Europa, e desde então tenho percorrido o Brasil e diversos países juntamente com amigos feitos na Esalq e tantos outros. Respeitando sempre todos e vivendo com muita alegria e fé em Deus, trabalhando e fazendo do meu dever o meu prazer, além de programar viagens para o futuro.

JOSÉ MARCOS LEMOS FOCHI (MOCORONGO, MOKÔ)

Ciência na análise e no comércio, conhecer o mundo sempre de perto

Iniciei o trabalho profissional ainda cursando o último ano na Esalq, na área de gramíneas. Em fevereiro de 1975, ingressei no Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas (FGV), no Rio de Janeiro, inicialmente no projeto de avaliação do custo de produção do setor sucroalcooleiro com o objetivo de subsidiar a definição dos preços pelo governo federal. Posteriormente, atuei na revista *Agroanalysis*, editada pelo Grupo de Informação Agrícola da FGV.

Em 1980, fui para a área de *trading* de *soft commodities* (cacau, açúcar e café) da Interbrás, empresa controlada pela Petrobras, onde fiquei até 1986. Continuei a atividade na área de cacau, em uma empresa privada, até 1989.

Entre 1990 e 2000, atuei como sócio na empresa Albatross, principalmente com exportação de cacau e, em menor volume, com café robusta, arroz e sementes de guaraná. De 2000 até 2008, tive uma grande experiência como *designer* na produção industrial e no comércio de móveis na empresa própria Alchimia. Ao mesmo tempo, investi na criação de gado de corte em Rondônia.

De 2009 a 2018, "autodecretei" uma década sabática para viajar mundo afora. Desde 2019, sigo trabalhando em consultoria ambiental para adequação das propriedades rurais ao Código Florestal Brasileiro.

Dos quatro filhos (dois meninos e duas meninas), ganhei dois netos. O mais velho, o "loirinho" à minha direita na foto, já é quase engenheiro aos 21 anos. No meu colo, está a netinha recém-nascida.

Meu apelido decorre do fato de que servi o Tiro de Guerra em Piracicaba, no primeiro ano da Escola. No meio militar, diz-se que "mocorongo" é uma pessoa desajeitada, desengonçada. Não é o meu caso, pois os colegas da Esalq discordam e são prova: sou dotado de excelente memória, muito organizado e alerta, não esqueço ou perco nada, ando muito bem-alinhado e sou exemplar na redação de mensagens nos nossos grupos de WhatsApp. E reconhecem também que sou um grande organizador de roteiros qualificados para nossas viagens no Brasil e no exterior. É essa a minha paixão maior pela vida!

JOSÉ MÁRIO DA ROCHA FROTA (PACOTE)

No topo da tecnologia em aves e suínos, na família o abrigo

Iniciei minha vida laboral em julho de 1975 na Usina Mecânica Carioca (Usimeca), empresa que tinha uma *joint venture* com a Big Dutchman, dos Estados Unidos, fabricante de equipamentos de aves e suínos. Permaneci por três anos atuando em projetos de instalações por todo o território nacional.

Em 1978, me transferi para o Frigorifico e Matadouro Araguaína, em Araguaína (GO), atualmente Tocantins. Iríamos instalar uma granja de suínos de 1.100 matrizes, mas o projeto não foi adiante, o que ensejou meu retorno a São Paulo. Em janeiro de 1979, retornei à Usimeca como representante autônomo até 1983, vendendo equipamentos de aves e suínos para o estado de São Paulo.

Em 27 de junho de 1981, casei-me com Suzana de Almeida Prado Marsiglio (Suzi). Dessa união, nasceram os filhos José Paulo, Suzana e Celina.

Atuei na carteira agrícola do Banco Geral do Comércio entre 1983 e 1984, depois me transferi para a Cooperativa Agrícola da Zona do Jahu, atuando na assistência e assessoria agrícola. Foram três anos de muito trabalho, mas a empresa não suportou os custos e resolveu extinguir o departamento técnico.

Em 1987, iniciei meu último emprego, na Agroceres PIC e Nutrição Animal, como assistente técnico comercial, com vendas de reprodutores e matrizes de suínos, bem como a venda de nutrição especializada para esses animais. Desenvolvemos muitos clientes. Tornei-me gerente técnico comercial em 1997 e assim permaneci até encerrar meu período nessa empresa em 2012, quando me aposentei.

Em abril de 2005, Suzi e eu iniciamos uma produção leiteira em uma propriedade no município de Lutécia (SP), mas, com a falta de empregados e a minha indisponibilidade de tempo, resolvemos encerrar a atividade e arrendar a propriedade para o plantio de cana-de-açúcar.

Em janeiro de 2022, Suzana faleceu em decorrência de um câncer. No ano seguinte, trocamos o arrendamento de cana pelo arrendamento para o plantio de amendoim. E devemos continuar por um bom tempo com a área destinada a esse plantio.

Além da satisfação profissional, tenho três paixões na vida: a família e os amigos, um bom prato, e um bom copo, especialmente de cerveja. Às três paixões sempre me dediquei com engenho e arte.

JOSÉ ROBERTO MORO (PERDIGUEIRO)

Um geneticista de mão cheia, no milho a técnica clareia

Nasci em Santa Bárbara d'Oeste (SP) em 12 de janeiro de 1953, filho de Romeu Moro e Antonia Abilla Moro.

Após a formatura em 1974, fui contratado pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) para trabalhar no Centro Nacional de Pesquisa em Milho e Sorgo, em Sete Lagoas (MG). Fiz mestrado em genética e melhoramento de plantas no Departamento de Genética da gloriosa Esalq ao lado de vários amigos da Turma de 1974.

Em agosto de 1979, retornei a Piracicaba para fazer o doutorado, também em genética. Após ter obtido o título em 1982, trabalhei como professor visitante, contratado pela Embrapa, no Departamento de Genética da Esalq.

Em janeiro de 1988, pedi demissão da Embrapa e fui contratado como professor pela Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp), campus de Jaboticabal (SP), onde me aposentei em 2013.

Sempre trabalhei com melhoramento genético de milho e, a partir de 1990, também com palmito pupunha.

Tenho três filhos e três netos. Desde 2013, estou morando em Jaboticabal e em Salvador, junto com minha atual mulher, a querida Roberta. No mais, é continuar curtindo a vida, dia após dia, já que a vida é o melhor e o mais valioso presente que recebemos de Deus. Axé!

JOSÉ WALTER FIGUEIREDO SILVA (TIO BUGRE)

Um talento em meio ambiente, ensinando na prática muita gente

O primeiro trabalho foi na Fazenda do Porto, em Atibaia (SP). Gado leiteiro e preparo da área para futuro loteamento. Na mesma empresa, segui para Boa Esperança (MG), para também trabalhar com gado leiteiro e café. Retornei à capital paulista, onde constituí a Trópica Paisagismo. Deixei a empresa com os sócios e fui para Pires do Rio (GO). Na sequência de vida, retornei a Ribeirão Preto (SP), onde fui secretário de Meio Ambiente.

Trabalhei na Ferrovia Paulista e no Instituto Social Democrata. Daí segui para a Secretaria de Estado de Meio Ambiente, onde, na Companhia Ambiental do Estado de São Paulo, desenvolvi e implantei em todo o estado o Programa Município Verde Azul.

Em 2022, aposentei-me e hoje mantenho escritório em Ribeirão Preto, onde trato de assuntos ligados ao meio ambiente, oferecendo às prefeituras serviços relacionados a resíduos sólidos, uso e conservação da água, recuperação de nascentes, arborização urbana e cursos de poda em árvores urbanas. Nos últimos quinze anos, proferi aproximadamente 1.400 palestras sobre esses temas.

Aos finais de semana, planto árvores pela cidade, escrevi um livro de educação ambiental e arborização urbana e estou pelejando acabar um segundo sobre gestão pública. Fiz pós-graduação em gestão pública e, depois, privada. Sou perito ambiental e ainda trabalho umas dez horas por dia em assuntos ligados à minha grande paixão, a agronomia.

Casei-me ainda na Escola, foi um tempo muito breve de casamento, resultando no primogênito, Gustavo, bacharel em advocacia, e na filha Gláucia Maria, pedagoga. Voltei a casar, com Nelci, e seguimos juntos. Dessa união nasceu Muriel, engenheira agrônoma. Três filhos que muito me orgulham e três netos maravilhosos. Atualmente faço curso de pós-graduação de nutrição e desenvolvimento das plantas na Esalq, para encerrar minha vida sempre aprendendo, na gloriosa.

KODHAI JOSÉ SÍRIO*

In memoriam

Na indústria do açúcar e da cachaça, cronista de tanta graça

Formado, atuou como autônomo na área de projetos agropecuários em Ribeirão Preto (SP). De 1975 a 1977, foi responsável pelo setor de engenharia rural da Concrenasa Concreto Nacional, de Ribeirão Preto, e assessor técnico da Emape Empreendimentos Agropecuários. Entre 1977 e 1978, atuou como responsável pela empresa Agroconsultoria Projetos Agropecuários. Em seguida, até 1981, foi engenheiro agrônomo da divisão agronômica da Copersucar, estação Sertãozinho (SP).

O passo seguinte foi dado como gerente da Companhia Açucareira São Geraldo, de Sertãozinho (SP), entre 1981 e 1989, quando passou a atuar como assessor de endomarketing.

Posteriormente, foi gerente de produção de aguardente e gerente de projetos institucionais da Indústrias Muller de Bebidas (Caninha 51), além de responsável pela agroindústria e agropecuária do Grupo IMBL.

Casado com Célia Ribeiro Dias Sírio, tem dois filhos, Carolina e Otávio, e dois netos, Lucas e Daniel.

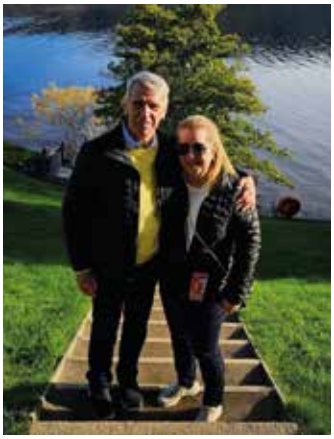
Kodhai era de um humor fino, inventava situações divertidas. Certa vez, colocou o despertador para acordar o Guido, companheiro de quarto, mesmo sabendo que a aula das 7 da manhã havia sido cancelada. Era metódico até para ir ao banheiro e cronista de costumes da casa. Idealizou o *Jornal da Kukumká*, escrito por ele (até com caneta Bic) com a colaboração do Ivan. Uma edição clássica do JK foi feita para a festa do primeiro quinquênio da Turma de 1974, em 1979. Duas histórias estão neste livro.

* Atualizado pelos amigos a partir do livro *Amigo É Coisa pra Se Guardar...*

LINEU AMARO RODRIGUES (PARDAL)

Vida profissional sem monotonia, inclusive na bateria

Minha trajetória definitivamente não pode ser chamada de monótona. Comecei ainda nos bancos da Esalq, no último semestre, quando fui trabalhar na área de crédito do Banco Lar Brasileiro, associado ao The Chase Manhattan Bank, onde fiquei um ano.



O passo seguinte foi dado na Seitec, empresa de projetos agropecuários, onde desenvolvi projetos em vários estados. Com o fim da empresa, fui trabalhar numa propriedade do Banco Bozano, Simonsen no interior do Rio de Janeiro. Reformei pastos e cuidei do pomar de citros, recuperando a rentabilidade da fazenda.

Depois, abri uma fazenda para o banco no extremo sul da Bahia com a finalidade de desenvolver um projeto de cacau e seringueira. Após três anos, já casado, pedi demissão e comprei um sítio próximo a Artur Nogueira (SP), onde nasci. Recuperei um pomar abandonado e uma várzea, onde plantei hortaliças com um contrato com a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab).

Naquele ano, o preço da laranja foi muito ruim e a geada dizimou a cultura de pimentão. Agora com um filho, procurei novo emprego. Cuidava do sítio nos finais de semana.

Fui responsável pela área de hortaliças e grandes culturas, além de gerente do departamento técnico na Cooperativa Holambra, de Jaguariúna (SP). Três anos mais tarde, gerenciei as áreas de suprimentos de vegetais e de integração de suínos da Swift, onde transferi a produção de ervilha e milho doce do Sul para o Cerrado, tendo sido pioneiro na produção desses vegetais para a indústria de alimentos.

Cinco anos depois, com a venda da Swift para o Grupo Bordon, pedi demissão e iniciei uma nova etapa como gerente técnico de produto na Asgrow, quando trouxe para o Brasil o brócolis de cabeça, entre outros produtos. Depois, fui convidado para gerenciar duas fazendas do Grupo Schoenmaker, em Holambra (SP).

Dois anos após, tive a felicidade de receber uma ligação do amigo Ivan Wedekin, que me convidou para trabalhar na Agroceres como gerente de produto e, depois, de marketing. Permaneci por cinco anos até a empresa ser comprada pela Monsanto, onde me aposentei depois de doze anos e treze chefes.

Aposentado, me dediquei a uma consultoria independente de gestão de negócios e implementação de sistemas em distribuidores de insumos, além de fundos de investimento especializados no agronegócio.

Sou esposo da Regina e pai do Lineu Junior, Letícia (*In memoriam*) e Daniel. Moro em Votorantim (SP).

Além de manter com o mercado uma afinada sintonia, meu *hobby* sempre foi tocar bateria.

LUÍS CARLOS MARCHINI (MARCHINI)*

Valorizando a ciência, na Esalq a docência

Com muito orgulho, formou-se em 1974. A partir do ano seguinte e até 1976, fez o mestrado na área de entomologia na Esalq. De 1976 até 1979, trabalhou no Departamento de Fitossanidade da Escola Superior de Agricultura de Lavras (Esal, atual Universidade Federal de Lavras - Ufla, MG). Em 1979, foi para Inglaterra, onde obteve o título de PhD na Universidade de Manchester, em 1982.

De volta ao Brasil, passou a atuar na Esalq como professor dos departamentos de Entomologia, Fitopatologia e Zoologia Agrícola, na área de insetos úteis.

Casado com Maria Helena Mendes Marchini, tem um filho, Bruno.

* A partir do livro *Amigo É Coisa pra Se Guardar...*

LUIZ ANTONIO GIORDANO (BIGATO)

Na lida e vivência no campo, por todos os anos

Após a formatura, me mudei para a Fazenda Santa Eliza, em Ribeirão Bonito (SP), onde cultivava algodão e milho. Durante vários anos, dediquei-me à pecuária leiteira, passando depois para a pecuária de corte. Tinha também granjas de frango e de suínos, possuía uma firma de planejamento e trabalhava para o Banco do Brasil. Ainda atuava como perito judicial.

Em 1979, me casei com Maria Beatriz Celestino Giordano, e temos três filhos: Carolina, Bruno e Bianca. Temos três netos.

Moramos na fazenda por 21 anos. Com o falecimento de meus sogros, resolvemos vender a propriedade e ficar com a que era deles, onde produzimos apenas cana em parceria com um conhecido.

LUIZ ANTONIO PARO JUNIOR (JABURU)

Assistência e projetos, a pecuária sempre por perto

Meu primeiro emprego foi no Instituto de Pesquisas e Estudos Florestais (Ipef), em Piracicaba. Em seguida, fui contratado como professor de entomologia na Fundação Faculdade de Agronomia Luiz Meneghel (FFALM), de Bandeirantes (PR), atual Universidade Estadual do Norte do Paraná (Uenp).

Concomitantemente, fui chamado pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e encaminhado para o curso de pós-graduação em Piracicaba, tendo como orientador o professor Octavio Nakano.

Em junho de 1976, deixei a Embrapa e a pós-graduação e vim para Coxim (MS), na época Mato Grosso, para assumir como sócio a Coplan Projetos Agropecuários e Assistência Técnica, que opera na área de crédito rural, topografia e licenciamento ambiental. Sou proprietário até hoje, com incorporação de tecnologias como georreferenciamento, prestação de serviços com *drones* e, recentemente, crédito de carbono.

Tornei-me proprietário rural, trabalho com pecuária extensiva e intensiva, cria, recria e engorda com terminação em confinamento. Os filhos estão assumindo cargos na empresa e na propriedade.

Ainda fui presidente do sindicato rural por duas gestões e membro da diretoria por um longo tempo. Presidi a Associação dos Engenheiros Arquitetos e Agrônomos da região norte do Mato Grosso do Sul, fui inspetor do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia e perito judicial.

A Esalq contribui muito para o meu legado.

LUIZ CARLOS FERREIRA DA SILVA (CHORÃO)

Na nutrição de plantas, contribuição para a indústria da cana

Nasci em Lins (SP) em 1950 e me mudei para Piracicaba em 1952. Sou considerado, portanto, "nativo" pelos esalqueanos.

Ingressei no curso de engenharia agronômica da Esalq em 1971 e me formei em 1974.

Fiz o mestrado em solos e nutrição de plantas em 1977 e o doutorado na mesma área em 1993, ambos na Escola.

Meu primeiro emprego foi na Ciba-Geigy Química, onde trabalhei de dezembro de 1974 a abril de 1975, na cidade de Fernandópolis (SP).

No período de março de 1976 a agosto de 1979, trabalhei nano Serviço Nacional de Levantamento e Conservação de Solos, da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), no Rio de Janeiro.

Posteriormente, trabalhei no Programa Nacional de Melhoramento da Cana-de-Açúcar (Planalsucar), do Instituto do Açúcar e do Álcool (IAA), hoje pertencente à Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), em Araras (SP), de agosto de 1979 a dezembro de 1990, quando o IAA foi extinto pelo governo Collor.

Finalmente, trabalhei na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), como docente no Centro de Ciências Agrárias, campus de Araras (SP), de janeiro de 1991 a outubro de 2017, quando me aposentei.

Sou casado desde 1986 com a Heloísa, tenho dois filhos: Flávia e Vítor e uma neta, Luiza.

Desde 1979 resido em Araras.

LUIZ CUNALI DE FELIPPE (MOCOCÃO)

Na rota do trabalho em toda parte, amizade e viagem

Após a formatura, trabalhei na África do Sul. Retornei ao Brasil e atuei como engenheiro agrônomo na Ipiranga Agroindustrial, empresa em que depois me tornei gerente, diretor e, por fim, conselheiro.

Durante todos esses anos de trabalho, fiz diversos cursos no Brasil e no exterior, participei de congressos nacionais e internacionais e fui membro de várias entidades beneficentes.

Sou casado, tenho dois filhos graduados na Esalq e quatro netos.

Meu lazer preferido, com minha esposa, é viajar. Sempre que temos oportunidade, vamos para algum lugar.

Sou um apaixonado pela Esalq e pelos meus grandes amigos e amigas da Turma de 1974. Sempre que posso, estamos juntos, é algo muito valioso para mim.

LUIZ EDUARDO DOS SANTOS (GAMBÁ)*

Valorizando a ciência, na Esalq a docência

De 1975 a 1976, trabalhou na área de crédito rural no Banco Francês e Italiano, depois Banco Sudameris. Depois dessa experiência atuou entre 1976 e 77 na Casa da Agricultura de Itapetininga (SP), da Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati). Em seguida, foi para o posto de ovinos e caprinos do Instituto de Zootecnia (IZ), em Itapetininga (SP). A partir de 1984, ainda no instituto, passou a atuar especificamente com essas espécies no Centro de Nutrição e Alimentação Animal.

Fez o mestrado em nutrição animal e pastagens na Esalq, entre 1982 e 1994.

Foi casado com Norma Sueli Rosilho dos Santos (Turma de 1975,*in memoriam*), com quem tem quatro filhos, Flávio, André, Paula e Rafael. Atualmente vive em Niterói (RJ).

* A partir do livro *Amigo É Coisa pra Se Guardar...*

LUIZ EDUARDO MONIS (MONIS)

No crédito o brilhantismo, até no automobilismo

Após a conclusão do curso, sempre trabalhei na área financeira, ligado às diretorias de crédito rural e agroindustrial nos bancos Noroeste, Excel-Econômico, Nossa Caixa e Banco do Brasil.

Foram 43 anos de muita atividade, com participação na criação e na gestão de diversos programas especiais, tanto no segmento privado quanto no setor público, que acredito terem contribuído, de alguma forma, com o agronegócio.

Atualmente aposentado e residindo em Piracicaba, tenho mais tempo para me dedicar ao meu eterno *hobby*: o automobilismo, além, é claro, de curtir o neto, a família e as amizades construídas em tantos anos de existência.

LUIZ EGYDIO CONSTANTINI (XIXO)

No planejamento e na ação, humor em toda ocasião

Ao me formar, eu já plantava milho comum e milho pipoca, com fornecimento para refinações do Brasil. Em 1975, fui trabalhar na Baneser - Banespa Serviços Técnicos e Administrativos. Posteriormente passei em um concurso da Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati) e fui atuar como agrônomo em Presidente Epitácio (SP).

Em 1978, saí da Cati e montei uma granja para engorda de suínos e uma empresa de planejamento chamada Plantel, que tinha uma equipe de topografia para marcar curva de nível e o primeiro laboratório de análise de solo e adubo do oeste paulista. A Plantel foi a primeira empresa do Brasil a ser credenciada para perícia pelo Banco Central. Nossos clientes não pagavam pela análise de solo nem pelas curvas de nível. A empresa deixou de atuar em 1997. Durante um período, ainda montei uma fábrica de fertilizantes chamada Fertixão.

De 1973 até 1988 plantei soja, algodão, feijão e milho. Simultaneamente, produzia boi para abate. Deixei a atividade de pecuarista em 2023, quando arrendei a propriedade para o plantio de cana.

Fui membro da Comissão Especial de Recursos do Programa de Garantia de Atividade Agropecuária, no Ministério da Agricultura, durante o governo Collor, além de assessor ministerial e diretor administrativo da Associação Brasileira das Empresas de Planejamento Agropecuário. Ainda fiz parte da Comissão Nacional de Política Agrícola no governo Sarney.

Sou casado com Sérida de Fatima Silva Costantini, e temos três filhos, Marcelo, Tania e Luiz Egydio Junior, e cinco netos.

Há 28 anos moro em Presidente Prudente (SP).

Na vida tenho outra "dedicação": cultivar os amigos, um bom copo e azucrinar o Veloso, com humor, prazer e gosto.

LUIZ SANTANA ZILLO (ZILLO)*

Adotado pela T–74, um amigo de fato

Nasceu em 26 de julho de 1949 e atua como profissional liberal. É criador de cavalos pôneis e minivacas.

Casado com Maria Aparecida Minetto Zillo, tem três filhos: Luiz Gustavo, Luiz Guilherme e Nádia Maria. Não era da turma que ingressou na Esalq em 1971, mas formou-se em 1974. Pelo seu espírito, bom humor e intensa convivência é integrante da Turma de 1974.

* Escrito a partir do livro *Amigo É Coisa pra Se Guardar...*

LUIZ TAKASHI MANO (MANITO)

In memoriam

Empreendedor por natureza, família como fortaleza

Após a formatura, foi trabalhar na Cooperativa Agrícola de Cotia (CAC), em Londrina (PR), onde ficou por dois anos. Em 1976, fundou a Sementec–Comércio de Insumos. Na década de 1980, a Sementec se transformou em uma fábrica de bonés. Era o auge da carreira do piloto Ayrton Senna, que usava o boné "Nacional", do Banco Nacional, confeccionado pela Sementec.

Sementec também era o nome da fazenda em São Desidério (BA). Em 1990, a propriedade foi incorporada à Frascobrás, fábrica de frascos plásticos que produzia vasilhames para alimentos como sucos e iogurtes e para inoculantes agrícolas.

Um dia, a Sementec bonés se transformou em Showa, e, após alguns anos, Mano se desligou da fábrica de bonés, tendo permanecido focado na fábrica de frascos.

Em seguida, começou a produção de sucos, com a utilização das próprias embalagens fabricadas. O primeiro foi um suco à base de soja. Em 2000, o filho Marcelo deu a ideia de produzir suco de laranja natural, que se tornou o carro-chefe da empresa. Foi quando a razão social mudou para Mano Indústria e Comércio.

Com o falecimento de Mano, Marcelo assumiu a fábrica ao lado da mãe, Neusa Mano, conforme conta a filha do casal, Melissa.

"Graças à Esalq, meus pais se conheceram e formaram uma família incrível. Enfrentaram muitos desafios e obtiveram muitas conquistas. Meu pai sempre teve espírito empreendedor, minha mãe sempre foi a fortaleza, seu braço-direito. Tiveram êxito nos negócios, mas o sucesso veio da entrega de meu pai às suas duas paixões: a fábrica de suco de laranja e o beisebol, esporte em que construiu uma legião de amigos. Manito viveu todos os dias como se fosse o último, gargalhando em todos eles, cultivando amizades e a união da família."

MANOEL ADEMAR CAÇÃO (MANÉ CAÇÃO)

In memoriam (13/11/1950 - 08/05/1988)

No esporte e na profissão, carisma e paixão

Iniciou a carreira profissional de engenheiro agrônomo na próspera região do Vale do Paranapanema, mais especificamente em Pedrinhas Paulista (SP), atuando nos campos de cultivo de trigo e soja. Sempre muito empenhado nos estudos, após um concurso público, passou a exercer o cargo de engenheiro agrônomo da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, no município de Palmital (SP), levando sua experiência e conhecimento aos agricultores.

No início da década de 1980, transferiu seu cargo para o Posto de Sementes de Paraguaçu Paulista, sua cidade natal e onde residia na época. Atuou com dedicação, atendendo aos produtores de sementes e grãos de toda a região.

Sua trajetória profissional foi interrompida com a descoberta de um câncer, tendo falecido após dois anos de tratamento, com apenas 38 anos.

Casado com Maria Lúcia, sua namorada desde os tempos de faculdade, deixou este mundo precocemente, mas sua memória sempre será preservada, principalmente através de suas três filhas: Renata, arquiteta; Fernanda, médica; e Flávia, dentista.

Mané Cação, como era conhecido, foi um homem carismático, de uma inteligência aguçada e admirável. Seu espírito alegre e sua paixão pelos esportes o tornaram uma referência do esporte no município.

Após sua partida, a Câmara Municipal de Paraguaçu o homenageou dando seu nome à rua em que residia.

* Texto enviado por Maria Lúcia Marson Cação.

MARCELO DE CASTRO CUNHA

Nos negócios e fazendas, o trabalho como lema

Após a formatura em 1974, fui para o sul de Mato Grosso, hoje Mato Grosso do Sul. Era tudo muito virgem e inóspito, o asfalto só tinha chegado em Campo Grande. De lá para o oeste, era tudo estrada de terra. Fui abrir fazenda em Porto Murtinho (MS) e na região da serra da Bodoquena, também morei em Campo Grande.

Em 1978, resolvi abrir uma área no Paraguai, visualizava que era um país de futuro, apesar de estar vivendo a ditadura de Stroessner. Comprei uma área, abri e formei, no começo com pecuária e hoje com integração lavoura-pecuária (ILP). Depois disso, abri uma área com agricultura a norte de Campo Grande, em Bandeirantes (MS).

Em 1986, saí de Campo Grande e mudei para Presidente Prudente (SP), onde me casei. Até então, era solteiro. Minha esposa é da cidade e, por necessidade de negócios dela, acabei indo para Prudente, onde resido até hoje e continuo a administrar minhas propriedades junto com meu filho mais velho.

Basicamente, é essa minha história pós-formatura.

MARCOS SÉRGIO RANGEL FERNANDES (LAGOSTA)

Atividades destacadas, paisagismo na bela Piracicaba

Estou com 72 anos de idade, acredito que bem vividos. Logo que me formei, trabalhei um breve tempo com planejamento rural em São Paulo. Pouco tempo depois, tornei-me sócio de um escritório em Nanuque (MG) e Vitória.

O restante da minha vida profissional como agrônomo dividi em duas atividades: gerenciamento de propriedades rurais e paisagismo.

Na área de gerenciamento, comecei administrando duas fazendas em Itaí (SP), onde fiquei cerca de um ano, com gado de corte e leite, café e agricultura anual. Bem mais tarde, já em 1987, voltei a gerenciar uma propriedade rural, dessa vez em Buri (SP): gado de leite, muito arroz

irrigado e fruticultura de clima temperado. Em 1989, fui gerenciar um projeto de gado de corte em Mato Grosso do Sul, desenvolvendo uma pecuária intensiva que chegou a 100 mil cabeças. Também abrimos uma fazenda de 60 mil hectares no Chaco paraguaio. Foram dezenove anos nessa empresa. Depois, ainda trabalhei em uma fazenda de laranja e gado de corte, em Conchas (SP), e em outra de café, em Dois Córregos (SP).

Na área de paisagismo, atuei por cerca de oito anos na Prefeitura de Piracicaba como responsável pelo setor de parques e jardins. Terminei a implantação do Parque de Lazer dos Trabalhadores, projetei e implantei o Parque da Rua do Porto, gerenciei a reforma da Praça Central, implantei a arborização nas margens do rio, além de diversas atividades.

Depois, fui trabalhar em empresas privadas, também com paisagismo: na Mosca, trabalhei em grandes áreas industriais, na manutenção de praças, parques e estradas. Trabalhei também na manutenção e implantação de jardins residenciais e industriais. Já nos anos 2000, fui diretor do Parque Ecológico Monsenhor Salim Maluf, da Secretaria do Meio Ambiente, em Campinas (SP), e do Parque Fernando Costa (Parque da Água Branca), em São Paulo.

Em 2014, deixei de atuar como agrônomo e fui para o Departamento Estadual de Trânsito do Estado de São Paulo, sendo diretor em São Roque, Promissão e Bertioga.

Casei-me logo depois de formado e tenho três filhos: André, que me deu duas lindas netas gêmeas; Paulo, que me deu dois netos lindos; e Marta, que me deu um neto que é a cara do avô coruja. Casei-me pela segunda vez e ganhei uma enteada que criei com todo carinho. Ela me deu dois netos: uma menina e um menino.

Atualmente, estou aposentado e aproveitando a vida. Moro em Mongaguá (SP), pertinho da praia, onde vou caminhar quase todos os dias.

MARIA ALICE FIGUEIREDO MARTINS BONILHA

No trabalho o talento esbanja, família cresce com as mudanças

Logo após a formatura, participei de um intercâmbio nos Estados Unidos que, além de promover vivência internacional, proporcionou aprimoramento da língua inglesa e visitas técnicas a centros de pesquisa agrícolas, estações experimentais, bancos de germoplasma, estufas de cultivo etc.

Retornando ao Brasil, dirigi-me ao Departamento de Fitopatologia da Esalq, onde tinha desenvolvido projeto de iniciação científica durante a graduação, para retomar as atividades de pesquisa.

Após o casamento, em setembro de 1976, com Luiz Martins Bonilha Neto, da Turma de 1972, pesquisador científico do Instituto de Zootecnia (IZ), houve várias mudanças de endereço.

Em 1978, fomos para a Estação Experimental de Zootecnia de Nova Odessa (SP); em 1981, para a estação de Ribeirão Preto (SP) e, em 1986, para Sertãozinho (SP). Uma vez na região de Ribeirão Preto, retomei as atividades de pesquisa na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP, tendo concluído o mestrado em 1986 e o doutorado em 1993, na área de genética de fungos recombinantes. Em 1992, Luiz foi chamado para a informatização dos dados genealógicos e de desempenho dos rebanhos zebuínos na Associação Brasileira de Criadores de Zebu (ABCZ), em Uberaba (MG), e nos mudamos. Lá, tornei-me professora das Faculdades Associadas de Uberaba, ministrando diversas disciplinas. Permaneci até aposentar-me em 2011.

Em meio a tantos endereços, nossos filhos foram agregando o núcleo familiar. Em 1977, nasceu em Piracicaba a primogênita, Sarah, mãe do meu neto Pedro; em 1978, nasceu em Nova Odessa o Gabriel, pai de minhas netas Marina e Sofia; em 1986, nasceu em Ribeirão Preto o Eduardo, pai da minha neta Isabel; e em 1988, também em Ribeirão, nasceu o caçula, Rodolfo, pai do meu neto Antônio.

Em janeiro de 2012, voltei a morar em Franca (SP). Atualmente, Luiz e eu dedicamos nosso tempo à administração de nossas propriedades rurais, cuja atividade principal é a pecuária de corte, onde damos continuidade ao trabalho de uma vida na seleção da raça Nelore para desempenho e qualidade de carcaça.

MÁRIO BOGDOL ROLIM (MARCHA LENTA)*

No ministério a defesa sanitária como critério

Trabalhou por um ano e meio na Ciba-Geigy, Acarpa e Basf. Depois, transferiu-se para o Ministério da Agricultura, onde, até 1997, estava havia 23 anos e meio, atuando na área classificação vegetal e defesa sanitária no Aeroporto Internacional de Guarulhos, em São Paulo.

Do casamento com Marli Bogdol Rolim, tem dois filhos: Lílian e Danilo.

* A partir do livro *Amigo É Coisa pra Se Guardar...*

MASSARÚ YOKOYAMA (MANCHA NEGRA)*

Entomologista por inteiro, comida no prato do brasileiro

Após a conclusão do curso de agronomia, continuou estagiando no Departamento de Entomologia, sob a orientação do professor doutor Octavio Nakano. Em seguida, ingressou na Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) para cursar o mestrado na área de entomologia. Concluiu o mestrado em 1978, quando foi designado para trabalhar no Centro Nacional de Pesquisa de Arroz e Feijão (CNPAF), atual Embrapa Arroz e Feijão, em Goiás, onde iniciou os trabalhos de pesquisa com as pragas do feijoeiro-comum. Em 1986, retornou à Esalq para obter o doutorado, também na área de entomologia, mais uma vez sob orientação do professor Nakano. Com a obtenção do título em fevereiro de 1989, voltou ao CNPAF, desenvolvendo atividades de pesquisa com ênfase no controle da mosca-branca. Possui trabalhos publicados em diversas revistas nacionais e estrangeiras. Tornou-se um dos grandes especialistas nas tecnologias relacionadas ao controle da mosca-branca na produção agrícola.

Casado com Lídia Pacheco Yokoyama, tem um filho, Bruno.

* Texto ampliado a partir do livro *Amigo É Coisa pra Se Guardar...*

MOZART LAMBERT JUNIOR

No campo e na jardinagem, a música e as amizades

Minha trajetória profissional iniciou-se em uma área de reflorestamento em Juquiá (SP), para logo depois ingressar como agrônomo regional na Bayer. O início foi bastante interessante por conta do estágio na região de Marechal Cândido Rondon (PR), onde acompanhei a aplicação de herbicida em áreas de soja e convivi, em vilarejos, com população em maioria polaca e seus descendentes.

Após essa breve passagem, fui designado para a região do Triângulo Mineiro, que, rica em algodão, iniciava o cultivo da soja. Tendo como base a quente cidade de Ituiutaba (MG), logo incorporei um "trem bão" no meu vocabulário e aprendi a comer guariroba, um palmito amargo delicioso.

Já casado, estabeleci residência em Patrocínio (MG), região de Cerrado, também iniciando na soja. Com a inclusão do sul de Goiás em minha área de atuação, fui morar por pouco tempo em Itumbiara (GO).

O trabalho consistia basicamente em visitar as propriedades para divulgar os produtos da empresa e dar assistência técnica a produtores e vendedores. É sempre bom lembrar dos muitos colegas, esalqueanos ou não, que cruzei por esses caminhos.

Com o meu desligamento, eu e a esposa retornamos a São Paulo, nossa terra natal.

Então apareceu a oportunidade de trabalhar no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai-SP). Foram catorze anos desenvolvendo e implementando projetos paisagísticos, acompanhando e orientando os jardineiros na manutenção dos jardins das diversas escolas de formação industrial na capital e no interior. Foi muito gratificante, pois tive a oportunidade de fazer bons trabalhos, conhecer as unidades do Senai e muita gente interessante, além de encontrar e visitar vários colegas nessas andanças. Assim como na Esalq, desde o início no Senai eu já tinha sido incorporado como músico residente.

Após a minha saída da empresa, continuei a trabalhar como autônomo na área de jardinagem e paisagismo, além de desenvolver trabalhos na área musical. Aposentado e andando devagar porque já tive pressa, sigo cantando com os amigos, pois como Chico Alves eu tenho um companheiro inseparável na voz do meu plangente violão.

Moro sozinho em São Paulo, capital, e minha família continua sendo minha ex-esposa, Ana Maria Villardi, meu filho, Vitor, e mais recentemente uma norinha mineira de Frutal que também canta muito bem.

NELSON JOSÉ CAMOLESI (ZEZO)

Investindo com zelo: pecuária, móveis e madeira

Nascido em Piracicaba em 1950, residiu na cidade até 1976, ano em que se casou com Maria Tereza Camolesi. Nesse mesmo ano nasceu seu filho Nelson, que reside em Portugal. Em 1997, o casal teve a filha Ana Paula.

Trabalhou até o ano de 1987 na atividade pecuária em propriedade da família, quando teve oportunidade de conhecer a região de Sinop (MT). Entusiasmado com o baixo valor das terras de mata, desligou-se das atividades em São Paulo e passou dedicar-se ao setor madeiras em Mato Grosso. Em 1991, iniciou a atividade de processamento de madeiras oriundas de reflorestamento no município de Guareí (SP) e se estabeleceu no segmento de paletes. Em 1998, nasceu o primeiro neto, Gabriel.

Em 2000 adquiriu uma área de floresta de pinus no município de Tunas do Paraná. Inaugurou uma filial no município de Capão Bonito (SP) em 2005, ano em que também nasceu seu segundo neto, Thiago. Em 2011, adquiriu uma área em Agudos (SP), onde voltou à atividade pecuária com confinamento de bovinos. Em 2012, iniciou a produção de camas e colchões na unidade de Capão Bonito. No ano de 2019 nasce seu terceiro neto, Enzo. Permanece até os dias atuais nas atividades madeireira, moveleira e pecuária.

NEWTON ROSSI DA SILVA (RESUMO)

Valorizando a tecnologia, na safra de verão e na safrinha

Após a formatura, fui trabalhar em um órgão público do então estado de Mato Grosso (ainda não existia Mato Grosso do Sul) chamado Associação de Crédito e Assistência Rural de Mato Grosso, que dava assistência técnica em lavouras. Estava acabando a época do arroz e as plantações eram de soja no verão e trigo no inverno. Fui designado para atuar em Maracaju, que hoje pertence ao Mato Grosso do Sul. Vivo até hoje no município, o maior produtor agrícola do estado.

Em pouco tempo, passei para a iniciativa privada e acabei montando um escritório de assistência técnica chamado Usagro, no qual ainda trabalho, embora com outros focos. Hoje, a empresa atua também no ramo imobiliário.

Tenho também atividade agrícola. Como a maioria dos produtores da região, planto soja no verão e milho na chamada "safrinha".

Tenho duas filhas, uma médica que mora em São Paulo e tem um filho e uma nutricionista que mora em Cuiabá e tem um casal de filhos.

NILTON DEGASPARI (DEGA)

Na cana até registrou patente, no trabalho sempre no batente

Natural de Piracicaba, cursou o primário na zona rural. Aos 12 anos, mudou-se para a cidade, morando em pensão e, finalmente, na república Kukumká. É fato: fui um nativo piracicabano que morou dois anos em uma república.

Formado, entre 1974 e 1976 trabalhou na Química Industrial Brasileira (QuimBrasil), de Bauru (SP), no treinamento de vendedores e no desenvolvimento de mercado de algodão, café, cana-de-açúcar, citros e milho.

De 1976 a 1979, atuou como pesquisador em entomologia na Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) enquanto cursava a pós-graduação no Departamento de Entomologia da Esalq, sob orientação do professor Octavio Nakano, sendo nomeado para trabalhar na Unidade de Execução de Pesquisa de Âmbito Estadual, de Dourados (MS), atual Embrapa Agropecuária Oeste.

Em 1978, concluiu o mestrado em entomologia e, a partir do ano seguinte, passou a atuar no setor sucroalcooleiro.

Trabalhou como pesquisador em pragas da cana-de-açúcar no Programa Nacional de Melhoramento da Cana-de-Açúcar (Planalsucar), do Instituto do Açúcar e do Álcool (IAA), hoje pertencente à Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), em Araras (SP), foi gerente agrícola da destilaria Decasa, de Presidente Venceslau (SP) e assessor técnico de usinas e destilarias de álcool na Canaplan Assistência Técnica, de Piracicaba. Atuou também como gerente agrícola da Usina Santa Helena, do Grupo Cosan/Raízen, em Piracicaba, coordenando cerca de oitocentos colaboradores durante as safras na produção de cana-de-açúcar para abastecimento da indústria de açúcar e álcool.

A partir de 1997, tornou-se responsável pelo desenvolvimento de produtos e mercado de cana da Basf no Brasil, onde assumiu em 2003 o gerenciamento no desenvolvimento técnico de mercado de cana, função em que se aposentou em 2021.

Durante 23 anos como gerente, foi responsável pelo desenvolvimento de mercado de inseticidas, fungicidas e herbicidas, posicionando esses produtos na cultura da cana-de-açúcar, além de fornecer suporte e capacitação técnica a equipes de vendas nacionais e internacionais.

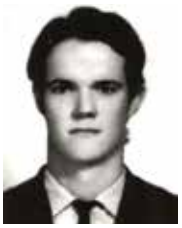
Registrou em 2014 uma patente de produção de mudas de cana-de-açúcar tipo MPB (Method for Cultivating Sugar Cane).

Atualmente, atua como consultor do setor sucroalcooleiro.

Do primeiro casamento, tem dois filhos, Gabriel e Celiza, e quatro netos: Carol, Caio, Manuela e Sofia. É casado com Katia.

No trabalho e no lazer, sempre gostou de pisar na terra. É seu reconforto e terapia, marca dos tempos em que morou na roça. Além do quintal da casa, cuida de todo o jardim do condomínio.

OSNI VANDERLEI ANDRIÃO



Desenvolvendo mercado e gente, na empresa de nomes diferentes

Logo após a formatura, iniciou a trajetória profissional como engenheiro agrônomo, em janeiro de 1975, no departamento técnico da Uniroyal Química. Em 1978, assumiu também o departamento de desenvolvimento de mercado. Em 1985, passou a atuar no departamento de vendas no estado de São Paulo. Em 1988, ajudou a montar e gerenciar a equipe de citrus (pessoal de vendas e departamento técnico), que contava com quatro engenheiros agrônomos nas cidades paulistas de Limeira, Bebedouro, Matão e São José do Rio Preto.

Em 1996, a Uniroyal foi incorporada e passou a chamar-se Crompton& Knowles, mudando novamente de nome em 1999, para Crompton&Witco. Em 2002, Osni passou a gerenciar as vendas da regional sul do Brasil, sendo responsável pelos estados de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul, regiões onde coordenou um total de dez engenheiros agrônomos. Em 2005, a empresa passou a chamar-se Chemtura.

Atuou como gerente de vendas até a aposentadoria em 2010.

OTAVIO DE ALMEIDA PRADO BAUER

Na Fazenda São José, amizade como profissão de fé

Nascido em Jahu (SP) em 5 de outubro de 1950, é casado com Regina Célia D'Alessandro Bauer. Tem os filhos: Otávio, casado com Fabiana; Ricardo, casado com Juliana; e Sylvia, casada com Enrico. São seus netos: Henrique, Gabriel, Felipe, Heloísa, Elisa e Enrico.

Formado na 72ª Turma da Esalq em 1974, administrou a fazenda da família, denominada Fazenda São José, em Jahu, desde dezembro daquele ano.

Trabalhou na Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo por 36 anos a partir de 1976, tendo ocupado os cargos de responsável técnico da Casa da Agricultura, delegado agrícola na Delegacia Agrícola e diretor técnico da Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati), todos em Jahu, até aposentar-se em 2012.

Atualmente, administra a propriedade agrícola Fazenda São José e é diretor da Almeida Prado Bauer Empreendimentos Imobiliários.

Com a fiel companheira Regina, escreveu o livro *Amigo É Coisa pra se Guardar...*, em celebração aos 25 anos da Turma de 1974, em 1999. É o maior aglutinador dos amigos da T-74. Nos encontros, nunca falta prosa, muita prosa mesmo, lembranças e histórias. Também não falta o "leite da Genoveva" e emoção, e lágrimas quando menos se espera.

PAULO ESPÍNDOLA TRANI (TRANI)

Referência em horticultura, vasta literatura

Formado em 1974, trabalhou no departamento técnico da IAP Indústria de Fertilizantes de 1975 a 1976, com interpretação de análise química de solo, recomendações de calagem e adubação e cálculo de fórmulas de fertilizantes. Depois, atuou no departamento de extensão rural da Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati) até 1988, elaborando publicações práticas sobre fertilidade do solo, calagem e adubação das culturas e treinando engenheiros agrônomos das Casas da Agricultura da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo.

Realizou um mestrado em solos e nutrição de plantas pela Esalq, concluído em 1980, e obteve o título de doutor em agronomia, também pela Escola, em 1995.

De 1988 a 2018, atuou como pesquisador científico do Instituto Agronômico de Campinas (IAC), na seção de hortaliças e no Centro de Horticultura, realizando pesquisas em fitotecnia, nutrição, calagem e adubação de hortaliças.

Além disso, foi delegado eleito da Associação de Engenheiros Agrônomos do Estado de São Paulo, regional de Campinas, de 1984 a 1986, e presidente do Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável de Campinas, de 2006 a 2010.

Publicou mais de oitenta artigos científicos, boletins técnicos e instruções práticas com ênfase em hortaliças. Vale destacar a contribuição relacionada com a saúde: *Hortaliças e Plantas Medicinais: Manual Prático*, edição do IAC, janeiro de 2010.

É casado com Aparecida Dalva Camilo Trani, com quem tem dois filhos: Paula Maria, casada, e André Luís, solteiro. Tem dois netos: Samuel e Davi.

PAULO FERNANDO MACHADO (PAULO BRANCO)

Na tecnologia do leite, no mercado sempre à frente

Após a formatura, trabalhou durante três anos na área de pecuária de leite do Banco de Desenvolvimento do Estado de São Paulo (Badesp). Voltou à Esalq para realizar o mestrado em nutrição animal e pastagens e, em 1980, foi contratado como professor na Escola.

Em seguida, fez doutorado em nutrição experimental na Faculdade de Ciências Farmacêuticas da Universidade de São Paulo (FCF-USP). Após a conclusão, foi para a Universidade Estadual de Michigan, nos Estados Unidos, onde atuou como professor visitante.

Retornou ao Brasil em 1987 para ministrar aulas de fisiologia da lactação e realizar pesquisas na área de nutrição de vacas em lactação. A partir de 1996, passou a se dedicar ao ensino e pesquisa em gestão de negócios agropecuários, criando o Sistema MDA de Gestão de Fazendas Produtoras de Leite, baseado na filosofia Lean.

Após a aposentadoria, criou a Clínica do Leite, no Parque Tecnológico de Piracicaba, um laboratório de análises hoje responsável pelo monitoramento de cerca de 50% do leite consumido no Brasil.

É casado com Maria Angélica, da Turma de 1995, tem três filhos e três netos.

PAULO MIGUEL ALVES DA SILVA (PAULÃO CARECA)

Fazendo de tudo feito aprendiz, família grande e feliz

Na faculdade, idealizei uma vida profissional com grande entusiasmo, antevendo sucesso.

Segui plantando de tudo um pouco, experimentando, descobrindo, me identificando. Colhi *Brachiaria*, produzi semente de girassol, plantei mamão, soja, trigo, milho, algodão, melancia, mandioca... Construí uma fábrica de farinha de mandioca para processar a minha produção e de outros. Que desafio! Parti para o paisagismo e para fazer cerveja!... Não parei mais.

Meu casamento com Maria completou cinquenta anos! Temos quatro filhos: André, Rogério, Fábio e Elisa. Todos se tornaram adultos espetaculares, que se casaram bem, com pessoas muito especiais e queridas. Nossa família foi aumentando e os filhos nos deram nove netos amados.

Assim, entre lavouras bem-sucedidas, outras nem tanto, a vida tem um saldo positivo e feliz. Gratidão sem fim ao nosso Deus!

PAULO TARCISIO DELLA VECCHIA (DELLA VECCHIA)*

Destacado melhorista no mercado de hortaliças

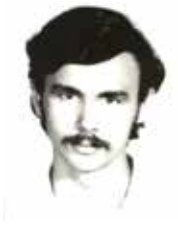
Iniciou a vida profissional como melhorista de hortaliças na Agroflora em 1975. No ano seguinte, transferiu-se para a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), onde exerceu os cargos de pesquisador fitomelhorista e gerente-geral da Unidade de Execução de Pesquisa de Âmbito Estadual, de Brasília, depois Centro Nacional de Pesquisa de Hortaliças e hoje Embrapa Hortaliças. De 1978 a 1982, esteve nos Estados Unidos, onde completou o treinamento de pós-graduação em genética e melhoramento de plantas, em nível de mestrado e doutorado.

Voltou ao Brasil e permaneceu na Embrapa. Foi responsável pela criação de cultivares de cenoura, melão e pepinos híbridos. Em 1984, voltou à Agroflora, onde permanecia até 1997 no cargo de diretor vice-presidente responsável pelo departamento de pesquisa, com atuação na estruturação da companhia e na criação de cerca de cinquenta novos cultivares e híbridos simples (F1, de primeira geração). Foi pesquisador fitomelhorista pioneiro no Brasil, tendo produzido cultivares diversos, como tomate, pimentão, melão, pepino, abóbora, cenoura, brócolos e couve-flor.

Casado com Iara Maria Dadalti Della Vecchia, tem quatro filhos: Glauco José, João Guilherme, Gabriel Augusto e Maria Paula.

* A partir do livro *Amigo É Coisa pra Se Guardar...*

PEDRO ROBERTO MARINI (LAGARTO)



Na carreira um belo traçado, no truco craque de fato

Natural de Araçatuba (SP), ingressei no curso de agronomia da Esalq em 1971. A maioria da turma se formou em 1974, mas eu, por participar intensamente dos projetos desenvolvidos no Centro Acadêmico Luiz de Queiroz (Calq) e na Rua do Porto, me formei em meados de 1976. Nem por isso deixo de me considerar membro da Turma de 1974.

Formado, fui trabalhar em propriedades rurais da família entre 1976 e 1981. Passei por Loanda (PR), Ponta Porã (MS) e Vila Bela da Santíssima Trindade (MT). Em março de 1981, me mudei para Vilhena (RO), onde finquei raiz.

No final de 1981 deixei de trabalhar com a família e fui contratado pelo Ministério do Interior. Com a extinção da pasta, optei pelo Ministério da Agricultura, pelo qual me aposentei nos idos de 2015.

Hoje, dedico meu tempo ao desenvolvimento de uma propriedade pecuária adquirida em 1986. Tenho como *hobbies* a pesca esportiva, viajar para regiões novas (em processo de abertura) e relembrar as grandes trucadas ganhas dos "patos", especialmente a dupla Napão (Ivan) e Gilmar (risos).

Sou casado desde 1983, tenho como esposa Janete, duas filhas, Manu e Marina, um filho, Rafael, e uma neta, Laura.

Para encerrar, confirmo presença na festa dos 75 anos de formados em 2049.

PETRÔNIO PEREIRA LIMA (BIDÊ, SINFRÔNIO)

Na Caic fincou raízes, na sociedade um provedor por devoção e labor

Trabalhou durante 36 anos na Companhia de Agricultura, Imigração e Colonização (Caic), depois Companhia de Desenvolvimento Agrícola de São Paulo, na qual em duas oportunidades exerceu o cargo de diretor-presidente. Em 2012, aposentou-se.

Foi secretário municipal de Turismo e secretário do Meio Ambiente e Sustentabilidade de Araçatuba (SP).

Desde 2019, é comissário adjunto da Agência Reguladora e Fiscalizadora de Araçatuba. Exerce também os cargos de presidente da Associação de Engenheiros e Arquitetos da Alta Noroeste, diretor do Sindicato Rural da Alta Noroeste, diretor da Casa de Apoio São Francisco e provedor da Santa Casa de Araçatuba. Ainda é membro da loja maçônica Moderna, de Araçatuba, além de produtor rural em Rubiácea (SP).

Casado com Eliana Garcia Lima, tem três filhos: Paula, Ricardo e Rafael, e dois netos, Ana Laura e Isabella.

Fez cursinho em Piracicaba e morou em três repúblicas: Esplanada, Corda Bamba e Disbum. Pela distância da casa dos pais, em Mirandópolis (SP), assim como muitos colegas, passava muitos finais de semana em Piracicaba, onde frequentava os "points": Bidito, Clube dos 13 e a eterna Rua do Porto.

REINALDO JOSÉ RODELLA (RODELLA)*

No ensino profissionalizante, trabalho edificante

Atuou como engenheiro agrônomo no departamento de usinas completas da M. Dedini Metalúrgica de 1975 a 1977. Depois, trabalhou na Casa da Agricultura de Gastão Vidigal (SP) e de Araçatuba (SP) e no departamento de mecanização na Usina Santa Bárbara, de Santa Bárbara d'Oeste (SP).

Foi professor assistente do Departamento de Entomologia da Fundação Faculdade de Agronomia Luiz Meneghel (FFALM), de Bandeirantes (PR), atual Universidade Estadual do Norte do Paraná (Uenp).

Entre 1979 e 1985, atuou na carteira rural do Banco do Comércio e Indústria de São Paulo e na carteira de crédito rural do Banco Sudameris Brasil.

A partir de 1986, passou a atuar como professor da Fundação Municipal de Ensino de Piracicaba (Fumep), onde exerceu o cargo de vice-diretor do Colégio Técnico. Em 1997, era professor de topografia e coordenador do Curso Técnico de Edificações da Fundação Municipal de Ensino de Piracicaba (Fumep) e do Colégio Técnico Industrial de Piracicaba.

Ainda naquele ano, era sócio proprietário de Centro Educacional Independência, de Saltinho (SP), escola técnica com diversos cursos profissionalizantes.

* A partir do livro *Amigo É Coisa pra Se Guardar...*

ROBERTO TETSUO TANAKA (TANAKA)*

Pesquisador científico com apuro, em diversas culturas

Após formado, estagiou na seção de arroz e cereais de inverno do Instituto Agronômico de Campinas (IAC). Em 1976, ingressou por concurso na divisão de engenharia agrícola do IAC e do Instituto de Botânica. Dois anos depois, concluiu o mestrado em solos e nutrição de plantas pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) na Escola Superior de Agricultura de Lavras (Esal, atual Universidade Federal de Lavras - Ufla, MG). Transferiu-se então para a Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais (Epamig), atuando como pesquisador científico na área de adubação e fertilidade do solo com arroz e mandioca em Lavras.

Em 1980, mudou-se para Uberaba (MG) e passou a trabalhar na linha de pesquisa com as culturas de arroz, soja e trigo. Recebeu uma bolsa da Japan International Cooperation Agency (JICA), em Tsukuba, Japão. Concluiu o doutorado na Esalq em 1990 na mesma linha de pesquisa. Devido à crise salarial provocada pelo governador Newton Cardoso (MG), ingressou em 1988 na seção de leguminosas do IAC, onde em 1997 se encontrava pesquisando nutrição, calagem, adubação, fertilidade do solo (principalmente da soja) e sistemas de produção envolvendo rotação de culturas e manejo do solo.

Desde a formatura, dedicou-se aos treinamentos, cursos e trabalhos relacionados à pesquisa científica.

Casado com Maria Aparecida de Souza Tanaka, agrônoma da Turma de 1973. Tem três filhos: Eduardo Hideki, Marcelo Toshiro e Régis.

* A partir do livro *Amigo É Coisa pra Se Guardar...*

RODOLFO NORIVALDO GERALDI*

Um trabalho de destaque, no açúcar e no álcool

De 1975 a 1977, atuou como supervisor de motomecanização e transporte na Usina Tamoio, de Araraquara (SP) e na Usina da Barra, de Barra Bonita (SP). Entre 1978 e 1979, trabalhou no Departamento de Solos e Fertilidade do Instituto Agronômico de Campinas (IAC).

Depois, por meio da Usina da Barra, implantou um projeto de usina de açúcar e álcool na Fazenda Bodoquena, em Miranda (MT).

Entre 1980 e 1983, voltou a atuar como gerente de motomecanização, transporte e oficinas na Usina Costa Pinto Açúcar e Álcool, do Grupo Cosan, em Piracicaba. Foi gerente-geral da área agrícola da Destilaria Alexandre Bolbo, em lturama (MG), de 1983 a 1986.

A partir desse ano, foi superintendente agrícola da Usina Santa Bárbara Açúcar e Álcool e da Usina Costa Pinto, ambas de Piracicaba, e da Usina Santa Helena Açúcar e Álcool, de Rio das Pedras (SP), pertencente ao Grupo Cosan.

Em 1995, passou a atuar como diretor agrícola do Grupo Cosan, dirigindo diversas usinas de propriedade do grupo, onde se encontrava em 1997.

Casado com Maria Inês Ricarte Geraldi, tem dois filhos: Alex Bruno e Bruno.

* A partir do livro *Amigo É Coisa pra Se Guardar...*

ROGÉRIO SALLES LISBÃO (LISBÃO)*

In memoriam

Na produção de novos cultivares sempre, gentileza permanente

Sua vida profissional foi dedicada à pesquisa, tendo obtido o título de *Master ofSciences* (M.Sc.) em *VegetableCrops* pela Universidade da Califórnia, nos Estados Unidos, no período 1978-1980.

Publicou vários trabalhos na área de produção de sementes, deixando inacabados os seus planos para o futuro na agronomia, com a intenção de contribuir para o aumento de produtividade e a qualidade das hortaliças através da pesquisa científica. Lisbão pretendia lançar novos cultivares de alface e cebola e selecionar clones promissores de alho para o estado de São Paulo.

"Além disso, devemos atuar no manejo dessas culturas. Toda tecnologia gerada deverá atingir o agricultor, trazendo benefícios a este e ao consumidor final", disse, em carta, ao colega Otavio de Almeida Prado Bauer, por ocasião da preparação para o livro *Amigo É Coisa pra Se Guardar...*, que marcaria o Jubileu de Prata da Turma de 1974.

Sempre atencioso, prestativo e gentil. Infelizmente, veio a falecer antes das celebrações na Esalq em 1999, o que o impediu também de prosseguir seus planos profissionais e pessoais. Deixou esposa e três filhos: Carolina, Luciana e Daniel.

* A partir do livro *Amigo É Coisa pra Se Guardar....*

RUBENS RODOLFO ALBUQUERQUE LORDELLO (LORDELLO)

Respeitado na nematologia, cuidando de crianças em lição de vida

Piracicabano, é casado desde 1979 com a engenheira agrônoma Ana Inês, pesquisadora aposentada da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), com quem tem um casal de filhos, Mariana e Renato, e os netos Helena, Lorena e Gustavo.

Durante o curso na Esalq, foi professor de matemática e estatística no curso de contabilidade da escola da Cúria Metropolitana de Piracicaba.

Concursado no Instituto de Zootecnia (IZ), foi admitido em maio de 1975 para a Estação de Sericicultura de Gália (SP), mas transferido para Nova Odessa (SP) para trabalhar com pragas de pastagens. No mesmo ano, a pedido do doutor Alcides Carvalho, foi transferido para o Instituto Agronômico de Campinas (IAC) para trabalhar com nematoides do cafeeiro, seguindo o aprendizado do professor doutor Luiz Gonzaga E. Lordello, seu tio, e demais professores do Departamento de Zoologia da Esalq. Concluiu o mestrado em entomologia, com dissertação em nematologia.

No IAC, fez carreira científica como nematologista. Publicou em revistas nacionais e estrangeiras, conquistando o nível máximo da carreira. Foi chefe da seção de nematologia e membro da diretoria do Serviço de Divulgação Técnico-Científica no período de preparação para o centenário do IAC, em 1987, tendo presidido a sua comissão editorial. Foi editor de publicações oficiais e o primeiro diretor do Centro de Fitossanidade do instituto.

Membro fundador da Sociedade Brasileira de Nematologia, foi secretário-tesoureiro por três mandatos, presidente, conselheiro e editor da revista *Nematologia Brasileira*. Participou e foi editor associado ou editor das revistas *Summa Phytopathologica*, *Fitopatologia Brasileira* e *Nematropica*. Participou e trabalhou em prol de sociedades científicas em funções não remuneradas.

Aposentou-se em 2003, mas permaneceu no IAC como pesquisador voluntário até 2008, atuando na parte da manhã. À tarde, iniciou suas atividades de advogado formado pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas) em 1996, exercendo a advocacia em diversas áreas, como civil, imobiliária e contratos e trabalhista e previdenciária, onde atua até o presente.

Participou do Clube dos Agrônomos de Campinas, sendo conselheiro em várias ocasiões. É associado remido da Associação dos Engenheiros Agrônomos do Estado de São Paulo.

Desde 1980, é associado ao Lar Escola Jesus de Nazaré, onde é conselheiro há mais de 35 anos. Há poucos anos, se filiou aos Shriners Internacional, nos Estados Unidos, onde participa principalmente da arrecadação de fundos no programa de tratamento de crianças com osteogênese imperfeita ou "ossos de vidro".

RUI DE SOUZA CASTRO

A terra vista de cima, tecnologia com maestria

Tendo concluído o curso na Esalq em junho de 1975, fui contratado em agosto para atuar como extensionista rural pela Associação de Crédito e Assistência Rural de Mato Grosso, que pouco depois seria transformada na Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural. A sede ficava

em Sidrolândia (hoje, Mato Grosso do Sul), onde permaneci até novembro daquele ano. Infelizmente, esse foi o primeiro e último trabalho que realizei na área de agronomia.

Em janeiro de 1976, fui contratado pela Terra Foto Atividades de Aerolevantamentos, sucessora da Vasp Aerofotogrametria, onde fiquei até 1991, quando a empresa encerrou suas atividades.

A partir dessa data, sempre trabalhei com levantamentos aerofotogramétricos em empresas próprias ou como prestador de serviços de consultoria até o ano de 2008.

Após esse período, trabalhei em empresas de consultoria na área de gerenciamento de contratos até 2021, quando me aposentei.

Atualmente, moro em Valinhos (SP).

Sou casado desde 1979, tenho duas filhas maravilhosas e um casal de netos lindos.

SILVIA MARIA COSSA

Agronomia depois engenharia, como toda a família

Natural de Piracicaba, tem origem italiana pelo lado paterno e alemã pelo lado materno. Na adolescência, foi residir na Baixada Santista, tendo retornado à sua terra natal em 1970 para concluir o ensino médio no Colégio Sud Mennucci e se preparar para o vestibular de agronomia.

Entrou na Esalq em 1971, concluindo o curso na Turma de 1974.

Formada, foi residir em São Paulo, onde trabalhou com crédito rural na Caixa Econômica e no Banco Itaú.

Voltou a residir em Santos, atuando como responsável técnica na área agronômica na Terracom Engenharia. Em seguida, foi trabalhar no mesmo segmento na empresa de engenharia da família.

Dedicou-se a projetos de implantação de paisagismo, atividade que começou como um *hobby*.

Casada com Carlos Eduardo, tem dois filhos. Ambos acabaram optando pela formação profissional na mesma área: engenharia. Hoje, é avó de três crianças: Breno, Helena e Eduardo.

SÍLVIO LUIZ VELLOSO (VELLOSO)

Cercado de plantas e jardins, a fé parte de mim

Nos anos 1970, já formado, trabalhou na área de perícias florestais, com atuação nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Paraná e Bahia. Ainda naquela década, realizou perícias judiciais e trabalhou com crédito rural no Vale do Ribeira, em São Paulo.

Na década seguinte, atuou com crédito e capacitação dos produtores rurais na Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Rio de Janeiro (Emater-Rio), baseado em Paraty (RJ). Entre as realizações, foi um dos responsáveis pelo fim das queimadas na Rodovia Rio-Santos, na região de Paraty.

A partir dos anos 1990 e até a década de 2020, trabalhou com jardinagem e produção de ornamentais na Flora Paraty, tendo sido o responsável pelos laboratórios da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), entre outros projetos.

Além das atividades ligadas à formação esalqueana, foi fundador e ajudou a consolidar dois centros espíritas. Há décadas realiza compostagem de restos vegetais (podas, serragem, bagaço, limpeza de terrenos etc.). Nos últimos trinta anos, estima que fez compostagem em cerca de 30 mil metros cúbicos de restos vegetais.

Mas o mais importante, diz ele, são os três filhos, três netos e as centenas de amigos que fez ao longo da vida.

SILVIO ROBERTO PENTEADO*

Na fruticultura se agiganta, também na agricultura orgânica

Formado, trabalhou como engenheiro agrônomo no Banco Bandeirantes, regional de Bauru (SP). Em julho de 1976, ingressou na Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati), ocupando cargos nas Casas de Agricultura de Piedade (SP) e de Araçoiaba da Serra (SP) até 1982. Transferiu-se para a divisão de extensão rural da Cati de Campinas, trabalhando como especialista em fruticultura de clima temperado.

Em 1985, fez curso de especialização em fruticultura e extensão rural em Israel, no *kibbutz* Shefayim-Tel-Aviv. Dois anos depois, concluiu o mestrado na Esalq, onde foi professor do Departamento de Horticultura de 1992 a 1994. Voltou à Cati para trabalhar com fruticultura temperada e defensivos alternativos e, em 1998, terminou o curso de doutorado na Esalq.

Até 1999, vinha realizando trabalhos e pesquisas nas áreas de fruticultura de clima temperado, defensivos alternativos e agricultura orgânica, com diversos artigos escritos e publicados, além de colaborações em revistas especializadas.

Casado com Maria de Lourdes Fraga Penteado, tem três filhas: Priscila, Juliana e Caroline.

* A partir do livro *Amigo É Coisa pra Se Guardar...*

TÂNIA APARECIDA DE NUCCI

Na comunicação o lema, no domínio da quarentena

Iniciei minha experiência profissional na Escola Técnica Estadual Professor Luiz Pires Barbosa, em Cândido Mota (SP). Em seguida, ingressei na Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati), da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo. Na maior parte do tempo, atuei no Centro de Comunicação Rural, após breve passagem pela Casa da Agricultura de Piracaia (SP).

No período seguinte, no Instituto Agronômico de Campinas (IAC), atuei com adaptação de plantas ornamentais, com introdução e quarentena de plantas e desenvolvimento da cultura do kiwi no estado de São Paulo.

Sou grata à Esalq e ao IAC pelo convívio com professores e colegas que me permitiram o aprendizado ao longo dos anos.

TÂNIA REGINA BERNARDO

Crédito rural com excelência, às pessoas assistência

Iniciei a vida profissional no Banco de Crédito Nacional em maio de 1975, tendo ingressado para atuar na carteira agrícola. Logo depois, assumi a vaga deixada pela colega Tarsila Padovani no Banco Bandeirantes. Tarsila e Silvia Cossa, ambas da Turma de 1974, foram para o crédito do Itaú.

Trabalhei no Banco Bandeirantes de 1975 a 2000, quando o Unibanco assumiu o controle do Bandeirantes. Permaneci no Unibanco mais dois anos e me aposentei.

Sempre estive sediada na matriz dos bancos, em São Paulo, com assessoria técnica em projetos de crédito rural e analista de seguro agrícola, o Proagro.

Com a saída do Unibanco e a aposentadoria, fui em busca de novos conhecimentos e adentrei a Cidade Universitária.

Voltei aos bancos, agora da universidade, na qualidade de aluna especial em nível de mestrado no Instituto de Geociências da Universidade de São Paulo (IG-USP). Tive também uma participação no Instituto Oceanográfico e no Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas da USP. Isso foi entre 2003 e 2005.

Então voltei a Piracicaba.

Sou filha única, não me casei e não tenho filhos. Dediquei-me à família, ao atendimento a comunidades carentes, assistência hospitalar a pessoas que me tinham como apoio e força nos momentos difíceis.

Continuo estudando, procurando rever conceitos de vida e da profissão. Enfim, sou uma aposentada feliz e trabalho muito para mim e meus gatinhos.

VALDEMAR ATILIO MALAVOLTA JUNIOR (MALAVOLTA)

Na fitopatologia com dedicação, na ciência esforço na gestão

Meu primeiro emprego após a formatura foi no Viveiro Manequinho Lopes, uma referência situada no Parque Ibirapuera, da Prefeitura de São Paulo, em 1975. Lá trabalhei principalmente com arborização urbana.

No final de 1977, ingressei no Instituto Biológico, em São Paulo, onde trabalhei nas seções de Bacteriologia Fitopatológica e de Doenças de Plantas Frutíferas, atuando em pesquisa científica na área de citricultura.

Em 1983, retornei à seção de bacteriologia, que tinha sido transferida para a Estação Experimental do Instituto Biológico, em Campinas, onde permaneci até 1999.

Realizei o mestrado e doutorado na área de fitopatologia na Esalq, durante esse período em que trabalhei no Instituto Biológico.

Em 1999, fui então convidado para trabalhar na seção de fitopatologia do Instituto Agronômico de Campinas (IAC), onde fiquei até minha aposentadoria em 2008.

No período de 1999 a 2006 fui eleito membro da Comissão Permanente do Regime de Tempo Integral, cuja função era participar da formulação e execução da política de ciência e tecnologia dos institutos de pesquisa do estado de São Paulo.

Além das atividades relacionadas à pesquisa científica, participei de diversos cargos administrativos na Coordenadoria de Pesquisa Agropecuária, atual Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios (APTA).

Em 1977, casei-me com a Vanda, também da Turma de 1974, e temos dois filhos, Eduardo e Silvia, e três netas, Júlia, Liana e Alice.

VALDIR DE PAULA (ZUMBI)

Marketing e vendas no campo, com treinamentos ensinando

Ao sair da Esalq, ingressei em 1975 na antiga Ciba-Geigy Química, hoje Syngenta. Fui alocado no departamento de marketing e vendas durante um ano e meio, com sede em São Paulo e área de trabalho em todo o Brasil. Em 1976, fui transferido para o departamento técnico, com sede em Presidente Prudente (SP), para realizar palestras e testes de produtos em campo, cobrindo as cidades da Alta Paulista e do antigo Mato Grosso. Permaneci no departamento por um ano, sendo promovido em 1978 a chefe de equipe de vendas no oeste do Paraná, com sede em Cascavel (PR), onde morei por três anos.

No final de 1980, fui transferido para Dourados (MS), onde fiquei por oito anos e onde nasceram minhas filhas, Georgette Beatriz e Kátia Regina. Atendendo à programação da empresa, fui transferido para Campo Grande, onde moro até hoje.

No início de 1992, me desliguei da Ciba-Geigy e abri uma empresa de comércio de produtos agropecuários que funcionou durante três anos. Em 1993, iniciei uma atividade rural no ramo da avicultura de frango de corte em parceria com a Agroeliane, posteriormente Seara, Bunge, Cargill e atualmente JBS. Permaneci na atividade até 2006.

Atualmente, sou aposentado pelo Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), presto serviço para o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar) e, eventualmente, para o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas em Mato Grosso do Sul, com consultoria e instrutoria nas áreas de administração da empresa rural e segurança do trabalho rural, através da Unicampo, Cooperativa de Trabalho dos Profissionais de Agronomia de Maringá (PR).

Minha esposa, Clélia, hoje também aposentada como professora universitária na área de letras, se dedica a aulas particulares para alunos do ensino médio e superior e ao auxílio aos cuidados com nosso netinho Caio, filho da Georgette e do nosso genro Thiago.

VALQUIRIA DO BEM GOMES ALCÂNTARA

Solos, nutrição, forrageiras: contribuição de primeira

Após a formatura, fez estágio na seção de solos do Instituto Agronômico de Campinas (IAC). Em seguida, estagiou no laboratório de análise bromatológica do Instituto de Zootecnia (IZ), tornando-se responsável pelo laboratório após a admissão por concurso em 1975.

Fez o mestrado na área de produção animal na Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp), em Jaboticabal (SP). O

doutorado foi feito na Esalq, na área de solos e nutrição de plantas, pois na ocasião participava do Projeto de Melhoramento de Plantas Forrageiras da instituição. Atingiu o sexto e último nível na carreira de pesquisador científico.

Casou-se com o colega Paulo Bardauil Alcântara e não teve filhos.

Atualmente, reside em Campinas (SP).

VANDA MARIA ANGELI

Cuidando do arroz, com dedicação, foco e louvor

Logo após a formatura, prestei concurso para o Instituto Biológico de São Paulo, onde trabalhei de 1975 até 1983, na seção de micologia fitopatológica, área pela qual me interessava bastante já na Escola.

Em 1983, me transferi para a Estação Experimental de Campinas, na seção de doenças das plantas alimentícias, básicas e olerícolas, onde fiquei por mais catorze anos. Durante esse período no Biológico, cursei o mestrado e a seguir o doutorado, ambos na Esalq.

Em 2001, fui convidada a me transferir para o Instituto Agronômico de Campinas (IAC), para a seção de arroz e cereais de inverno, onde trabalhei em estreita ligação com os melhoristas responsáveis pelos programas de melhoramento de arroz. Lá fiquei até me aposentar.

Durante toda a minha vida profissional, embora tenha trabalhado com várias culturas, meu foco foi sempre doenças do arroz, principalmente a resistência genética a doenças.

No terceiro ano da faculdade, eu e o Malavolta começamos a namorar. Nos casamos em 1977 e, portanto, completamos 47 anos de casados. Temos dois filhos, Eduardo e Silvia, que nos presentearam com três lindas netinhas, Julia, Liana e Alice.

VANDERLEY BENEDITO DE OLIVEIRA LEITE (AÇOUGUEIRO)

Nas forragens e na zootecnia, trazendo mais tecnologia

Após o ingresso na Esalq, formamos um grupo de alunos e montamos a república Cuba Libre, na avenida Armando Salles de Oliveira, no lugar conhecido como "curvinha do S". Morávamos eu, Pedro Lagarto, José Trovo, Rafael Faraco Junior, Buça, Pintinha e João Carlos. No ano seguinte, reunimos outro grupo e mudamos para a república KTT, na Rua Boa Morte. Residiam nessa república eu, Zé Colmeia, Cachorrão, Pedro Lagarto, In, Herman, Barretinho, Spaia, Vagareza, Bira e Luiz Eduardo.

Após a formatura, fui para São Paulo e trabalhei na área de planejamento rural e assistência técnica. Em 1977, o Instituto de Zootecnia (IZ) abriu concurso para um projeto de leguminosas com potencial forrageiro. Fui aprovado e trabalhei no projeto até o final do ano, quando o IZ abriu novo concurso e fui aprovado para trabalhar na Unidade Regional de Pesquisa e Desenvolvimento de Brotas (SP).

Lá, implantamos a área de forragicultura e pastagens e elaboramos e conduzimos diversos trabalhos de pesquisas, entre eles adubação de pastagens, com teste sobre a viabilidade do uso de diversos fosfatos de rocha e do uso de gesso. Estudamos a capacidade de fixação de nitrogênio de diversas leguminosas, testamos métodos de formação de pastagens, suplementação com sal proteinado e o incremento de ganho de peso com diversas variedades de forrageiras, entre outros. Além disso, participei de cursos de especialização e de pós-graduação nas áreas de nutrição animal e pastagens.

Fui chefe da Estação Experimental de Zootecnia de Brotas por mais de dez anos.

Aposentei-me em 2012 e atualmente trabalho com gado de corte em um negócio particular.

No truco, fui parceiro do Lagarto, com muito blefe, manha e arte.

VITOR VOIGT

No mercado de fertilizantes, ontem, hoje e adiante

Após a formatura, iniciei minha atividade em 1975 em uma empresa misturadora de fertilizantes sólidos instalada em Limeira (SP), de propriedade da família Drago em sociedade com a minha família, Voigt. A empresa teve início em maio de 1947 e, neste ano, completará 77 de história.

Como muitos dos colegas formados na engenharia agronômica, o setor comercial foi o meu primeiro desafio, agregando a responsabilidade técnica e a promocional.

Em 1990, com o falecimento de meu pai e querido ídolo, Raul Francisco Voigt, vim a substituí-lo, ocupando o cargo de diretor industrial. Em 2014, montamos no mesmo local a unidade de fertilizantes líquidos para solos, área que atualmente detém 100% da produção da empresa.

Em 1978, me casei com a mulher dos meus sonhos, Silmara Weber Voigt, que faz parte da minha vida até hoje. Temos dois filhos queridos, a Gabrielle e o Guilherme.

Este é o pequeno resumo da minha vida profissional e familiar pós-Esalq. Tenho muito amor e orgulho de cada uma delas. Se pudesse voltar no tempo, faria de novo tudo igual.

WAGNER JOSÉ SCHIMIDT (SCHMIDTÃO)

Na gestão com desenvoltura, três vezes na prefeitura

Em 1975, aprovado em concurso, passou a integrar a Associação de Crédito e Assistência Rural de Mato Grosso, assumindo o escritório de assistência agronômica de Campo Grande, então ainda pertencente a Mato Grosso.

No ano seguinte, também por meio de um concurso, dessa vez da Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati), assumiu a Casa da Agricultura de São José da Bela Vista (SP). Em 1979, transferiu-se para a Casa da Agricultura de São Joaquim da Barra (SP).

Em 1983, foi eleito prefeito e assumiu a Prefeitura de São Joaquim da Barra até 1988. No ano seguinte, foi nomeado pelo governo do estado de São Paulo como diretor da Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU), da Secretaria de Habitação.

Em 1990, outra nomeação, agora para a direção do Departamento Aeroviário do Estado de São Paulo, da Secretaria dos Transportes.

No ano seguinte, integrou a assessoria do deputado Michel Temer, então presidente da Câmara dos Deputados.

Em 1994, reassumiu o cargo de assistente agropecuário da Cati em São Joaquim da Barra. Em 2001, foi novamente eleito prefeito da cidade, assumindo a prefeitura até 2004.

Terminado o mandato, reassumiu o cargo na Cati, onde se aposentou em 2008.

Em 2020, foi eleito prefeito de São Joaquim da Barra pela terceira vez, cargo que deve exercer até o final de 2024.

É casado com Marilda. Tem dois filhos, Gabriella e Ricardo, e quatro netos, Gustavo, Maria Eduarda, Luiz Felipe e Maria Fernanda.

WILSON RODRIGUES CANELAS (CANELINHA)

Em projetos e na gestão, destaque em assistência técnica e extensão

Natural de Presidente Venceslau (SP), é casado com Maria Joana desde 1976. Têm três filhos, Letícia, João Paulo e Marta, e quatro netas, Rita, Laura, Cecília e Beatriz.

Iniciou a carreira profissional como extensionista agrícola na Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Mato Grosso do Sul, elaborando projetos de crédito rural e prestando assistência técnica a produtores rurais das regiões de Dourados (MS) e Nova Andradina (MS) entre 1975 e 1978, ano em que passou a trabalhar nas Casas de Agricultura de Mirante do Paranapanema (SP) e Presidente Venceslau (SP), da Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati), onde permaneceu até 1988.

Pelos dez anos seguintes, trabalhou em uma empresa de planejamento e assistência técnica, elaborando projetos e realizando vistorias prévias e avaliações de propostas de financiamentos na área de atuação de agências do Banco do Brasil de Presidente Venceslau e Bataguassu (MS).

Foi assistente técnico do gabinete da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, coordenando e participando da elaboração de projetos financiados pelo Fundo de Expansão do Agronegócio Paulista – O Banco do Agronegócio Familiar (Feap/Banagro), função que exerceu até 2013.

Atualmente, é assessor técnico no Centro de Políticas Públicas da Cati em Campinas (SP), atuando no apoio e orientação aos técnicos das regionais da entidade e municípios de todo o estado de São Paulo.

Em julho de 2024, foi contemplado com a Medalha Fernando Costa, na categoria Assistência Técnica e Extensão Rural, durante a solenidade "Cerimônia Deusa Ceres", realizada pela Associação dos Engenheiros Agrônomos do Estado de São Paulo, em Campinas, ocasião em que foram homenageados os profissionais de 2023.

Capítulo 6

AMIGOS DA ENGENHARIA FLORESTAL

BRASIL SUSTENTÁVEL EM FLORESTAS, LIDERANÇA NO PLANTIO DE TECA

O curso de engenharia florestal foi criado na Esalq em 1972. Estimulados por professores, cinco colegas que cursavam engenharia agronômica decidiram se transferir para a nova área. Foram eles: Antonio Frasseto Sobrinho, Antonio Rioyei Higa, José Osmar Silva, Sylvio de Andrade Coutinho Neto e Waldir Joel de Andrade. Infelizmente, o Frasseto e o Waldir (o Madalena) faleceram.

Temos duas trajetórias aqui reunidas. A história do Higa destaca como um mestre pode orientar e estimular os jovens com lições levadas pela vida afora. O Sylvio é exemplo de um profissional com atuação na indústria de papel e celulose, e na área de reflorestamento, onde desenvolve um produção de destaque global.

ANTONIO RIOYEI HIGA (HIGA)

O mestre mostrou o caminho, assim fiz, faço e ensino

Quando ingressei na agronomia em 1971, fui agraciado com uma bolsa de monitoria para ajudar professores na preparação de aulas e pesquisas. Um dia, fui conversar com o doutor Helládio do Amaral Mello, vice-diretor da Esalq, responsável pelas bolsas. Ele me perguntou quais eram as matérias de que eu mais e menos gostava no colegial. Respondi que gostava da área de exatas e não da área de humanas. Então me convidou para ser seu monitor.

A receptividade do doutor Helládio me impressionou. Quando a bolsa terminou, ele me convidou para ser bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e me transferir para o curso de engenharia florestal, que estava sendo iniciado na Esalq. Eu disse: "Professor, eu nem sei se vou conseguir emprego como agrônomo, imagine

como engenheiro florestal, que eu nem sei direito que trabalho desempenha". Ele disse: "Se Você continuar se dedicando assim, eu garanto. Aliás, você poderá até mesmo ser professor aqui, pois vamos precisar contratar". Fui bolsista dele até o terceiro ano, depois fui contratado como técnico responsável pelo setor de sementes florestais do Instituto de Pesquisas e Estudos Florestais (Ipef), vinculado à Esalq, até eu me formar.

Com a transferência de curso e o trabalho no Ipef, eu fiquei mais um ano na Esalq e me formei com a Turma de 1975. Mas me considero como integrante da T-74, pois foi com os colegas dos primeiros anos que tive oportunidade de estreitar e fortalecer amizades.

Depois de formado, fui convidado a trabalhar no Ipef até que abrisse um concurso para professor na engenharia florestal. Também recebi um convite para trabalhar na Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), que estava começando a estruturar a pesquisa florestal, até então sob responsabilidade do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF). Trabalhei na Embrapa de 1976 a 1998, o que me possibilitou fazer o mestrado na Esalq, o doutorado na Austrália, a capacitação na JICA/Japão e desenvolver atividades profissionais no exterior.

Na Embrapa, ainda desempenhei os cargos de pesquisador, coordenador de projetos, da área técnica, do Programa Nacional de Pesquisa Florestal e chefe do atual Centro Nacional de Pesquisas de Florestas.

Em 1998, já com a vida estruturada, com minha esposa, Rosana (formada em 1978), trabalhando na Embrapa e minha filha na universidade, prestei concurso e me tornei professor, um sonho que alimentava desde a época de estudante, passando a lecionar na Universidade Federal do Paraná (UFPR), em Curitiba. Além das aulas na graduação e pós-graduação, coordenei vários projetos de pesquisas com empresas privadas, fundações estaduais e privadas e intercâmbios estudantis internacionais.

Tive oportunidade de participar de uma Comissão do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento sobre a legislação de sementes e mudas florestais.

Hoje, sou professor titular aposentado, mas contínuo credenciado como professor nos programas de pós-graduação da UFPR e da Esalq, além de assessorar projetos de produção de sementes florestais em uma empresa privada de Minas Gerais, no Serviço Florestal Brasileiro na Bahia e em uma associação de produtores de mudas para restauração florestal no Rio de Janeiro.

SYLVIO DE ANDRADE COUTINHO NETO (PILUNGO)

Sempre cuidando de florestas, gestão global da teca

Em 1975, ingressou como *trainee* na Champion-Chamflora, de Mogi Guaçu (SP) e Brotas (SP). No ano seguinte e até 1978, trabalhou nas indústrias Madeirit e Madeireira Paulista, de Guarapuava (PR), onde exerceu o cargo de gerente de reflorestamento e suprimentos florestais, sendo responsável pela gestão de viveiros, plantios e suprimentos para a fábrica de compensados.

De 1979 a 1990, atuou na Cícero Prado Celulose e Papel, de Pindamonhangaba (SP), onde foi diretor florestal da fábrica de celulose e papel, atuando na gestão de viveiros, nos plantios e suprimentos para fábrica de celulose e papel.

Em 1994, fundou a Floresteca, atual TRC Agroflorestal, onde é diretor até os dias de hoje. A empresa é o maior gestor de ativos de teca do planeta, com mais de 40 mil hectares de plantio efetivo, administrando o ciclo completo, desde o desenvolvimento e melhoria genética, produção de mudas, plantio, manejo, colheita e comercialização de toras e serrados em todo o mundo.

Capítulo 7

HISTÓRIAS E MEMÓRIAS

"ESSA TURMA DE 74..."

Ivan Wedekin

Cada turma tem sua história
Mentiras, fatos e glórias
Se repetem todos os anos
Na passeata dos "bixos"
Na voz de nós veteranos.
Mas nos anais está registado
Com um destaque especial
Que a turma de 74
Nas tropelias foi muito 'animal'

"De noite eu rondo a cidade
No Zueira, nos bares,
Completamente nu ..."

E assim nasceu a chispada
A manchete do jornal da cidade
Mundo afora virou novidade:
Uns loucos pelados ao natural
Deram a Pira um *status* global.

Este capítulo traz 37 histórias contadas pelos colegas. Reunimos vinte textos inéditos, a maioria enviados voluntariamente e outros "encomendados" especialmente a partir das experiências retratadas nas trajetórias de vida de alguns amigos e amigas.

Dezessete histórias foram editadas a partir do livro de 1999 do Otavio e da Regina. Fazer essa seleção foi tarefa difícil. Fochi, Otavio, Zé Butão e Zé Mário elegeram as suas preferidas, mas coube ao Vinicius Galera (enquanto jornalista e leitor neutro), fazer a seleção final. Ele adotou os critérios de relevância histórica (Chispada, Dr. Show, viagens) e buscou outros textos que retratavam a realidade e a vivência dos estudantes cinquenta anos atrás, tudo escolhido sob a "bandeira da irreverência". Os textos estão em ordem alfabética dos títulos

Algumas histórias (e apelidos) poderiam ser rotulados hoje como "politicamente incorretos", mas refletiam a cultura prevalecente naquele tempo. Então, vida que segue. Divirtam-se!

"A irreverência é mais que arte, é pura ciência".

AMIGO É PRA ESSAS COISAS*

Darwin Henrique Giatti (Capivara, Kapi)

Fim de semestre, prova de citologia no anfiteatro da genética, à noite.

Eu com o ingresso para a peça *Hair* já comprado. Essa montagem foi uma loucura na época. Além de ser totalmente fora dos padrões, o elenco era do maior gabarito e ainda rolavam cenas de nudez (com a Sônia Braga! Vivas!).

A distribuição das provas foi alternando as fileiras de carteiras. Eram de três tipos diferentes. O tempo rolando e nada de eu resolver as questões. Foi quando olhei para o lado e lá estava o Celso Mizumoto rascunhando a prova (rascunhando literalmente, pois ele resolvia tudo com grafite e depois confirmava as respostas).

Aí fiquei no céu! Calculei mais ou menos as questões já resolvidas pelo Celsinho e, quando achei que já estava bom para mim (sou modesto, não tinha pretensões de nota alta, senão desconfiariam), levantei e fui me retirando de costas para a mestra (Ruthona), que estava no balcão da sala. Quando fiquei de frente para o Celso, puxei a prova dele, pedi desculpas e dei a ele a minha prova.

Até hoje não me esqueço da expressão de espanto do Celso, a quem agradeço eternamente.

OS APELIDOS DOS "BIXOS" DA AGRONOMIA

Paulo Espíndola Trani

Com certeza uma das melhores iniciativas dos "doutores" (alunos veteranos) da agronomia foi a criação dos apelidos para os calouros, mais conhecidos como "bixos". O mérito disso não é só dos esalqueanos, mas também dos veteranos das faculdades de agronomia de todo o Brasil.

Inúmeros critérios são utilizados para "melhor" batizar os "bixos" com apelidos que serão conhecidos durante quatro ou mais anos de faculdade. Muitos ficam apelidados e consagrados com o apelido pelo resto da vida, tal é a "exatidão" com que são batizados. Alguns receberam o nome da cidade de origem. Assim, no primeiro ano da Esalq, em 1971 surgiram Torrinha, Garça, Mococão, Mocoquinha, Ditinho Piraju, Xico Arara, Chico Limeira, todos vindos de cidades do interior paulista.

Alguns "bixos" eram batizados conforme a semelhança com figuras conhecidas das histórias em quadrinhos, como o Cascão (o Chiquetto, de São Paulo) e o Pardal. Outros eram lembrados por suas características físicas, como o Barbante (magro e alto), o Biafra (supermagro, inda mais se almoçava todos os dias no Rucalq!), o Paulão Careca, o Cabeção. E ainda havia aqueles devidamente contemplados com significativos apelidos atribuídos pelo jeito típico de caminhar ou pela maneira de conversar, como o Marcha Lenta e o Vagareza.

E assim, cada um aceitava com resignação, alguns até com alegria, o novo nome que carregariam até o final ou depois do curso universitário.

Mas três colegas se destacaram e seriam fortíssimos concorrentes a campeões caso houvesse um concurso dos melhores apelidos de todos os tempos e de todas as faculdades de agronomia.

---

* História adaptada do livro *Amigo É Coisa pra Se Guardar...*, publicado em 1999 por Otavio de Almeida Prado Bauer e Regina Célia D'Alessandro Bauer.

O primeiro deles é um colega formado na Esalq alguns anos antes da nossa Turma de 1974. Ele trabalhara na Cati (Coordenadoria de Assistência Técnica Integral), no antigo Departamento de Defesa Vegetal. Sujeito calmo, ouvia muito, falava pouco e às vezes mostrava-se bastante distraído. Aposentou-se discretamente, e voltou para a sua cidade natal, Americana (SP). Devido a essas suas características, foi apelidado na Esalq de "TV Tupi": assim como a antiga emissora de TV, ele vivia fora do ar, transmitindo tempo afora um apelido muito apropriado e criativo.

O segundo é um colega formado em Pinhal no início da década de 1970. Era muito dedicado ao trabalho, honesto, porém extremamente ingênuo, mesmo para os padrões daquela época mais tranquila. O apelido dele era "Beto BHC". Ninguém tinha coragem de lhe perguntar a origem de seu apelido. Mas dois colegas de trabalho do IAC (Instituto Agronômico de Campinas) que o conheceram e conviveram com ele nos tempos da faculdade acabaram revelando sobre o estranho apelido.

O Beto entrou na Faculdade de Agronomia de Pinhal bem classificado. Naqueles tempos a faculdade era considerada a melhor Escola de Agronomia particular do Brasil. O pai do Beto, entusiasmado, o premiou com um fusca zero quilômetro. Naquela época estava na moda ter o carro "envenenado", e o Beto foi consultar os "doutores" de sua república sobre o que era preciso fazer para envenenar o veículo.

O "doutor" mais confiável recomendou o seguinte: "Vá até o setor de entomologia, arrume meio quilo de BHC (*Benzene Hexachloride*, em inglês, proibido no Brasil em 1985) e despeje tudo com um funil no tanque de gasolina do carro. E o Beto assim o fez! O pai dele pagou caro para retirarem e desentupirem o tanque para que o fusca voltasse a funcionar.

O terceiro apelido, com certeza o mais criativo, foi o atribuído a Fábio Sardinha Pulz, o "Biscatão", um dos poucos a assumir a nova identidade, dando conhecimento a todos os seus familiares e conterrâneos de Leme, bonita cidade do interior paulista.

Como surgiu esse apelido? Ocorreu o seguinte: alguns "bixos", quando chegaram à Casa do Estudante da Agronomia (CEA, hoje CEU), foram cercados pelos veteranos e trancados dentro da sala de leitura no andar térreo do prédio.

Os "doutores" colocaram a vitrola para tocar e desafiaram os "bixos" a dançar pelados em cima de uma pequena mesa naquele recinto. A grande maioria dançou de cuecas, mas não totalmente nus. Somente dois toparam dançar pelados e foram imediatamente batizados: o "bixo" mais alto virou Biscatão (o Fábio) e o baixinho foi batizado de Biscatinho, cujo nome nunca foi revelado...

O que vale é conhecermos o milagre, e não o nome do santo, como diz o ditado popular...

OS APELIDOS DOS PROFESSORES DA ESALQ

Paulo Espíndola Trani

Assim como os "bixos" eram batizados, alguns pelo resto da vida agronômica, os professores da Esalq também possuíam seus apelidos, vindos dos tempos da "Escola Agrícola" ou inventados pelos novos alunos.

Existiam apelidos bem pitorescos, como dos professores da engenharia rural e mecanização agrícola. Tínhamos o Flechinha (Arthur), pois colocava na lousa vetores para todos os lados, o Odilon Surdo (Odilon Saad), o Log-Log (Nestor), o Mira Perdida (Guilherme, da topografia), entre outros.

O professor Odilon, sempre atencioso e profundo conhecedor das tradições esalqueanas, um dia deparou-se na Esalq com o nosso estimado colega Padre (Joadir), na época também presidente da Casa do Estudante da Agronomia (antiga CEA, hoje CEU). Sempre calmo e educado, o Padre perguntou em alto e bom som:

– E aí, professor Odilon, tudo bem?

Ao que ele imediatamente respondeu, até justificando o apelido:

– É, a prova ficou para o mês que vem...

Ele tentava adivinhar as palavras pelo eco, apesar do imenso aparelho no ouvido... Já o Log-Log era o professor de régua de cálculo, didático, mas um tanto teimoso ao persistir naquelas aulas que pareciam superadas pela tecnologia.

O Log-Log insistia em catequizar os alunos. Ele explicava que pelo conceito de régua de cálculo a soma de 2 + 2 era "aproximadamente" 4, e não "exatamente" 4. O professor Log-Log se divertia com essa tirada e outras que começavam a incomodar os alunos, que não percebiam a utilidade daquelas aulas.

Um dia o professor Log-Log foi surpreendido durante o intervalo de aula pela observação apresentada de maneira oriental (bem-educada) pelo nosso colega Hiroyoshi Ishihashi (o Samurai), que mostrou ao mestre uma calculadora de bolso, dizendo:

– Professor, veja. Eu trouxe esta calculadora de bolso do Japão, e lá está sendo bastante utilizada.

O mestre ficou vermelho como um pimentão e retrucou:

– Mas isso custa uma nota! É preciso importar. Vai levar no mínimo uns dez anos para chegar no Brasil a preços acessíveis!

Não foi bem assim. Dois anos depois, os alunos da Turma de 1976 encaminharam um abaixo-assinado à Congregação da Esalq pedindo a extinção das aulas de régua de cálculo, o que obviamente foi aceito.

Boa parte dos professores era apelidada conforme o aspecto visual, como o Depilado (Edmar Vasconcellos) e o Zé do Caixão (Wladimir Sampaio), também conhecido como Defuntão. Sério e sempre bem-trajado com ternos escuros, o professor assumiu o apelido com bom humor.

Famosos também eram o Jacu (Ailton), da zoologia, o Zé Colmeia (professor de apicultura), o Chico Sementes (Francisco Ferraz de Toledo), o Arzolla Bom de Bola; e o Pisca-Pisca (Ronaldo Ivan Silveira).

Dois apelidos podem ser classificados como os mais pitorescos. O primeiro: Paulinho *foi* para a Europa (Paulo Torres de Carvalho), ótimo mestre da microbiologia, também conhecido como Paulinho *vai* para a Europa, pois ele sempre mencionava a gloriosa viagem à Europa que marcou a sua carreira profissional.

O segundo apelido de grande destaque foi dado a um professor de elaiotecnia, do Departamento de Tecnologia de Alimentos. Roberto Fleury Novais tinha uma enorme barriga, parecendo o Homer, personagem dos *Simpsons*.

Ministrava as aulas com boa didática, explicando sobre gorduras saturadas e insaturadas. Ele dizia com o típico sotaque nativo, piracicabano:

– Dizem que as "golduras" fazem mal, mas isso não é verdade, eu como "golduras" e estou muito bem de saúde.

Dizia isso, porém, mostrando aquela pança cheia de pneus e anéis!

O filho dele, xará do pai (Roberto Fleury Filho), de ótimo humor, formado na Turma de 1973, um dia tomou coragem e falou:

– Pai, o senhor sabe qual é seu apelido na Esalq?

– Não... – respondeu surpreso o velho Fleury.

– É "Troção"!

De imediato o professor exclamou:

– Filhos da puta!

O pior é que o Fleury Filho espalhou esse episódio para todos os colegas já no dia seguinte. Parece o filho dando trote no pai.

A APOSENTADORIA "INSTANTÂNEA" DO PROFESSOR PEDREIRA

Paulo Espíndola Trani

Após cinquenta anos de formados na gloriosa Esalq em 1974, os colegas devem estar aposentados na sua maioria. Mas não sem antes ouvirem conselhos de todo tipo, como "não fique sem fazer nada senão vem a depressão", "não fique muito em casa, senão a mulher não vai te aguentar", "faça algumas assessorias", entre outras opiniões...

Isso tudo nos leva a lembrar uma história contada pelos colegas mais antigos, mas que ficou registrada no histórico esalqueano: o protagonista desse episódio foi o professor Pedreira, catedrático da cadeira de química da então Escola Agrícola.

Na década de 1940, dois grandes mestres se destacavam na Esalq: o professor Carneiro, da matemática, e o professor Pedreira, ambos famosos por terem sido extremamente dedicados ao ensino e pelo rigor na avaliação dos alunos.

O professor Pedreira, após longos anos de dedicação intensa à Esalq, saturou-se tanto e exigiu que seu auxiliar (o bedel) o avisasse da aposentadoria *tão logo* chegasse o *Diário Oficial do Estado de São Paulo*. Deveria avisá-lo imediatamente, onde quer que estivesse, na sua casa, no cinema, no clube ou na própria Esalq.

Assim, um dia, em plena aula, o fiel auxiliar criou coragem e, entrando na sala do laboratório do prédio de "Chimica", com todos os alunos como testemunhas, falou:

– Doutor Pedreira, desculpe-me a interrupção, mas o senhor mesmo autorizou-me: chegou o *D. O.* com a publicação de sua aposentadoria!

O professor Pedreira parou na mesma hora de escrever a frase na lousa, que ficou pela metade, deixou cair o giz e se dirigiu aos alunos:

– Senhores, tenham uma boa sorte e sucesso daqui para frente!

Abandonou a aula e sumiu.

Passados alguns anos, quando foi elaborado o livro dos 100 anos da Esalq, contou-me um dos autores, o professor Francisco Ferraz de Toledo (o "Chico Semente"): "Fomos indagar o professor Pedreira na residência dele se aquela história era verídica a fim de fazer parte do livro. O professor Pedreira, velhinho, mas lúcido e sorridente, leu o que escreveram e disse: 'Senhores está muito bom, apenas uma pequena correção: eu não deixei cair o giz, mas sim o coloquei educadamente no pé da lousa. Agora, que eu abandonei a aula é pura verdade, pois não via a hora de chegar a bendita aposentadoria!'".

Nós, da Turma de 1974, também tivemos a sorte de conviver com muitos mestres dedicados que chegaram ao fim da carreira extremamente esgotados e saturados, mas que nunca deixaram cair o giz.

APROVADO EM EQUINOCULTURA*

Dante Villardi (Sabiá)

Aprovado com méritos em equinocultura pelo nosso querido Losito, fiz uma proposta para o "caixinha" da república Poioka:

– Vou ao Jóquei e dobrarei o dinheiro que temos no caixa jogando em um cavalo que considero uma verdadeira barbada!

O cavalo era daqueles que o pessoal da cocheira diz: "Larga, cai, levanta e ganha".

Após discutida votação, me liberaram 100 pratas.

Não deu outra: na segunda-feira cheguei feliz e contando prosa. Trouxe os 200 e mais algum para diminuir o meu débito.

Negócio honesto e aprovado.

BASTIDORES DE FILMAGEM

Regina Maria Corrêa da Costa (Reca)

Reúno, de memória e em curtas pinceladas, algumas lembranças de personalidades e situações vividas nos *sets* e em locações ao longo de mais de três décadas de trabalho no audiovisual.

Fernando Meirelles, cineasta brasileiro – Trabalhei com ele pela primeira vez em sua produtora de vídeo chamada Olhar Eletrônico, no início dos anos 1990. Logo em seguida abriu a O2 Filmes, onde trabalhei com ele em diversos diretores. Essa produtora logo explodiu, tornando-se a maior do Brasil. Fernando sempre teve uma criatividade ímpar. Depois de um dia inteiro com muitos marmanjos ao redor de uma caixinha de leite, sem saber o que fazer com ela, ele chega, arregaça as mangas, pega a tal caixinha, grita ação, dá uma girada nela, e pronto. A cena ficou linda. Noutra vez, jogou as sandálias de borracha numa onda, e as duas pararam na areia da praia de uma maneira incrível. Ele é mágico.

Fernando partiu para os longas-metragens e tornou-se mundialmente conhecido a partir do filme *Cidade de Deus*. Daí em diante, tem dirigido muitos filmes fora do Brasil, tendo sido indicado algumas vezes ao Oscar, Bafta (o "Oscar" do cinema britânico) e Globo de Ouro. Quando começou a fazer longas, ele se afastou da publicidade, que era onde eu trabalhava.

Fernando é uma pessoa extremamente simples. Diferente da maioria dos diretores, com suas exigências estapafúrdias. Tenho muito orgulho de ter trabalhado com ele desde o início de sua carreira.

Filmagem de uma grande rede de moda – Naquela época, ainda não dispúnhamos de banheiros químicos de aluguel. Como estávamos filmando com muitos figurantes em um areal distante da cidade, foi preciso cavar muitos buracos, onde foram feitos suportes de madeira para as pessoas se sentarem. Após o uso, jogava-se com uma pá um bocado de cal nos buracos para "dar a descarga".

Filmagem de uma famosa marca de relógios de pulso – O garoto-propaganda era o paisagista Roberto Burle Marx. As cenas do filme mostravam o mestre mergulhando o braço com o

* História adaptada do livro *Amigo É Coisa pra Se Guardar...*

relógio no tanque de plantas aquáticas. Na véspera da filmagem, um estagiário fechou as plantas numa caixa de isopor e colocou a tampa. Amanheceram todas quase desmaiadas. Caos instalado.

Filmagem de uma rede de postos de combustível – A locação simularia que a cena se passava num parque de leões. O primeiro leão encontrado pela produção, apesar de muito grande, era jovem e sua juba ainda era modesta. A agência de publicidade insistiu que queria um leão adulto. Assim, acabamos levando o leão jovem e também um mais velho para a filmagem. Esse último, ao chegar, arrebentou as portas do veículo que o transportou até o sítio. Durante o trabalho, ele se cansou da filmagem e saiu correndo pelo local, arrastando o seu domador. Cada um da equipe se protegeu como pôde. Alguns até subiram nas árvores. Inesquecível.

Filmagem de uma marca de refrigerante – A agência exigiu o melhor *catering* da época para o camarim do Ronaldo Fenômeno. Ronaldo deixou toda aquela comida lá, saiu do trailer e foi lanchar na mesa da peãozada.

Filme de protetor solar – Filmamos com a Gisele Bündchen na praia de Pipa, no Rio Grande do Norte. Os quase duzentos degraus de escada que naquela época separavam o hotel da praia levaram a nossa *übermodel* a fazer xixi no mato. Não, naquele ano ainda não havia barracas ou bares na areia da praia.

Filme de cerveja – O roteiro pedia um filme no Sambódromo. Fomos com toda equipe e elenco para a pista inúmeras vezes, mas a meteorologia não nos ajudava. Descobriu-se até um telefone da Nasa para especularmos quando a chuva iria parar. Foram tantas vezes indo para o Sambódromo sem sucesso que, quando finalmente a filmagem aconteceu, um dos sambistas da comissão de frente faltou porque havia falecido.

Filme de suco – Um ator entrevistava pessoas em plena avenida Paulista, perguntando suas opiniões sobre o tal suco. Após cada entrevista, um produtor de *casting* pegava a autorização de uso de imagem da pessoa. Um desses entrevistados não assinou o documento e não havia deixado seu contato. Naquele tempo, como não havia celular ou internet, precisamos espalhar inúmeras faixas com o nome do cidadão por toda a Paulista pedindo que entrasse em contato conosco. Depois de uns quinze dias, o moço apareceu assustado.

Filme de fraldas descartáveis – Em filmagens com bebês, sempre são levados dois deles para o caso de surgir algum problema. Fomos filmar em Maresias, litoral norte de São Paulo, e o perrengue foi sério. Nenhum dos bebês tolerava colocar seus pezinhos na areia. Foi preciso "importar" outro bebê que a princípio não havia sido aprovado pelo cliente.

Longa-metragem americano – Filme de ação rodado no Canadá, cujas sequências de ação foram feitas em Foz do Iguaçu (PR). A cena de maior perigo acontecia em plena Garganta do Diabo, onde um bote inflável despencava. Cada vez que a tal cena ocorria, um helicóptero trazia o dublê pendurado por cabo de aço até nós para trocar o figurino molhado. Numa dessas voltas, o *stunt* (termo que se refere ao dublê) chegou desacordado. Não dava para saber a gravidade do acidente. O mais difícil foi afastar um grupo de turistas que nos cercou com um milhão de câmeras.

BOMBINHAS, FESTA JUNINA NO BANHEIRO

João Paulo Bernardes Teixeira (Cachação, Xaço)

Quando morávamos na república Casa Nova, na Rua São José, na época das festas juninas é claro que os colegas menos "civilizados" (hoje não fica bem chamá-los como eram designados, ou seja, "índios"), entre eles o Torrinha, o Tião Careca e o Panela, queriam soltar bombinhas para nos assustar.

Só que susto maior tomou o Torrinha. Um dia, ele estava como rei, sentado no trono, com as calças arriadas no meio das pernas, quando veio o Cachação com uma bombinha acesa e a jogou pelo vitrô do banheiro.

Por absoluto azar do meliante, a bombinha caiu no meio da calça do Torrinha. Imagine o perereco no banheiro. A sorte sorriu para o sempre "diplomático" Torrinha, que teve presença de espírito, sacudiu a calça e a bombinha estourou no ar. Não tenho informação sobre o que aconteceu depois naquele banheiro envolto por uma nevoa fétida.

CAÇADA DE ONÇA

José Juarez Pereira de Faria (Pinguim)

Estávamos nas férias do primeiro semestre do curso de engenharia agronômica na Esalq, em 1971. Morávamos juntos eu, Fochi, Ivan e Piva na república que fundamos. O Fochi acabava de chegar das férias e fui encontrá-lo. Logo, percebi que ele estava com umas perebas nos braços e mostrou outras nas pernas. Fiquei surpreso e perguntei o que tinha acontecido. Ele respondeu, meio constrangido:

– Foi numa fazenda de amigos do Zé Butão em Mato Grosso, perto de Cáceres, numa caçada de onça.

– Ah! Conta essa lorota pra outro. Você não tem experiência. Como foi se aventurar?

Titubeando, ele respondeu:

– O Zé Butão falou que não tinha problema, pois um empregado experiente na caça de onça iria conosco para nos orientar.

– E aí? Estou curioso sobre a causa dessas perebas.

E me disse ele:

– O Zé explicou que o empregado disse que o melhor horário para caçar era à tardezinha. Chegou o horário, fomos nós três para a mata, estávamos devidamente armados com cartucheiras e carabinas. Na frente da mata, o Zé Butão falou: 'Temos que nos separar para podermos cercar a onça e atacar melhor, uns cem metros um do outro'.

"Eu fiquei preocupado, mas não manifestei nenhum medo. Nós nos separamos e adentramos na mata. Andei de cem a duzentos metros. Já estava escurecendo, a noite sem luar. Mais tarde, barulhos de folhas pisadas, uma correria danada de pequenos animais silvestres. Pensei: a onça está vindo! Então, o medo veio. Vi uma árvore grande e alta. Subi até o galho mais acima. Estava frio. Não sei se era tremedeira de frio ou de medo.

"Aos poucos acalmei, já tinham se passado alguns minutos, nem sei precisar. Senti no corpo, braços e pernas, principalmente, o andar de insetos. Eram aquelas formigonas com a cabeça amarela. Ao mesmo tempo, vi a onça passando embaixo da árvore. Fiquei duro que nem pedra. Não me mexia, suportando as dores das picadas. Atirar como? Não conseguia nem me mover. Se errasse, estava encalacrado. Parecia uma eternidade, o tempo não passava. Veio a madrugada e amanheceu, eu nem dormi, passei a noite abraçado no galho da árvore."

Interrompi e disse, rindo:

– Agarrado no pau!

Fochi respondeu:

– Estava muito dolorido, mas, não sem dificuldade, consegui descer e fui para a sede da fazenda.

Não lembro o desfecho. Mas o Zé Butão sabe.

Disse para o Fochi:

– O Zé te sacaneou! É um amigo da onça!

CAUSOS DO BARBANTE

Gabriel Garcez Ghirardi (Barbante) e Paulo Espíndola Trani

Dois colegas mais antigos formados na Turma de 1972, Luiz Antônio Campos Penteado, o Bolinha, e João Paulo Feijão Teixeira, o Feijão, moravam na conhecida pensão da dona Cida, na esquina da Rua do Rosário com a São José.

Receberam em 1971 e adotaram como afilhados dois "bixos" da T-74: Gabriel Garcez Ghirardi, o Barbante, e Paulo Espíndola Trani, o Trani.

A eles, deram conselhos úteis como raspar a cabeça antes que alguns cruéis veteranos passassem piche com ovo e que só fossem às aulas com roupas velhas, pois no caminho os "doutores" costumavam "roubar" a roupa dos pobres "bixos", deixando-os de cuecas, entre outras malvadezas. Ensinaram também como sair das aulas driblando os caminhos com armadilhas colocadas pelos veteranos.

Após oito meses naquela pensão, os dois "bixos" conseguiram vaga na Casa do Estudante da Agronomia (antiga CEA, hoje CEU) e lá foram residir. O Barbante, apelido que ganhou devido a seus quase dois metros de altura, foi logo convocado para participar da seleção de basquete da CEA e da Esalq.

Dentre os veteranos da CEA, vários deles esportistas, destacavam-se os terríveis Wilsão Novaretti, Cascata, Ibaté, Cueca, Ouriço e Cocozão, que eram o terror de muitos calouros, especialmente aqueles que não sabiam fazer média com os "doutores".

Barbante sempre foi diplomata e foi conquistando a amizade de todos da CEA. Na sala de leitura do prédio, eram frequentes as trocas de histórias ("causos") entre os estudantes de todos os anos, como aquele contado por Barbante.

Aconteceu em uma excursão (aula prática) do curso do Ademar Spallini, professor "paizão" que, ao parar na estrada em uma lanchonete, aconselhou a todos no banheiro:

– Os senhores, pelo que estou vendo, pegam no "bilau" e urinam, para depois lavarem as mãos... Isto está errado! O correto e higiênico é lavarem primeiro as mãos e depois, sim, pegarem no "documento" para urinar.

Vejam só o cuidado com seus alunos proporcionado pelo mestre Spallini! Era tido como o professor mais sistemático da Esalq na época.

Outra história contada pelo Barbante: seu irmão, André, havia ingressado na famosa Poli, a Escola Politécnica da USP, faculdade de engenharia mais disputada pelos vestibulandos pela alta qualidade de ensino. Logo após, as preferidas eram a Mauá (Instituto Mauá de Tecnologia) e a FEI (Faculdade de Engenharia Industrial).

No início dos cursos, havia uma competição: a Mapofei (mesmo nome do vestibular integrado), na qual os "bixos" da Mauá, Poli e FEI disputavam uma olimpíada cercada de grande rivalidade.

No dia do futebol, pouco antes do início da partida, os "bixos" da torcida da Politécnica abriram uma enorme faixa onde se lia:

"A torcida da Poli saúda seus colegas da segunda e terceira opções!"

Não é necessário dizer que o pau comeu e não houve mais o jogo...

A CHISPADA PIRACICABANA*

Otavio de Almeida Prado Bauer

Na manhã de 29 de março de 1974, o jornal O *Diário* bateu o recorde de vendas da sua história. A manchete da primeira página estampava em letras garrafais:

E SURGIU A "CHISPADA" PIRACICABANA

PACE EM PRIMEIRO

O DIÁRIO

CR$ 0,70

EDIÇÃO REGIONAL

E SURGIU A "CHISPADA" PIRACICABANA

Atônitos, os habituais frequentadores de dois restaurantes na avenida Centenário assistiram à primeira 'chispada'

Nos últimos dias, os comentários estavam sendo cada vez mais crescentes: estudantes de nossas faculdades estavam fazendo rápidas "chispadas peladas" pela cidade, repetindo-se também aqui o modismo que está se alastrando por todo mundo como uma forma de protesto que está sendo encarada como uma simples gozação sem maiores consequências, a não ser, evidentemente, o ridículo dos chamados "chispantes".

Na noite de ontem, o faro dos repórteres esteve aguçado, como que pressentindo que a "chispada" poderia ocorrer de uma hora para outra, mesmo porque corriam rumores de que, na quarta-feira, a polícia, informada da possibilidade da "corrida de nus", se mobilizara para evitá-la. E a "chispada" aconteceu, na avenida Centenário, nas proximidades do bar Zueira e do restaurante Saravá, locais onde se reúnem, diariamente, grande número de jovens. Aos gritos de "hop-hop-hop", cerca de trinta estudantes passaram na frente dos restaurantes,

* História adaptada do livro *Amigo É Coisa pra Se Guardar...*

ante os olhares atônitos de adultos e de moços, que não esperavam o episódio absolutamente inusitado. Por quatro quarteirões os "chispantes" correram pela avenida Centenário, dobraram o "Zueira", rua Ajudante Albano e desapareceram nas imediações do Grupo Carvalho.

O curioso do acontecimento foi que não houve nem um único protesto de populares. Pelo contrário, os "chispantes" passaram debaixo de aplausos gerais dos que os viram, o que, na verdade, é um dado a mais a fim de que os sociológicos (sic) e psicológicos (sic) possam estudar melhor o fenômeno que, em nosso entender, não passa de uma forma agressiva de gozação. Enfim, fica o registro: Piracicaba já teve sua "chispada pelada" que vai, evidentemente, dar margem a todo tipo de comentários, desde a indiferença até a escandalização. Sinal dos tempos.

(Reportagem publicada no jornal O *Diário*, edição regional nº 1724, de 29 de março de 1974)

As fotos mostravam estudantes da Esalq passando totalmente nus nos pontos de maior frequência da sociedade. Isso era inédito para aquela cidade ordeira e tradicional.

Mas a reportagem não sabia toda a verdade.

Como surgiu a chispada piracicabana?

Com certeza, em anos anteriores, alguns "bixos" correram pelados no quarteirão de suas repúblicas durante a madrugada como trote aplicado pelos veteranos da época. Mas não tiveram a mesma repercussão que a de 1974.

Como não poderia deixar de ser, aquela foi especial, pois dela participaram não só "bixos", mas muitos veteranos, e, embora a imprensa tenha noticiado que fossem trinta participantes, posso garantir que o número era muito superior.

A "brilhante" ideia de realizar e organizar a chispada só poderia ter surgido de uma cabeça privilegiada como a do Chão.

O ato não tinha a menor intenção de protesto ou agressão. Simplesmente, segundo justificativa do idealizador do evento, seria uma forma de projetar o nome de Piracicaba "internacionalmente", uma vez que vinham ocorrendo atos como esse na Europa, lá sim como forma de protesto, e realizados, no máximo, por duas ou três pessoas.

Como a imprensa daqui dava destaque para esses movimentos, por que não realizar uma "chispada monstro" para que fosse publicada em todos os jornais europeus? Talvez fosse uma forma de agradecimento ao povo piracicabano, que nos acolheu carinhosamente nos anos que passamos na Esalq.

A organização foi quase perfeita. Foram programados o local e o horário da saída, o trajeto, preparadas as equipes de apoio que parariam o trânsito e as de resgate e dispersão dos participantes no final do "passeio". Só não foi perfeita pela inocência do Chão, que avisou a imprensa para cobrir o evento, coisa que deveríamos ter feito nós mesmos, fotografando os participantes de costas e enviando posteriormente os negativos para a publicação no jornal.

Conclusão: inquérito policial. Três colegas foram reconhecidos, processados e condenados pelo crime de ato obsceno, já que a chispada era considerada um ultraje público ao pudor.

Não temos certeza se o objetivo foi alcançado, até porque não assinávamos jornais europeus, mas que o acontecimento marcou a Turma de 1974 na Esalq e em Piracicaba, disso não temos dúvidas.

Nada marcou mais a nossa turma que a chispada.

CHISPADA, NUDISMO E IRREVERÊNCIA NA CIDADE

Eloah Margoni

Vamos recuar no tempo, até março de 1974, na calma Piracicaba, com 125 mil habitantes. Ruas tranquilas, pouco trânsito, perfil interiorano da época. Casas antigas espalhadas pelos bairros. As chiques erguiam-se na avenida Carlos Botelho, no Jardim Europa, na Cidade Jardim.

Era noite do dia 28 do referido mês e ano. Luzes amareladas e suaves das lâmpadas de halogênio em postes de cúpulas de metal, pratos com "babados" nas circunferências (as de mercúrio nas avenidas), cúmplices do que viria.

Fazia calor e não choveu. Tudo parecia zen, mas um trepidante furacão estava prestes a eclodir localizadamente. Havia sinais. Os bares Saravá e Zueira, ambos vizinhos na Avenida Centenário, estavam lotados com mesas postas até nas calçadas, jovem plateia ansiosa, expectante. Dentro dos muitos carros estacionados tinha gente.

Quinta-feira. Tão grande quantidade de pessoas não seria regra, mas a malandragem fora divulgada em alguns grupos que até faziam apostas entre si. Agora a promessa tinha de ser cumprida! Em uma das repúblicas próximas ao Saravá, cerca de duas dezenas de estudantes (somente rapazes) da Esalq, entre veteranos e calouros, os últimos incentivados ou "convencidos" a participar, juntavam coragem e ânimo, espantavam o medo. Havia um único modo conhecido de fazer isso: com cachaça. Bastante cachaça.

O articulador de tudo fora o Chão, morador da Casa Nova, um dos veteranos e futuro formando do ano. Dessa república sairia também o João Panela. Otavio Bauer, da mesma morada, sempre com modos de lorde inglês, não se colocaria desnudo de jeito algum, mas assessoraria a galera nos resgates, junto com outros bons samaritanos.

Dias antes, no bar Zueira, conversa vai, conversa vem, o Chão dera ideia de seguirem a moda da Europa, onde grupos surgiam nus nos locais diversos, em corridas rápidas.

– Se lá que é gelado eles fazem isso... por que aqui não?

Por divertimento valia tudo. O exibicionismo no ato não seria nada pouco, pois, além da plateia que os aguardava, o chefe da moçada, de modo impulsivo e arriscado, avisou o fotógrafo do jornal *O Diário*, para alegria do profissional e posterior recorde de vendas do matutino. Cecílio Elias Neto, o dono, sempre corajoso, aceitaria a matéria e publicaria as fotos. Lembremos: os tempos eram bicudos.

Às vinte e três horas e tralalá, Marcelo de Castro Cunha já havia fechado, com o carro, o cruzamento da Centenário com a Carlos Botelho. Equipes de resgate, incluindo nativos cúmplices da história, a postos nas ruas transversais à Centenário, guardavam os trajes dos infratores.

Lá saiu a turma! O bando a correr, chispando, aos gritos de guerra: "Hop! hop! hop!". Todos eles com acessórios variados e criativos, menos com roupas, por certo. Passaram pelo Zueira, onde um ou outro calouro sentou-se à mesa com gente conhecida, para a sensação geral. O fotógrafo estava de prontidão. Com a máquina que fotográfica deu seus cliques. Não fora esse o plano, porém. O combinado seria os próprios colegas registrarem o evento, fotografando os meninos já de costas, de glúteos à mostra. Mas não foi o que aconteceu... Resultado: Chão, Sabugosa e Barretinho estavam entre os que abriram o desfile, de cara ou caras na fotografia. Primeira página do jornal.

Nos dias "depois de amanhã", houve transtornos tanto para Cecílio Elias Neto, proprietário do jornal, quanto para os estudantes. Sustos, fugas, esconderijos dos alunos. Em tempo: uns poucos veteranos com espírito de trote largaram algum calouro na mão, sem transporte. Mas Deus protegeu os nus. Num dos carros de fuga, bunda anônima estava colada ao vidro traseiro, em posição talvez incômoda. Mas de quem seria essa impressão digital? O Chão nunca negou nem confirmou a autoria.

A polícia, por sua vez, não perdeu tempo. Muitas diligências e tecnologia paulistana para identificar os fora da lei. A lenda diz que o diretor da Esalq, doutor Ferdinando Galli, mesmo pressionado, se manteve firme. Não forneceu fichas nem dados de nenhum dos alunos. "Com meus meninos ninguém mexe", teria dito ele.

O delegado deu uma incerta na Casa Nova e não foi possível negar que o João Panela, um dos identificados, morasse lá. Sobre sua cama estava escrito:

"Panela, o Fugitivo."

Alguém tivera essa ideia brilhante. Resultado: Sabugosa, calouro, e João Panela, réus inconfessos até o fim, foram condenados. Pegaram dois anos de sursis (suspensão condicional de pena).

Evento como esse nunca houve antes nem depois na cidade de Piracicaba. Para os participantes, igualmente deve ter sido a única chance na vida de correrem em grupo contra o vento, com os balangandãs sacolejantes ao sabor das energias cinética e gravitacional, sem lenços nos bolsos e, certamente também sem nenhum documento.

CONFUSÃO ESALQUEANA EM UM AEROPORTO EUROPEU

Alberto Kunio Kikuda

Este fato aconteceu durante nossa viagem técnico-cultural à Europa, viagem da Turma de 1974 com trinta alunos, alguns não eram da turma. Fomos capitaneados pelo professor Valdomiro Bittencourt, do Departamento de Química, e por sua esposa Marlene.

A saída foi em 28 de dezembro de 1973. O retorno ao Brasil estava marcado para fevereiro de 1974 e ocorreu em um episódio marcante, ainda na memória de todos os participantes.

Foi no aeroporto de Barcelona, Espanha. O colega Mococa ajudou-me a lembrar quem foi o responsável pela proeza de atrasar de forma inusitada um voo internacional. A união do grupo foi determinante para que um dos colegas não ficasse detido no aeroporto, perdendo o voo ficando desamparado.

O apelido dele é NPK e não era da T-74. Inadvertidamente, ele colocou o passaporte dentro da mala, que foi despachada no *check-in*, antes de entrarmos no avião.

Todos subimos para a aeronave, menos ele, que não tinha passaporte. Até ele explicar que o passaporte estava na mala, tivemos um pouco de calor, demorou certo tempo por conta da dificuldade no trato da língua.

O professor Valdomiro precisou descer do avião para tentar recolocar o retardatário no voo, mas foi em vão. Sem passaporte, o NPK correria o risco de ficar retido vários dias, porque o fatídico documento seria despachado para o país seguinte, onde certamente a mala estaria como extraviada, sem o dono. Esse caso faz mais de cinquenta anos, sem os controles que hoje existem. O NPK ficaria retido sozinho, sem documento e tradutor numa terra estranha.

Diante da situação, o grupo todo resolveu desembarcar do avião e permanecer junto ao colega. Por algumas horas ficou um imbróglio sem solução, porque, pelas normas de segurança, o NPK não poderia ir até o bagageiro do avião e sacar da mala o fugitivo passaporte.

Foi preciso diplomacia e algumas horas de muita conversa envolvendo o professor Valdomiro, Sílvio Pilungo, Esther e outros bilíngues, até que finalmente conseguiram convencer os seguranças a quebrar todas as regras de protocolo do aeroporto e levar nosso NPK até o bagageiro do avião, localizar sua mala e retirar dela seu passaporte.

Depois de carimbado e liberado, todos conseguiram embarcar, porém o episódio atrasou o voo em pelo menos três horas, irritando a companhia aérea e pelo menos outros trezentos passageiros.

CRAQUES NOS ESPORTES E NA MÚSICA E FALANDO DE FLORES

Gilmar Roberto Maciel (Preto)

Os colegas e esportistas da Turma de 1974, assim como eu, têm vivas na memória as grandes jornadas de futebol de salão e vôlei nas diversas competições no ginásio da agronomia. O Protinho no futebol de salão e o Chão no vôlei foram expoentes nas competições organizadas pela Associação Atlética Acadêmica Luiz de Queiroz (AAALQ). O ginásio fervia nos torneios inter-repúblicas, entre as turmas da agronomia e até mesmo entre unidades da Universidade de São Paulo.

No início dos anos 1970, em um contexto de governos militares, floresceu no país a grande fase dos shows no chamado "Circuito Universitário". Consta que Vinicius de Moraes (com Toquinho) foi o primeiro a sair a campo, em sessenta shows no interior de São Paulo organizados pelo produtor Roberto de Oliveira. Depois Caetano, Chico, Gil, Jorge Ben e muitos outros artistas realizaram encontros memoráveis de música popular, ocasião em que promoviam grande convivência com os estudantes.

Na ocasião de um show em Piracicaba, o grupo MPB-4 ficou hospedado na república Kukumká. O grupo foi criado em 1962 e era um primor de afinação em quatro vozes que se multiplicavam: Aquiles, Magro, Ruy e Miltinho (que tocava violão). Eles pediram e fomos jogar futebol de salão no ginásio da Escola.

Em dado momento, no calor da partida, dei um "chega pra lá" e derrubei o Miltinho. O grandão ficou muito bravo e quis partir para o confronto, mas a turma do "deixa disso" entrou na quadra. O jogo acabou e voltamos todos para a república. O show à noite foi maravilhoso.

Tenho vivo na memória outro fato peculiar. Eu precisava ir para Tanabi no final de semana porque tinha jogo de futebol de campo do Tanabi Esporte Clube, que disputava campeonato

estadual. Eu fazia o curso de floricultura e o professor marcou uma prova de enxertia em roseiras no sábado.

O Kaka, um craque de futebol de salão, fazia cursinho e morava conosco na Kukumká. Era tratado com um verdadeiro agricolão. Naquele final de semana ele não iria para Tanabi. Armamos para ele fazer a prova por mim, com a supervisão do Kodhai, que também fazia o mesmo curso na minha turma.

Na segunda-feira, quando voltei a Piracicaba perguntei ao Kaka se o golpe tinha dado certo. Ele, sempre muito bom de conversa, me disse que fez amizade com o assessor do professor do departamento. Quando saíram as notas, o Kodhai tirou 7,5 e eu (o Kaka, na verdade) tirei 10. Nunca fui tão dedicado à floricultura como dessa vez. A minha vantagem foi o segredo: como dizia o mestre Cartola, "as rosas não falam..."

DR. SHOW*

Otavio de Almeida Prado Bauer

Nem só de política vivia o Centro Acadêmico Luiz de Queiroz (Calq). As diretorias promoviam cursos e palestras, reproduziam material e ainda editavam a revista *O Solo*, com artigos de interesse para os estudantes.

Alguns eventos eram organizados visando à integração dos alunos. Assim era o Bishow, que dava oportunidade aos "bixos" de se apresentarem cantando, dançando, recitando ou fazendo qualquer coisa que os fizessem conhecidos pelos veteranos.

No final do ano havia o Dr. Show, a vez de os veteranos se apresentarem. Esses espetáculos eram muito concorridos e o nosso de modo especial agradou a todos.

Normalmente, os Dr. Show não tinham um nome específico, mas o da Turma de 1974 tinha que ser especial e teve como tema o "Prêmio Croquete Pinto", que homenageou os amigos que mais se destacaram em diversas áreas.

Zé Mário e Esther foram os mestres de cerimônia, como nos grandes shows da época. Ainda lembramos de vários números, mas pode ser que a memória nos pregue uma peça, então pedimos desculpas se algum número ou artista não for citado.

Fochi mostrou nos versos a nossa face séria declamando com sentimento o poema "José", de Carlos Drummond de Andrade. Alda e Trani, exímios pianistas, foram acompanhados pelo Pardal na bateria. Xixo, Zé Butão e Cyrinho cantaram e recitaram modas de viola. Mozart fez mímica mostrando "Um Dia na Vida do Agricolão", cantou e encantou com seu violão e por fim executou "Viola Enluarada", música que ficou marcada como sendo quase um hino da T-74.

As repúblicas estiveram representadas no grandioso jogral formado pelos moradores do Sobradão e Sobradinho. Zé Butão, regendo sua grande orquestra, apresentou trecho de *O Poeta e o Camponês*, do compositor austríaco Franz von Suppé, levando ao delírio o público presente no auditório do Calq.

Dante, grande conhecedor de equinos, e seu companheiro Barbante fizeram uma magistral apresentação que nos levou ao Jóquei para uma inesquecível corrida de cavalos. Chão e Pinguim dançaram uma valsa vienense belíssima, no quadro intitulado "Borboletas no Cio". Entrevistas e furos de reportagem foram realizados pelo repórter "Ciro Boca Negra" (Kodhai).

Mas a estrela maior da festa foi o cantor internacional Sierra (Sérgio Amílcar Antonio Vargas Sierra), que apresentou os últimos sucessos "La Bamba" e outras músicas no mesmo estilo.

* História adaptada do livro *Amigo É Coisa pra Se Guardar...*

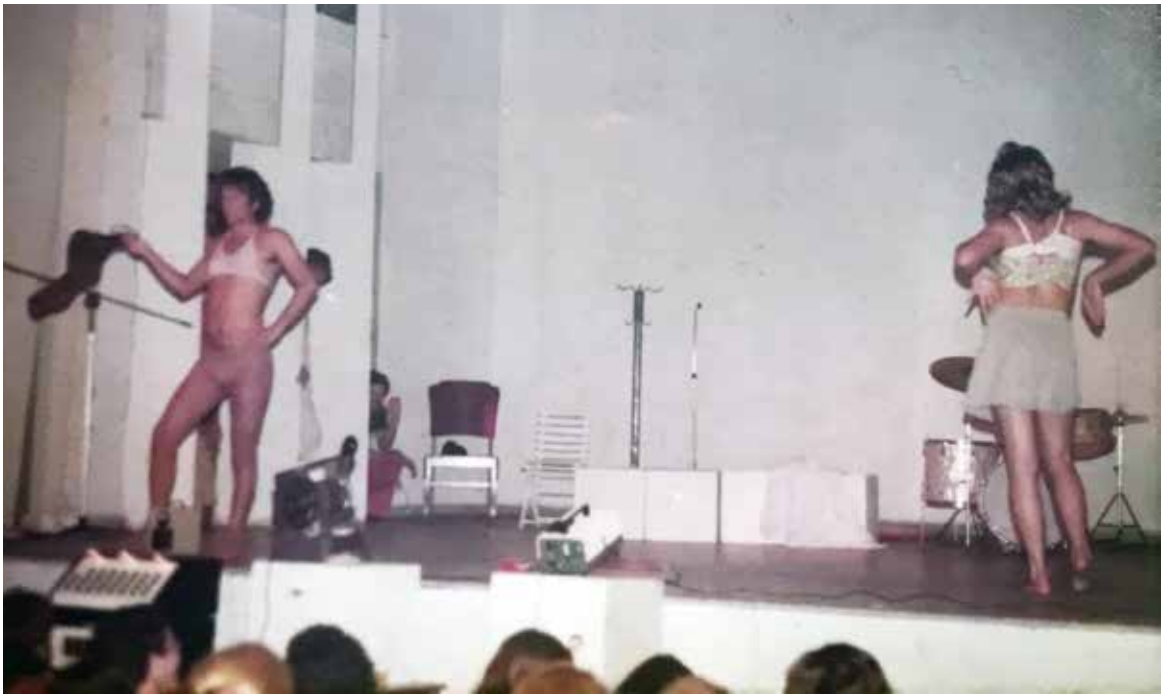
Na verdade, Sierra foi o único que levou a sério o Dr. Show. Ensaiou as músicas e foi vestido a caráter como um cantor profissional.

Por fim, Gentil fez uma retrospectiva dos nossos quatro anos na Esalq, o que levou a plateia às lágrimas. Misto de alegria e saudade que já nos invadia.

Somos mesmo uma turma especial! Tão especial que desconfiamos que algum "olheiro internacional" estava presente no nosso Dr. Show, pois daquele dia em diante notamos uma enorme semelhança na entrega do Oscar ou do Grammy com o Prêmio Croquete Pinto.

Na festa de dez anos de formados, repetimos o sucesso do Dr. Show, desta vez intitulado "Felicidade". Isso nunca havia acontecido, e tal fato, por ser inédito, atraiu na plateia muitos alunos da Esalq.

O retumbante sucesso dos dois shows fez com que, atendendo a inúmeros pedidos, organizássemos o "Super Dr. Show - Recordar é Viver" na festa de quinze anos. Mais maduros e experientes, os artistas superaram todas as expectativas.



E AGORA, JOSÉ?

Ciro Kubayashi (Maritaca)

Em 1971, ainda sem que o ano letivo houvesse iniciado, um "doutor" formado em 1970, apelidado de Fofô, de Jundiaí (SP), me encontrou em frente ao pavilhão de Química e me deu o apelido de Maritaca. E assim todos os esalqueanos me conhecem até hoje.

Um dos fatos mais marcantes da minha jornada na Esalq foi ter morado na república Sonho das Virgens. Também me marcou ter participado da turma que viajou à Europa em 1974. Essa viagem fortaleceu o vínculo de amizade entre todos os participantes. Lembrança inesquecível é o Xixo e seu violão. Ele cantava em todos os momentos oportunos durante a viagem.

Da cerimônia de formatura, não me esqueço da emoção sentida durante a entrada no salão com a execução da "Marcha Triunfal" ao fundo, o discurso do nosso paraninfo, o saudoso ministro Alysson Paolinelli, e as palavras do orador da turma, nosso colega Gentil, recitando Drummond:

E agora, José?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José?

Esses versos expressavam o nosso sentimento naquele momento. Cinquenta anos depois, os versos ainda ecoam no meu coração.

O EFEITO GUTTALAX*

João Paulo Bernardes Teixeira (Cachação)

Cachação sempre levava doce de leite de casa para deleite dos convivas (pentelhos). Acontece que o ócio cria asas nas fantasias dos ociosos.

Assim, seu Toledo e João Panela, ainda alunos de cursinho, compraram vários comprimidos de Lacto-Purga, um laxante, e nas ociosas tardes assistindo à *Sessão da Tarde*, da Rede Globo, na república Casa Nova, ficaram triturando manualmente os comprimidos.

Todos na república sabiam do laborioso trabalho dos dois, menos o voluntário do Cachaço.

Resultado: "pincha longe" ou caganeira contínua por vários dias.

Seu Bauer dizia, ou pelo menos tentava avisar:

– Para com esse doce, Cachaço. Isso está te fazendo mal.

Cachaço, mais voluntário do que nunca, retrucava:

– Vai regular tua pica, Tavião. Eu já tô fodido mesmo. Vou pelo menos comer o que gosto!

A peleja durou pelo menos uma semana, até que o seu Bauer não aguentou e contou o que estava acontecendo.

Foi aí que o voluntário Cachaço ficou macho:

– Vou foder com todo mundo!

* História adaptada do livro *Amigo É Coisa pra Se Guardar...*

Tentou vários meios, sem sucesso. Já estava meio desiludido quando, um dia, um balconista na Farmácia do Povo, da Governador, sugeriu o infalível Guttalax, também um laxante potente, incolor, inodoro e misturável até com água, suco, leite ou qualquer outra coisa que aparecesse.

A partir daí tudo era "trabalhado", como ficou conhecido o método de colocar Guttalax no que os outros iriam comer ou beber. Chegou-se ao requinte de injetar o remédio com seringa dentro do saquinho de leite fechado.

A vingança foi maligna. Até os pentelhos de outras repúblicas que vinham assistir jogo de futebol na nossa televisão e tomar o nosso leite não voltaram mais.

Não escapou um!

ENGANADOS EM UMA CIDADEZINHA CHILENA

José Luiz Sammarco Palma (Zé Butão)

Fizemos viagem ao Chile e à Argentina com alguns colegas da Turma de 1974. É na cidade de San Fernando, no sul do Chile, em 2014, província de Colchagua, que se passa o ocorrido.

Viajantes os seguintes colegas Capivara, Esther, Mococão, Petrônio, Otavio, Fochi, Chão e eu; e as esposas: Regina, Eliana, Eugênia, Celina, Gracinha...

Após termos nos instalado no hotel, fomos até o centro da hospitaleira cidade, onde nos deliciávamos com as brincadeiras do grupo, tomando bons vinhos e apreciando as belezas e a arquitetura do local.

De repente o Fochi se alarma e grita:

– Fui roubado, fui roubado!

– Quê?! – todos perguntaram. – Como? Onde?

O Fochi era companheiro de quarto no hotel do Capivara e, quase chorando, dramatizando, explicou:

– Deixei todo o meu dinheiro em cima da cama, no quarto do hotel. Estou ferrado. Como pude fazer uma coisa dessas? Quando voltarmos, não encontrarei mais nada. Vou ter de voltar para o Brasil e nem tenho dinheiro da volta, não sei o que vou fazer...

Então o Capivara se adiantou e disse:

– Não, Focão. Vamos voltar ao hotel e dar uma busca geral naqueles ladrões argentinos sem vergonha (estávamos no Chile), podemos até chamar a polícia se eles não devolverem. Vamos lá agora!

E, sem deixar dúvida nenhuma para ninguém, partiram rapidamente para o hotel.

O relato que faço foi contado pelo Kapi. Chegando lá, nada encontraram em cima da cama. Então o Fochi se sentou na cama, desolado, sem saber o que fazer.

Inesperadamente, batendo as mãos nos bolsos de baixo da calça modelo cargo, exclamou:

– Kapi, o que é isso aqui?

O Kapi, sabendo da distração do colega, foi logo conferir. Disse:

– Ficamos milionários, Focão! Aqui está a nossa fortuna...

O Fochi, tremendo, deitou-se na cama dando graças a Deus, ao que o amigo, na batata, exclamou:

– Mas você antes não acreditava em Deus...

Estava salva a lavoura e o dinheiro, recuperado.

Satisfeitos, concordaram em voltar logo ao prazeroso convívio dos amigos, no centro daquela pitoresca cidade, para relatar a distração acontecida. E dar boas risadas.

O hotel situava-se na periferia. Para o retorno ao centro da cidade, combinaram de ir no "pé dois", isto é, a pé. E logo se posicionaram para tal. No final da alameda de acesso ao hotel,

que tinha uns bons trezentos metros, a estrada se dividia perpendicularmente, e os colegas tomaram à esquerda e seguiram firmes na caminhada.

Após algum tempo, notando que estavam demorando muito, o Kapi reclamou.

– Focão, seria esta mesmo a estrada?

Ao que o Fochi respondeu:

– Confia em mim.

O Capivara ficou quieto, mas depois de trinta minutos não aguentou e pediu auxílio a uma caminhonete velha que transitava por ali. O condutor, muito educado, disse que a direção correta era no sentido contrário.

Furioso, o Capi pediu carona para a volta e exigiu que o Fochi fosse na carroceria.

E assim eles chegaram ao centro da cidade de volta. Ao reencontrar os amigos, o Kapi, com o seu humor muito peculiar, contava e dramatizava o ocorrido sobre o "aguçado sentido de localização" do Fochi.

– Dizia "direção": e apontava para a direita. Dizia "sentido": e apontava para a esquerda; direção à esquerda, sentido à direita.

E repetia as frases, gesticulava e ria. E todos riam muito, rindo até das próprias risadas.

E o Fochi, morrendo de vergonha, vermelho como um pimentão, mudo, não falava nada, só se retorcia... Foi muito divertido.

EXPLOSÃO DE METANO NO VARANDÃO

José Lemos Monteiro (Zeíto)

Não me lembro, talvez uma quinta ou sexta-feira. O professor era o distintíssimo Catani. Usando seu terno impecável de caxemira inglesa, percebe o aluno Eduardo Santiago (o Xexê) de mãos levantadas. Eram 17h45, fim da aula, e o professor Catani falou:

– Eu sei, Santiago, o que você vai perguntar. Para terminar nossa aula de química orgânica de hoje, respondo: sim, Santiago, "peido" tem gás metano sim, Santiago! E, sabiamente, para evitar mais comentários, decretou: "Estão dispensados por hoje".

Foi um alvoroço total na turma. Com muito falatório saímos comportadamente do laboratório. Chegamos tarde na república Varandão. A Stela, nossa fiel colaboradora, serviu o jantar, por sinal muito gostoso, retirou a mesa e foi embora.

Eu fui para a varanda com as ferramentas para continuar a construção do girocóptero Bensen. Santiago nos chamou e nos reuniu. Sete ou oito colegas em torno da mesa para conferir o que o professor Catani falou, porque ele estava duvidando. Disse:

– Apaguem as luzes, arrumem um isqueiro.

Em seguida, tirou a calça, depois a cueca Zorba, subiu na mesa e apontou o bundão para o teto.

– Zeíto, acende o isqueiro que vou mandar o rojão.

Muito sem jeito com a cena inusitada, eu acendia e sem querer o isqueiro apagava. O "vento" saía dos fundilhos do Santiago e nada!

Foram quatro ou cinco tentativas, mas tive sucesso na última e pudemos presenciar uma chama de cor azul de quase dois palmos de altura. A chama foi diminuindo e passando para amarelo, diminuindo até queimar a pilosidade loira do "toba" do Santiago.

Atrapalhado, com a mão ocupada segurando o isqueiro, peguei um guardanapo com a outra mão e joguei no traseiro do Santiago, que gritava:

– Apaga, apaga!

O cheiro de cabelo queimado, igual ao de chifre de boi queimando, invadiu a sala. Foi um espanto geral, misturado com o sentimento de dó do Santiago e risos e gargalhadas incontroláveis de todas as testemunhas do incêndio. Procuramos uma pomada e o Santiago gritava:

– Nem pomada, nem vaselina! Ninguém passa mão em mim!

Aí alguém falou: "Não é que o professor Catani sabe mesmo das coisas?".

Vestindo cuidadosamente as roupas, o Santiago ainda falou que o traseiro estava ardendo. Com jeito, o ajudamos a descer da mesa, segurando e disfarçando os risos.

Cada um foi para seu quarto. Ele aparentava estar bravo. Eu e o Zé Mário discretamente abafamos nossas risadas com os respectivos travesseiros.

No dia seguinte, a Stela e sua amiga Gorete serviram o café da manhã. Não me lembro se fomos para a aula ou se fui para a fazenda. Sei que só encontrei o Santiago na segunda-feira depois do fim de semana. Ele estava tosquiado, mas bem.

FICÇÃO : CONTATOS BICCATES DE TERCEIRO GRAU

GUIDÃO e as MARCIANAS

Pleno inverno, três horas da madruga. Nas ruas, a neblina tudo esconde. Não dava pra identificar porra nenhuma.

No castelo inatingível da KUKUMKÁ, debruçados sobre um baralho, alguns gatos pingados tomavam cachaça. Num rompante a porte se abre. Quem entra? Um OVNI, o superomem, o abominável homem das neves? NÃO! NÃO! ... É o Guido, o fantástico carniceiro. A seu lado uma coisa estranha. De susto o Lucifé (que às vezes consegue assustar a si próprio no espelho) descartou um curinga.

Os gatos pingados beliscaram-se, constataram que ainda não estavam bêbados e, timidamente, ergueram os olhos rumo ao estranho objeto, metade mulher, metade sombra de ray-ban de rodoviária.

Pequena descrição: 1,80 m de altura, ampla, geral e irrestrita cicatriz no rosto, a boca repuxada prum canto sorrindo na nuca, uma orelha mais alta que a outra, os dedos do tamanho de uma fila do ienepeêsse e, depressa imaginamos, um buraco entre as pernas. E olhava pro cara e dizia "benzinho"... E o Guido não resistiu, foi pro quarto. A gente ainda abobalhada, como se o Mando tivesse pago toda a conta no Zueira, foi logo tratando de buraquear.

E a "diva" tirou a roupa. Cruz credo urubu se arrepia só de lembrar! Guidão respirou fundo, endureceu o quadrante norte, bateu uma pro santo e partiu feito furacão pra cima da danada.

Tamanha disposição despertou a múmia. E aí foi pena pra todo lado, um curto circuíto inter-galáxico. E ao receber o cilindríco (até que enfim 13 pontos na loteca) a diva endoideceu de vez. As orelhas batian palma, os três dentes restantes rangian, as pernas giraram 3609 num balé em 3ª dimensão (dá pra sacar a coreografia?), o branco dos olhos arroxeou, a cicatriz sorriu e ela, qual pelé, socava o ar grunhindo:

Resultado: o rapaz ficou 3 dias em transe, 220 volts na antena, caminhando à noite pela rua São João a dizer, aos gritos: Vou pra Marte! Quero ir pra Marte!! Volta, Marciaaana !.

Texto de Ivan Wedekin na edição extra do *Jornal da Kukumká* em 1979, na comemoração do primeiro quinquênio da T-74

MACROECONOMIA*

Dante Villardi (Sabiá)

No segundo ano da Escola, duro de grana, o Xico Arara, já com ares de deputado, perguntou:
– Como é, Sabiá? Vamos fazer o curso de macroeconomia?
Resposta seca:
– Eu faço economia todos os dias e você ainda quer que eu faça macro?!

O PARDAL DA BATERIA

Lineu Amaro Rodrigues (Pardal)

No início das aulas do primeiro ano, no restaurante da Escola, tive a sorte e o prazer de conhecer o grande e saudoso amigo Gê, o mais baiano dos paulistas. Sentados à mesma mesa, não demorou para falarmos sobre música, e daí começou nossa amizade e parceria para os futuros eventos musicais de nossa turma. Turma essa que fez muita diferença e que com certeza é referência até hoje devido a seus talentos musicais e alegria contagiante.

Mas por que Pardal?

Quando decidi fazer agronomia, mudei-me para Piracicaba ainda no terceiro colegial (terceiro ano do científico na época) e fui estudar na Escola Jeronymo Gallo Monsenhor. Lá, além de outras figuras, conheci o Mococão. Na época eu usava óculos de aros redondos estilo John Lennon, mas que também se pareciam com os óculos do Professor Pardal, personagem do Walt Disney. Então, o Mococão começou a me chamar de Professor Pardal, e acabou ficando Pardal.

E quanto ao outro Pardal da nossa turma, o Paulo Bardauil?

Diz a lenda que um dia, passando pela praça em frente à Casa do Estudante, o Gê e o Paulão Careca viram o Paulo Bardauil e o confundiram comigo, provavelmente devido à semelhança da escultura de nossa pirâmide nasal. A do Paulo pela ascendência árabe, a minha pela italiana.

Como acreditaram que se tratava da minha pessoa, o Gê, que já sabia que eu tocava bateria, insistiu para que o Bardauil fosse à Rua do Porto para participar de uma seresta.

Lá chegando, o Paulo só sabia tocar ritmo de fanfarra. Quase o jogaram no rio Piracicaba.

Assim, ficou também o Paulo com o apelido de Pardal. Para sermos distinguidos, coube a mim o apelido de "Pardal da Bateria", sendo o Paulo o "Pardal do Inglês", já que à noite ele dava aulas do idioma na Casa do Estudante.

Nunca descobri se essa história era verdadeira, mas foi o que restou na minha memória.

Daí para a frente, fizemos muitos shows, muitas rodas de samba e até recebemos convite para tocar em outra cidade com nosso fantástico grupo musical.

Depois de formado, com tantas mudanças de endereço e morando em apartamentos, não tinha mais como carregar a bateria, que com muito sacrifício comprei aos 16 anos. Por isso, queria doá-la para alguém que pudesse fazer sentido para mim.

Assim, consegui contato com o filho do maestro João Carlos Martins. Na época ele era responsável pela Fundação Bachiana, que busca membros em todas as classes sociais, em especial em pequenas cidades e bairros das grandes capitais, para divulgar, valorizar e democratizar a música clássica.

* História adaptada do livro *Amigo É Coisa pra Se Guardar...*

Fui então com minha esposa a um ensaio da Orquestra Bachiana Filarmônica, no qual tive o privilégio de conhecer e conversar com o maestro. Doei a bateria e ganhei dele um livro autografado sobre sua vida e carreira.

Mais de cinco décadas depois, fica a certeza de ter vivido na Esalq grandes momentos da minha vida, estudando, crescendo e fazendo belas e eternas amizades apesar das distâncias de hoje.

A PARTIDA DE TRUCO QUE NUNCA TERMINOU

Ivan Wedekin, com a parceria de Gilmar Roberto Maciel (Preto)

Os jogos de baralho sempre fizeram parte da vida do interior brasileiro e de tantos países. Aprendi a jogar bisca e escopa de 15 com meus avós quando cursava o ginásio em Buritama (SP). Meu pai e eu tivemos disputas ferrenhas por toda a vida. Ensinei esses jogos a meus filhos, neta e outras pessoas.

Foi na cacheta e no truco que tive as grandes disputas na Esalq e na família. Notabilizei-me por ser o organizador das "assembleias de cacheta" da Kukumká, cuidando da convocação dos jogadores, do controle dos pontos e até fazendo atas e registros dos melhores momentos do carteado, principalmente as gafes. Nas tardes de sábado, lá estavam Celso Gemente, Eduardo Santiago, Lagarto, Petrônio, Zé Mário, Zezo Camolesi e muitos outros.

Certa feita, jogamos por catorze horas seguidas. O Lagarto sempre comenta a madrugada em que eu perdia bastante grana. Eu estava um pouco sem condição de controlar as cartas por excesso de cachaça. Mas, mesmo "pra lá de Bagdá", de repente jogava as cartas na mesa e dizia "bati": iam conferir e eu tinha batido mesmo. O Lagarto não se conforma até hoje... No Rio de Janeiro, Zé Mário e eu jogamos muito: depois de tanto perder, ele não achou o rumo até hoje...

Intertruco-72: a vitória que não cala através dos tempos

Gilmar e eu estávamos entre os alunos mais novos da Turma de 1974. Ficamos sabendo que a Associação Atlética Acadêmica Luiz de Queiroz (AAALQ) estava organizando um torneio de truco entre as repúblicas. Resolvemos participar. Nos treinos e na disputa, sempre procuramos saber o que o parceiro tinha nas mãos e, através dos nossos sinais, resolvíamos se aceitávamos ou não as chamadas de truco dos adversários.

Dezenas de duplas se engalfinhavam no Ginásio da Agronomia. Fomos eliminando os adversários, sempre jogando com tranquilidade. Quando percebemos, já estávamos nas semifinais e iríamos enfrentar uma dupla superdifícil e muito bem-preparada que jogava junto havia muito tempo. Lagarto e Açougueiro eram mais velhos, traquejados, cascateiros e tão "falsos" como bons jogadores de truco.

Chegaram muito confiantes, certos de que derrotariam os meninos da Kukumká. De nada adiantaram os decibéis desenfreados e os preparos deles nas cartas ("fazendo maços"), porque os nossos cortes foram muito bem-feitos e não raro as cartas que deveriam ser deles vinham para nós.

Ganhamos de 2x1, de virada. Foi um nocaute psicológico. Inconformado, o Lagarto subiu na mesa, pulou, sapateou e a quebrou.

2º Lugar Truco | Inter Truco-72 | AAALQ-CR-72

Fomos para a final contra o Kapi e o Baiano, bons jogadores e mais experientes. Felizmente, o bafejo da sorte não esteve do nosso lado. Perdemos para o grande amigo Darwin, o Capivara. Quanta saudade!

Meus amigos, a história não terminou. O Açougueiro e o Lagarto, sempre bem-humorados, não se conformam até hoje. É um fingimento, por certo, pois eles reconhecem no íntimo a magnífica derrota, como testemunharam muitos colegas da T-74.

Décadas depois, em uma reunião na fazenda do Otavio, fizeram o que chamam de "a revanche". O Gilmar não estava presente e o Petrônio foi meu parceiro. Eles ganharam, e o Açougueiro pulou de bunda e quebrou a mesa do Otavio. Ele diz que tem assinada uma carta em que eu declaro que ele e o Lagarto são os grandes campeões.

Eu pergunto: cadê a tal carta? Você tem foto? Tem áudio, tem vídeo? Mas na verdade Gilmar e eu é que temos a medalha de segundo lugar no Inter Truco-72.

Quem sabe um dia possamos fazer de fato a revanche da partida de truco que nunca terminou entre quatro grandes amigos que se divertem muito com essa história...

Petrônio embaralha as cartas, Ivan coça a cabeça enquanto Lagarto e Açougueiro contam vantagens...

A PEÇA FUNDAMENTAL*

José Mário da Rocha Frota (Pacote)

O mestre Spallini se dirigiu à classe e explicou como seria a aula prática de inseminação artificial. Deveríamos escolher dentre nós um abnegado que, na hora certa, iria introduzir a verga do touro na vagina artificial, uma garrafa térmica sem o elemento termo e sem fundo, com uma borracha adaptada no fundo para ser completada com água morna. A borracha era envolvida por um plástico que conduziria o líquido coletado até um frasco *Erlenmeyer* também acoplado ao que era uma garrafa de café.

Disse o professor Spallini, com seu característico sotaque:

– Quem forrr servirrr de voluntário tem que serrr bem rápido para se agachar ao lado do touro e imediatamente atrás da vaca, pois na hora que o touro lançar a peça fundamental será preciso pegá-la com a mão esquerda simultaneamente à garrafa na mão direita, numa sincronia perfeita e, com muita delicadeza , acoplar-se-ão os frutos que se encontrarão nesse momento nas mãos do voluntário.

Dessa forma nos dirigimos ao curral. Na dúvida todos se entreolhavam para ver quem iria para o sacrifício. Depois de quase ter desistido, o mestre bradou:

– Ainda bem, Fochi! Você, que sempre se mostra um aluno aplicado, interessado em aprender, demonstra mais uma vez ser um abnegado dentre seus colegas.

Só se ouviam brados de alegria e gritos de felicidade:

– Vai Mokô, dá-lhe Mocorongo!

* História adaptada do livro *Amigo É Coisa pra Se Guardar...*

E o mestre explicou os detalhes que deveriam ser observados. Só que o Mocorongo pouco ligou, queria apenas ter cuidado para não tomar um coice do chifrudo.

O touro foi posicionado e atiçado. A vaca já estava aguardando. Fochi também tomou posição.

Então o Spallini falou:

– É agora, Fochi!

O Mocorongo se preparou. O touro se levantou e soltou a verga. Nesse momento o Mocorongo, mais que rápido, pegou com sofreguidão aquela glande comprida e afilada com o cuidado que lhe haviam recomendado.

Só que, como o velho Mokô não sabia fazer duas coisas ao mesmo tempo, não conseguia colocar a verga na garrafa térmica.

Por alguns instantes, as tentativas tornaram-se rítmicas, em um levar para frente e para trás com a constância do balançar das folhas das palmeiras com o vento forte: de lá para cá, de cá para lá...

Com sinais de um leve aumento na velocidade das tentativas, bem alto ecoou a voz endereçada:

– Pare, Fochi! Pare, que desse jeito você está punhetando o touro!

Por que o saudoso mestre foi dizer aquilo? Foi só risada! De um lado, o pobre do Mokô, sem jeito, largou tudo e, do outro, quando pudemos olhar direito, o Zé Butão rolava no meio da bosta de tanto rir.

Bons tempos!

PELADOS EM LONDRES*

Pedro Roberto Marini (Lagarto)

Na viagem para a Europa, fomos passar o réveillon em uma danceteria londrina. Após ter ingerido uma "pequena" dose de bebida alcoólica, fiquei meio atrevidinho e resolvi convidar uma gringa para dançar.

Ela estava em outra mesa, com um casal. Como eu nada entendia em inglês, o rapaz, um italiano que acompanhava as moças, foi nosso intérprete.

Ele disse que a moça que eu havia convidado para dançar só aceitaria meu convite se fosse para dançar sem roupa na piscina que servia de decoração do ambiente e que ficava praticamente no centro da danceteria. Segundo ele, se eu fosse para a piscina, a moça também iria.

Topei. Tiramos a roupa e entramos. Nisso, os senhores NPK e Maritaca Sam, elevados no teor alcoólico, resolveram me acompanhar na empreitada. Maritaca Sam portava uma linda ceroula, daquelas compridas, provavelmente modelo Luís XV, que fez enorme sucesso entre os ingleses.

Então a Mara (esposa do Sílvio Pilungo) gritou que havia brasileiros nus na piscina. Imaginem o rebuliço.

A gerência da danceteria mandou servir champanhe para os artistas e assim ficamos por breves quinze minutos.

Só demos conta do tamanho do vexame no outro dia, quando já era tarde.

* História adaptada do livro *Amigo É Coisa pra Se Guardar...*

A PERSEGUIÇÃO DO FOCHI AO ZÉ MÁRIO COM UMA JIBOIA

José Juarez Pereira de Faria (Pinguim)

Estávamos na aula de zootecnia do professor Adiel, no primeiro semestre do curso de engenharia agronômica na Esalq em 1971. O professor ensinava sobre cobras venenosas e não venenosas, seus hábitos e comportamentos. Algumas diferenças entre elas: a não venenosa tem pele lisa e a venenosa tem a pele áspera, escamosa.

Nossa turma de 25 alunos era conhecida como a turma do "Zé" e do "João". A maioria tinha nomes começados com "J".

O professor anunciou que iria iniciar a aula prática. Mostrou duas caixas com jiboias e cascavéis. Pegou um gancho laçador de cobras e pediu que todos se aproximassem para ver. Assim o fizemos, mas ele queria que nos aproximássemos ainda mais. Alguns até subiram na mesa do laboratório, onde estavam as lupas. Fomos nos aproximando e fizemos um círculo em volta do mestre. Ele disse:

– Agora vocês prestem atenção. Eu vou laçar uma cascavel. Vocês passem a tira de couro do laçador atrás da cabeça, apertem e puxem.

Nesse momento, ele reforçou o pedido para saber se estávamos prestando muita atenção. Respondemos que sim. Então ele jogou a cobra em cima da turma. Foi correria só e gritaria só. Durante o tumulto, o Fochi foi até as caixas, pegou uma jiboia e ela enrolou-se em seu braço. Então ele segurou a cobra por trás da cabeça partiu em direção ao Zé Mário (Pacote), que tinha muito medo.

Vendo que o Fochi se aproximava, o Zé saiu correndo em direção à porta da sala, que estava com uma parte fechada. O Pacote bateu na porta com os ombros, que eram muito largos, e derrubou o professor Lordello, que estava entrando. E fugiu e não mais retornou à sala naquele dia.

Alguém ajudou o professor a se levantar. O Fochi voltou para guardar a cobra na caixa, mas o tumulto só aumentou e a aula foi encerrada.

POR QUE JAMES JOYCE?

Maria Teodora de Barros Oliveira

Perdoe-me, senhor Ivan Wedekin, se retomo meu escrito citando-o, vez que, depois de ler meu CV, solicitou-me escrever uma página sobre o escritor irlandês James Joyce. Muito se escreveu sobre ele na virada do século passado para este. Inclusive fiz aqui em Recife o lançamento da transcriação de *Finnegans Wake*, sua obra final e enigmática.

Mas por que Joyce? Fui representante da Casa de Cultura Guimarães Rosa, de Porto Alegre, aqui em Recife, uma instituição de psicanálise e cultura. Com ela me convenci da importância do estudo de James Joyce e assim fizemos, no Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise.

Mas por que Joyce? Por que os psicanalistas se interessaram por estudar seus escritos? Ainda não respondi. Tenho alguns textos publicados na internet, caso queira se aprofundar. Mas vamos lá.

Freud insistiu na exigência primordial da qualificação literária para a formação dos analistas. Dizia que os poetas e escritores chegam primeiro aonde o psicanalista chega com o seu trabalho. Refiro-me aqui, rapidamente, ao belíssimo texto sobre a *Gradiva*, de Wilhelm Jensen, escrito por Freud, mas rememoro que buscou na literatura, na tragédia grega de Sófocles, sua referência ao falar do Édipo, para trazer sua tese do romance familiar. Jacques Lacan, psicanalista

francês, leitor de Freud, no seminário sobre o desejo e sua interpretação, refere-se a *Hamlet* para falar do fantasma do pai morto.

O psicanalista trabalha com a palavra, ele recebe da fala seu material de trabalho. Nós temos na clínica uma narrativa que se impõe ao sujeito, seja por significações, seja por pura literalidade. Ela deve ser ouvida ao pé da letra, pelo que carrega de não simbolizado, isto é, de Real, uma das dimensões da fala.

Freud nos ensinou a ler sintomas, sonhos, atos falhos, chistes, como se decifra uma mensagem cifrada, um rébus. O sinal deve ser decifrado como vindo em lugar de um outro sinal, que se torna assim apreensível em virtude de um processo de transferência ou de transposição, sinal por sinal, letra por letra. Esse é o trabalho do inconsciente em suas formações.

Por isso, Lacan privilegiou a literatura em que os autores criaram na língua, subvertendo-a, visando assim apontar para o Real (não o real de realidade, mas o desconhecido do discurso) que a palavra carrega, não privilegiando a dimensão imaginária do sentido no enunciado, que é uma dimensão especular.

Aí o encontro com James Joyce. Por quê? O que fez Joyce, a partir de *Ulisses*, e mais radicalmente em sua última obra, *Finnegans Wake*? Para além da beleza de sua escrita, de sua jocosidade, irreverência, alegria que seu próprio nome já aponta – *joy* –, o que interessa aos psicanalistas em seus escritos?

Em Joyce – leiam *Finnegans Wake* – os significantes se embutem, se engavetam e por esse fato se produz algo que, como significado, pode parecer enigmático, mas que é o mais próximo daquilo que nós, analistas, graças ao discurso analítico, temos de ler: o lapso.

Lacan foi ilustrando os equívocos fônicos que são produzidos na fala, caminho pelo qual o inconsciente se mostra, em uma situação de análise, sendo a sua Verdade, verdade do sujeito falante, do seu desejo, verdade que vem a contragosto do sujeito, produzindo situações desconfortáveis.

Joyce escreveu frases em que o equívoco fônico estava presente, como por exemplo: *Who ails tongue coddeau, space of dumbillsilly*? – que seria percebida, na frase direta francesa, como *Où est ton cadeau, espèce d'imbécile*? (Onde está seu presente, espécie de imbecil?).

Um outro exemplo que mostra o jogo com as letras em Joyce, já referido por mim em outro escrito, e que foi motivo de júbilo, fruto descoberto em nossa leitura conjunta no grupo de *Ulisses*:

Madam, I'm Adam. And Able was I ere saw Elba. (Madame, eu sou Adão. E Abel era [estava] onde eu via Elba.)

A partir de jogos homofônicos podemos ter as possibilidades:

Madam, I'm Adam. (Madame, eu sou Adão.) *Mad am'I Adam*? (Louco, eu sou Adão?) *Madam, I'm a dam.* (Madame, eu sou uma mulher.)

Além de ser um palíndromo - frase ou palavra que se pode ler, indiferentemente, da esquerda para direita ou vice-versa, como *madam* -, destacam-se as várias possibilidades de enunciação que trazem esse enunciado.

E assim, aqui, espero ter respondido, mesmo que parcialmente, qual foi o meu interesse no estudo complexo de James Joyce.

A PRÁTICA E A CIÊNCIA DO PROFESSOR LORDELLO

Paulo Espíndola Trani

O professor Luiz G. E. Lordello, uma referência mundial no estudo de nematoides, era também um excelente mestre, que transmitia, além de seu notável conhecimento, o carinho pela zoologia, sendo o titular da equipe que ministrava a disciplina zoologia geral no primeiro semestre de 1971.

Na primeira prova, além das questões sobre as aulas anteriores, os alunos foram surpreendidos com duas questões práticas. A primeira delas a maioria acertou. Era a seguinte: por que determinadas espécies de mato (plantas daninhas) apareciam em determinadas hortas sem que ocorressem em outras hortas ou lavouras próximas?

A resposta, cuidadosamente apresentada pelo paciente e didático Lordello, era que os passarinhos se serviam de sementes e estas, após passarem pelos intestinos das aves, favorecendo a retirada da mucilagem, eram depositadas pelas fezes em novos locais, muitas vezes bem distantes do local de origem. Os pássaros voam mais longe do que pensava muita gente, assim enfatizava o mestre.

Quanto à segunda questão, ninguém acertou a resposta. Queria a explicação para a lenda que existia em muitas regiões do estado de São Paulo e do Brasil, em que se acreditava (e ainda se acredita!) que as cobras hipnotizam os pássaros antes de devorá-los. Os caboclos que tinham assistido a essas cenas argumentavam ter visto pássaros avançarem sobre cobras que estavam em galhos das árvores.

O professor Lordello, divertindo-se com os olhares surpresos dos alunos, esclareceu que os pássaros fêmeas estavam em fase de chocar ovos em ninhos bem escondidos aos olhos das pessoas. Aí as "passarinhas", no instinto da preservação da espécie, além do amor materno e da defesa dos ovos ou crias, avançavam sobre a cobra. Além disso, por não possuírem pálpebras, as cobras dão a impressão de possuir um "poder hipnotizante".

O professor Lordello mostrou a importância em se aliar a prática com a ciência para a futura formação de bons profissionais da agronomia.

O QUE FOI FEITO DE NÓS

Esther Guimarães Cardoso

Cinquenta anos se passaram e o que foi feito de nós? Muita coisa boa, com certeza. A alma do engenheiro agrônomo é sempre boa e do bem, pois ele sabe ler a natureza e aprende com ela a passar pelos períodos de seca e de grandes chuvas, receber raios e escutar trovões e permanecer na vida florindo sempre.

Flores demos todos, uns se tornaram grandes empresários do agronegócio, outros pesquisadores científicos impulsionadores da agricultura e pecuária nacionais, outros, ainda, produtores rurais em pequena ou grande escala, alimentando o povo brasileiro. Alguns enveredaram pela economia, estudos, bolsa de mercadorias, analistas de crédito. Professores foram vários, acadêmicos e extensionistas, garantindo a continuidade e melhoria da agropecuária brasileira, hoje um exemplo no mundo tropical.

A literatura agrícola das últimas décadas atesta quão profícua foi a Turma de 1974. Somos vários escritores, editores e articulistas. Temos políticos também, assessores ministeriais, secretários, deputados e prefeitos.

Essa diversidade que hoje se mostra já foi um grupo quase homogêneo de agricolões vindo de várias partes de São Paulo, de outros estados e até do estrangeiro. O compromisso maior era aprender, tomar cerveja na Rua do Porto e jogar truco. A participação política era até camuflada, haja vista termos vivido no período do governo militar.

Passados estes cinquenta anos, a manifestação política é escancarada e as ideologias, que não são mais as da cerveja e do truco, dividiram a turma em blocos. Os de lá e os de cá, mas nosso passado ainda nos une.

Parabéns, colegas da T-74! Jubileu de Ouro é um presente de Deus em nossas vidas.

QUEM COCHICHA O RABO ESPICHA*

José Djair Vendramim

O ano era 1972. Estávamos numa quarta ou quinta-feira à noite em um grupo de cerca de cem alunos fazendo prova de edafologia no anfiteatro do prédio de Engenharia com o professor Kiehl.

Um calor insuportável, todos loucos para terminar logo a prova para ir tomar cerveja e jogar sinuca ou pebolim no Centro Acadêmico Luiz de Queiroz (Calq). Entretanto, apesar de ser do tipo teste, a prova não estava tão fácil como a maioria esperava.

Então começou-se a ouvir alguns murmúrios com o objetivo de "troca de informações" sobre as questões. Havia um certo nervosismo, o que fez aumentar a intensidade dos murmúrios. O professor Kiehl percebeu, mas não conseguia identificar a fonte dos ruídos, certamente porque vinham de todas as direções.

Então, ingenuamente, disse em alto e bom som:

– Quem cochicha o rabo espicha!

Alguns começaram a rir, o que permitiu uma rápida troca de informações. O professor, ouvindo, repetiu a frase.

Percebendo uma forma de tirar proveito da situação, muitos começaram a rir muito alto e assim continuaram por quase cinco minutos. Durante esse tempo, em vários pontos do anfiteatro muitas frases eram ouvidas em volume razoável aproveitando a confusão:

– Ocê sabe a 15? E a 12? Na 22 eu coloquei B, e ocê? Na 7 estou em dúvida entre B, C e E. Não tenho a mínima ideia da 9... Nem eu... Então vai no chute!

A situação se acalmou apenas por um tempo, e mais tarde a cena se repetiu por duas ou três vezes. Enfim pudemos ir ao Calq, felizes e certos do dever cumprido.

REMÉDIO PARA A MEMÓRIA*

Petrônio Pereira Lima (Bidê, Sinfrônio)

O Mocorongo (Fochi) estava muito estressado em 1972, sofrendo com uma permanente falta de memória. Saía na rua de cueca, esquecia material escolar na república, esquecia o carro – um Corcel II azul – na Escola etc.

Em julho daquele ano fomos passar uns dias em São José do Rio Preto e Tanabi.

Descobrimos através do irmão do Preto (Gilmar), que na época era estudante de medicina em Ribeirão Preto, que existiam técnicas para melhorar a memória. Ele nos recomendou um livro que ensinava as tais técnicas de memorização. Compramos o dito-cujo e demos de presente ao Mokô.

O final da história vocês já podem imaginar... O Fochi esqueceu o livro dentro da mala, na casa de seus pais em Rio Preto...

Nota dos organizadores do livro em nome de muitos colegas: a "doença da memória" do Fochi continua a piorar...

* Histórias adaptadas do livro *Amigo É Coisa pra Se Guardar...*

SAÍDA DE FININHO*

Paulo Espíndola Trani

Quando, para variar, o Biscatão chegou atrasado na aula de inseminação artificial, o professor Spallini estava com a mão enterrada na vaca. Mostrava aos alunos que havia "áreas" na vagina do animal onde não deveria ser aplicado o sêmen.

O Biscatão, no entanto, não havia escutado essa parte da aula. Assim que entrou, ouviu o mestre dizendo:

– Passa a primeira... passa a segunda...

Na realidade, ele se referia às tais "áreas" onde não deveria ser colocado o sêmen. Nosso colega, porém, quis dar uma de entendido e mostrar que seu atraso não o prejudicara, pois inseminação já era um assunto por demais conhecido.

– É... – disse o Biscatão com ares de doutor – São as pregas, professor?

Ao que rapidamente o mestre respondeu:

– Não, Pedro Bó! Estou trocando as marchas da vaca!

A saída de fininho foi o que restou ao Biscatão.

TE LEVO PARA RIO CLARO**

Ivan Wedekin

Já era 1974. Zé Butão, desde 1971, inventava mil enredos para que uma jovem pouco adepta aos padrões morais da TFP (Tradição, Família e Propriedade) concordasse em ler jornal (sempre da semana anterior) consigo no quarto. E, sei lá, segundo alguns historiadores da época, a coisa não estava fácil.

Inclusive o Lucifé (apelido do cacique Pedra Empinada, da tribo Xavante, de Altinópolis) já havia dado uma leve "amaciada" na garota: três ou quatro sopapinhos capazes de, feito Tupã, transformar vinho em batida de limão.

Certa noite, novamente debruçados sobre um baralho, alguns gatos-pingados tomavam cachaça. E o Zé Butão, lá no quarto, recitava à infiel o monólogo "Vida e Morte de uma Saracura Virgem", de sua autoria, é claro. Nesse meio-tempo, o Kuruka, em autêntica pose barroca, de tão excitado, já havia semeado o banheiro três ou quatro vezes.

Vai daí que o Kodhai – porta-bandeira dos buraqueadores – ergueu a voz: "Exijo meus direitos!". E lá se foi para a fechadura... E a gente, ansioso, só fez seguir o exemplo do líder.

De lápis na mão, o enviado especial do *Jornal da Kukumká* anotou a seguinte confabulação pré-copulesca:

Ele – Cara donzela, permita-me despi-la desse sacrossanto manto diáfano que como véu cobre seu corpo de deusa...

Ela – Não! Sô virge e depois ocê num casa com eu...

Ele – Insisto, conceda-me a vênia de alçá-la ao apogeu do prazer, pois meu sangue ferve por você.

Ela – Não, faz muita cócega...

Ele – Meus lábios almejam tocar o mais recôndito esconderijo dos sonhos que permeiam tuas pernas.

---

* História adaptada do livro *Amigo É Coisa pra Se Guardar...*

** Texto publicado no *Jornal da Kukumká*, edição especial de 1979 para comemorar os cinco anos de formatura.

Ela – Nem o dedo mindim...

Ele – Deixa, só um pouquinho... Eu te levo pra Santos... São Carlos... África do Sul... Te levo para Rio Claro, deixa?...

Ela – Não, não... tenho vertige...

Com a negativa, o Zé, nervoso, fechou o manual do Kama Sutra e, verdadeiramente alucinado, completou:

– Então deix'eu chupar tua bo...!

A ÚLTIMA LINGUIÇA*

José Mário da Rocha Frota (Pacote)

Naquele dia, terminada a visita à coudelaria do Exército, em Campinas (SP), fomos a um restaurante, se não me engano no Posto Garcia, ali na Rodovia Anhanguera.

Era servido um rodízio de churrasco, mas pelo adiantado da hora e pelo número de alunos não havia muita coisa para ser oferecida.

Mesmo assim, conseguimos um prato de linguiças requentadas. Não era suficiente para todos e, depois de ter sido oferecido primeiro para as moças, quase não sobrou nada para nós. Quando no prato restou uma única linguiça que havia sido desprezada por estar mais do que torrada, alguém falou:

– Faz de conta que alguém apagou a luz!

Nisso, se ouviu um berro enorme de dor profunda.

Pasmem! O Torrinha, rapaz santo e recatado, acostumado aos bons costumes da Sorbonne, rápido como o Roy Rogers ou Wyatt Earp, não teve dúvida: empunhando um garfo e mirando de longe o pedaço de porco picado com toicinho aos cubos, muita fécula de mandioca e muita água para dar liga, envolta em tripa plástica, requentada e muito além do ponto, tentou acertar a tal iguaria.

Só que o coitado do Marcelo Castro Cunha (Queixão, pelo amplo sorriso também conhecido como Belvo – cavalo que ao relinchar mostra dentes e gengiva) foi na mesma empreitada de mão desarmada. Ele nem precisava mirar, bastava aproveitar o instinto de "come quieto" dos mineiros.

Assim, chegou ao prato mais rápido que o garfo. Mas o ímpeto do colega recatado e educado na Sorbonne não pôde ser contido.

Daí o berro e uma inimizade que durou umas duas semanas!

VIAGEM À EUROPA*

Otavio de Almeida Prado Bauer

Aida à Europa foi muito boa e interessante e rendeu mais frutos que os planejados. Visitamos Inglaterra, França, Holanda, Dinamarca, Alemanha, Suíça, Áustria, Itália, Espanha e Portugal. A viagem era técnico-cultural. Por essa razão, fizemos várias visitas a empresas ligadas à área de defensivos, fertilizantes, institutos de pesquisa, propriedades agrícolas e laboratórios (ICI na Inglaterra, IAC na Holanda, Ciba-Geigy e La Roche na Suíça e outras empresas).

Embarcamos em Campinas, no aeroporto de Viracopos, no dia 28 de dezembro de 1973 e retornamos em 28 de fevereiro de 1974.

---

* Histórias adaptadas do livro *Amigo É Coisa pra Se Guardar...*

Foram dois meses de agradável convivência em que aprendemos muito e pudemos estar com um mestre muito especial, Valdomiro Bittencourt, sua esposa, dona Marlene, e mais trinta pessoas muito animadas: 24 membros da Turma de 1974, três colegas de outra turma e três agregados.

Os casos são muitos e inesquecíveis.

Nos mínimos detalhes

Estávamos fazendo uma visita técnica a uma empresa, onde a pessoa que nos recebia era muito formal e dava, em inglês, explicações de maneira por demais específicas.

O professor Valdomiro ia traduzindo. A sensação era de que estava demorando muito e de que aquilo não teria mais fim. Foi quando o professor, já com a paciência esgotada de tanto ouvir e traduzir, olhou para nós e no meio da explicação falou em bom português:

– Acho bom vocês pararem de fazer perguntas, se não esse gringo não para mais de falar.

Continuou a explicação como se nada tivesse acontecido. Em seguida, muito simpático e sorridente, olhou para o gringo e falou:

– Eles gostaram e aproveitaram muito as explicações que o senhor nos deu. Só temos a agradecer.

Fim da visita técnica. Partimos para os passeios livres.

Carnaval madrilenho

O professor Valdomiro era um craque para sair de situações embaraçosas. Outra dele que não esquecemos foi naquele dia no hotel, em Madri.

Era final de fevereiro, carnaval no Brasil e nós na Espanha em regime do general Franco. Não se podia fazer barulho depois das 22h, mas nosso grupo, muito animado, fazia seu carnaval no saguão do hotel.

Por diversas vezes o gerente chamou nossa atenção pedindo que fizéssemos silêncio. Coisa que logicamente não fizemos. Em determinado momento, em um tom sério e visivelmente alterado, o gerente ameaçou chamar a polícia.

Nessa hora o Vardo virou um leão e, enfrentando o gerente, falou:

– Nos meus meninos ninguém põe a mão!

Mas, com seu bom papo, logo conseguiu acalmar a situação. Então, chamando alguns de nós de lado, pediu que o acompanhássemos ao bar vizinho do hotel.

Lá, com a cara mais séria deste mundo, solicitou ao dono que lhe permitisse reunir um grupo de jovens brasileiros, estudantes educados, que gostariam de passar alguns bons momentos "cantando" valsas vienenses.

O dono concordou e chamamos todo o grupo, que já nos aguardava no hotel. Pouco tempo depois, ao olhar a cara do espanhol, sentimos o quanto ele estava arrependido por ter nos recebido em seu estabelecimento.

Sentido contrário

Coisa muito comum era o Cachorrão se perder do grupo.

Naquela noite, estávamos em um pub em Londres. Quando resolvemos ir embora, demos conta de que faltava o Cachorrão. Espera... procura... e nada.

Achamos que ele havia saído antes. Seguimos para a estação de metrô. Descemos duas ou três escadas rolantes e ficamos aguardando nosso trem.

De repente, na plataforma oposta, esperando para tomar o trem no sentido contrário, apareceu o Cachorrão com uma cara triste, com seu inseparável boné de tiras soltas para proteger as orelhas do frio. Tinha um ar de criança abandonada, perdida no mundo. Quando percebemos e chamamos seu nome, ele abriu o maior sorriso, pensando: "Estou salvo!"

Mais uma vez recuperamos o Cachorrão!

Cartão-postal

Devo confessar que sempre fui muito curioso. Mas como poderia deixar passar uma oportunidade como aquela?

O Zé Mário tinha escrito um cartão-postal e deixou-o na portaria do hotel para ser enviado a Pira. A curiosidade não me deixou dúvidas. Com muito cuidado retirei o cartão do quadro de correspondências, li e decorei o que estava escrito. O cartão era para uma cocotinha piracicabana...

Contei para o professor e, no café da manhã, comecei a repetir o texto para espanto do Zé Mário e muita risada do mestre.

Vaquinha e violão

Assim passávamos os dias na Europa. Com visitas técnicas, muitos passeios e fatos divertidíssimos, como o que aconteceu no aeroporto de Amsterdã.

Nosso voo estava marcado para as 10h, mas o avião só decolou às 22h. O que fazer nas doze horas que ficaríamos no aeroporto sem poder sair, pois já havíamos passado para a área de embarque?

Então surgiu a ideia de fazermos uma vaquinha e comprarmos um violão. O Zé Butão, sem a menor cerimônia, passou a declamar e cantar "Cabocla Tereza". O sucesso foi tão grande que as pessoas aplaudiam e davam moedas para o "artista".

Para nossa surpresa, a arrecadação foi suficiente para pagarmos o violão e ainda sobraram uns trocados para a turma.

Cerzindo cuidados

Não posso deixar de fazer um agradecimento a uma pessoa especial do grupo. Meiga, delicada, atenciosa, curtia a viagem como todos e ainda encontrava tempo para acudir os colegas. Um botão de camisa que caísse ou uma barra que precisasse ser feita na calça nova, era para ela que corríamos pedir socorro.

Obrigado, minha quase irmã Esther!

VIAGEM AO SUL*

José Djair Vendramim

Realizada no período de 3 de janeiro a 11 de fevereiro de 1974, a viagem à região Sul do Brasil, Uruguai, Argentina, Chile e Paraguai é certamente inesquecível. O grupo, formalmente denominado Comissão de Viagem Esalq-74, contou com a participação de diversos colegas e foi comandado pelo professor Nakano (acompanhado da esposa, Aparecida), e o ônibus foi dirigido pelo Kita.

Oficialmente foi uma viagem técnico-cultural-científica. Embora, como era de se esperar, tenha prevalecido mais a parte cultural, visitamos a maioria das faculdades, instituições de pesquisa e empresas previstas no roteiro.

O grupo de modo geral foi bastante unido e entrosado. Apesar das inevitáveis pequenas desavenças e discussões, tudo transcorreu bem. O ônibus estava bem equipado com instrumentos musicais. Os últimos bancos tinham sido retirados antes do início da viagem, resultando num espaço bastante divertido e disputado. Era onde, animados pelas incontáveis batidas de pinga com limão, nossos artistas (Sérgio Gringo, Pardal e Mário Sérgio, entre outros) puxavam o ritmo que os demais acompanhavam.

* História adaptada do livro *Amigo É Coisa pra Se Guardar...*

Tínhamos conseguido 120 garrafas de pinga antes da viagem para distribuirmos nos países a serem visitados. Infelizmente, ao atravessar a fronteira com o Uruguai, pouco restava e não pudemos fazer o marketing da nossa caninha.

É evidente que numa viagem desse tipo o que marca mais são os imprevistos. Talvez o que mais tenha nos marcado foi o que se iniciou na fronteira entre a Argentina e o Chile.

Estávamos em Mendoza, na Argentina. Pelo roteiro, a viagem até o Chile seria feita por um túnel sob a Cordilheira dos Andes. Entretanto, por problemas burocráticos, cuja solução demandaria alguns dias, isso não foi possível.

Após muita conversa entre os componentes do grupo, decidimos cruzar os Andes por uma estrada de terra muito estreita e cheia de curvas fechadas no chamado Morro do Caracol. Seria bastante arriscado porque o nosso ônibus (monobloco) era totalmente inadequado para aquele tipo de estrada.

Logo descobrimos a razão do nome daquele trecho da Cordilheira. Em muitos pontos tínhamos que descer correndo do ônibus, que não podia parar para não perder o "embalo", para empurrá-lo. Isso reduzia o peso, além de ajudar o veículo nas curvas mais fechadas e íngremes. O Kita demonstrou toda a sua perícia ao volante. E foi assim até que chegamos ao ponto mais alto do trajeto (4.200 metros), onde fizemos carnaval no gelo para comemorar aquilo que veio a ser chamada de a "Epopeia dos Andes".

A descida foi um pouco mais tranquila, embora com certa lentidão em função das curvas fechadas. Dessa vez precisávamos descer para evitar que o para-choque do ônibus batesse no chão. Alguns aproveitaram e desceram direto a pé por um bom trecho. Era mais rápido, já que descíamos mais ou menos em linha reta enquanto o ônibus tinha que fazer as inúmeras curvas. Quando o ônibus chegou em um posto de gasolina ao pé da Cordilheira, verificamos que as lonas dos freios estavam totalmente desgastadas (um risco a mais).

Chegamos a Santiago quase às 10h da noite. Foi o tempo suficiente para comer alguma coisa e encontrar um hotel antes que soasse o "toque de recolher", já que a cidade estava em estado de sítio. Fazia pouco tempo que o presidente Salvador Allende tinha sido morto no bombardeio ao Palácio de La Moneda.

O dia seguinte em Santiago foi bastante divertido. Fizemos muitas amizades com os estudantes da Universidade do Chile. Conseguimos alojamento em um ginásio de boxe, para onde foi todo o grupo. Mas à noite quase surgiram problemas. Sabendo que não poderíamos circular pela cidade, tínhamos providenciado um bom estoque de vinho. O que não contávamos é que vinho "subisse" tanto. Em função disso, depois de algum tempo, a zorra era total. Os carabineiros, policiais responsáveis pelo cumprimento do toque de recolher e da ordem em geral na cidade, queriam invadir o ginásio para nos prender. Só desistiram depois de o responsável pelo local ter garantido que a bagunça acabaria. De fato, ela diminuiu um pouco.

Na volta à Argentina, impossibilitados de usar o túnel e temerosos de arriscar mais uma vez a passagem pelo Morro do Caracol, optamos por retornar pelo sul do Chile, cruzando os Andes num ponto bem mais acessível. Esse imprevisto acabou sendo bastante interessante, pois tivemos a oportunidade de conhecer a beleza da região sul do Chile e da Argentina, inclusive Bariloche, onde passamos uma noite.

Outra passagem interessante ocorreu na Lagoa da Conceição, em Florianópolis. Estávamos à noite tomando cerveja em um restaurante, esperando pelo jantar. De repente caiu um temporal e ocorreu um blecaute. Com isso, o jantar atrasou. Foi então que o grupo formou uma roda em volta das mesas e, numa autêntica algazarra, cantou, à luz de velas, o Hino da Agronomia, para espanto dos demais presentes e desespero do proprietário, que temia pelo pior.

A viagem teve ainda muitos momentos bastante divertidos, como o carnaval improvisado no *ferryboat* durante a travessia Uruguai-Argentina, quando conhecemos um grupo de baianos da pesada; o outro carnaval, numa praça de Montevidéu, com a participação de uruguaios "borrachos" (única ocasião em que a pinga foi consumida por outros que não da turma); a

entrevista, com direito à execução de várias músicas, que parte do grupo concedeu à Rádio LT-35, de Pegamino, na Argentina; os diversos sambões nas praias; a "vinhada" em Gramado e Canela, com a "guerra das hortênsias" e a coroação da rainha da excursão (Reca), numa disputa apertada com o Hermas e o Sérgio Gringo; a cervejada às margens do Lago Ypacaraí, cantando os famosos "Recuerdos"...

Muito mais aconteceu, este é apenas um resumo de alguns acontecimentos que tornaram a viagem ao Sul inesquecível para seus participantes.

A VIOLA E O ARADO*

Mozart Lambert Júnior

Em 1970 fiz o preparativo no Curso Luiz de Queiroz (CLQ), em Piracicaba. Devido aos meus dotes artísticos, desde o começo participei de grandes festas com o povo da Esalq. Tinha certeza de que entraria na Escola e já me integrava às atividades artísticas do Centro Acadêmico "Luiz de Queiroz" (Calq). Com o Gê e o Dante realizamos muitas (muitas mesmo!) rodas de samba também em centros acadêmicos de faculdades de Piracicaba, São Carlos e outras cidades do interior.

Participei do Show Livre Exporta Não, montado em 1971 basicamente por nossa turma (Gê, Dante, Alda, Pardal, Reca e outros mais que eu esqueci...). Nós nos apresentamos até em Bauru e outras cidades.

As atividades extracurriculares foram muitas e intensas: festas, churrascadas, muita cantoria, muita alegria, muito papo bom (incrível que até hoje não consegui aprender a jogar truco, acho que não aprenderei nunca!). Toquei muito violão e cantei, fiz serenatas e ajudei muitos companheiros nas suas paqueras.

A Rua do Porto foi o local mais frequentado da nossa vida acadêmica. Participei também profissionalmente do Conjunto do Vitorinho, tocando principalmente no Zueira, Clube de Campo e na Boate de Águas de São Pedro. Morei na república Baby Doll por quatro anos e mais um ano e meio na Vapores do Rego.

A VISÃO DE UM OVNI NA BAHIA EM 1996

José Juarez Pereira de Faria (Pinguim)

Eu atuava comprando sementes de guaraná para o Grupo Antarctica e o Fochi era nosso fornecedor de sementes pela Albatroz (empresa de exportação e importação). A trabalho, seguíamos pela estrada de Ilhéus a Itabuna, na Bahia, e depois para Valença, onde havia muitos produtores e distribuidores.

Aproveitaríamos para passar o fim de semana no Morro de São Paulo. Era final de janeiro ou início de fevereiro de 1996, quando três jovens supostamente viram um extraterrestre no interior de Minas Gerais, no episódio que ficou conhecido como o ET de Varginha.

O Fochi estava na direção da caminhonete da empresa e eu, ao lado. Como eu sempre gostei de observar a paisagem, em determinado momento, um objeto voador não identificado (OVNI) subiu em altíssima velocidade, tanto que não deu para vê-lo. Vi somente o seu rastro de fumaça branca, a mesma visão que temos após lançamentos de foguetes, em linha reta do meio da Mata Atlântica.

---

* História adaptada do livro *Amigo É Coisa pra Se Guardar...*

Virei para o Fochi e disse:

– Eu acho que é um OVNI!

Respondeu gargalhando:

– Você está delirando?!

– Tem que ser. Você já viu nuvem em linha reta subindo para o céu? Que local é aquele de onde partiu o rastro?

O Fochi, que conhecia bem a região, disse:

– É o município de Itacaré, e esse lugar que você aponta é de difícil acesso e íngreme.

– Mas eu estou achando muita coincidência essa ocorrência próxima ao que estão comentando sobre o ET de Varginha. A subida do OVNI me chamou atenção e eu virei na direção do local de onde ele surgiu.

– Ah! Vamos almoçar. Você deve estar com fome, já está me cobrando há um tempo para parar.

Assim, ficou essa incógnita e o fato ocorrido nunca saiu de minha visão, até hoje.

Foi o que aconteceu, garanto. Acreditem se quiserem!

Capítulo 8

FATOS EM FOTOS

"É o que temos para hoje", diz a expressão popular.

O ideal seria apresentar um painel de fotografias que refletisse o nosso tempo e mostrasse a maioria dos colegas. É uma empreitada quase impossível na edição deste livro por falta de tempo e de material. O Zé Butão digitalizou cerca de 130 fotos de seu álbum de fotografias. O Otavio tem fotos importantes, mas muitas delas sofreram os efeitos do tempo: perderam cor, mas não perderam a vida...

O Fochi pré-selecionou fotos do Zé Butão e sugeriu outras publicadas no livro *Amigo É Coisa pra Se Guardar...*, de 1999. Reunimos fotos de boa qualidade retratando encontros de grupos de 15-20 colegas. Capitaneados pelo Otavio, foram cerca de vinte encontros nos últimos anos. Coriolano Xavier também selecionou as fotos. No final, foram enviadas ao Alê, diagramador do livro, cerca de 60 fotos para serem trabalhadas de acordo com a qualidade para impressão e, especialmente, em função da limitação do número de páginas do livro.

A legenda das fotos fica por conta da nossa memória...

CRB

VIRAKLIKA

ESALQ-T 74°
FLAMBOYANT AMARELO
DELONIX REGIA
FAZENDA SÃO JOSÉ/JAHU
24/11/2018

AÍDA
CAIXAS
PRESENTES
SERVINDO AMIGOS

«CHIMICA»

"Nossa amizade encontra o céu de anil
Nas raizes e força do Pau Brasil".
Chão, Ivan, Torrinha, Zé Butão, Pacote,
Mokorongo, Mococão, Seu Bauer.
Fazenda Água Branca, GO - Março de 2024
ESALQ T-1974 50 anos

Zé Mario
Barth
Fochi
Ditinho
Chão
Victor
Nandão
Mococa
Isaias
Gorga
China
Esalq 74
dezembro 2022
Pagoto
Silvia
Meganha
Alda
Baxo
Ermor
Ivan
Otávio
Trani

Capítulo 9

O IMPACTO CULTURAL DOS ANOS 1960 E 1970

O IMPACTO CULTURAL DOS ANOS 1960 E 1970

Vinicius Galera, com a colaboração de Coriolano Xavier

A infância, a juventude e o início da vida adulta da Turma de 1974 coincidiram com um dos períodos de maior efervescência cultural do século XX. Em diversas partes do mundo, os anos 1960 foram marcados por transformações sociais, muitas vezes capitaneadas pela juventude. Esses movimentos se refletiram na comunicação de massa e moldaram manifestações artísticas de forma duradoura, sobretudo na música popular, no cinema e na televisão.

Mais cinema

20TH CENTURY FOX

1974
50 anos depois

A Cinemateca realiza mostra com 52 filmes lançados em 1974. A programação se divide entre longas e curta-metragens e tem títulos brasileiros e estrangeiros, como *O Jovem Frankenstein* (foto), de Mel Brooks, *Cenas de um Casamento*, de Bergman, e *Perfume de Mulher*, de Dino Risi.

Cinemateca Brasileira. Largo Sen. Raul Cardoso, 207. Gratuito (retirada de ingressos 1h antes de cada sessão). **Até 29/9**

Jornal *O Estado de S. Paulo*, 20/09/2024

MÚSICA: O CALDEIRÃO CULTURAL BRASILEIRO, UMA TEMPESTADE DE RITMOS

Como boa parte dos membros da turma tinha origem em ambientes rurais, a música que marcou a juventude e se estendeu aos anos de graduação tinha fortes raízes sertanejas. Nomes consagrados como Tonico e Tinoco e Tião Carreiro e Pardinho fizeram a trilha sonora daquela geração. As vozes de Tião Carreiro e Pardinho imortalizaram "Rio de Lágrimas", composição de Lourival dos Santos, Piraci e Tião Carreiro que, gravada em 1970, se tornaria um hino extraoficial da cidade de Piracicaba, com seus versos icônicos: "O rio de Piracicaba/ Vai jogar água pra fora/ Quando chegar a água/ Dos olhos de alguém que chora".

Um cantinho e um violão

No final da década de 1950, com sua abordagem suave, no ritmo e no canto, mas com um virtuosismo instrumental e vocal sem precedentes, a Bossa Nova apareceu quase como um gênero de câmara dentro da música popular. Esse estilo refinado não apenas conquistou a classe média da Região Sudeste como ultrapassou fronteiras, alcançando grande sucesso nos Estados Unidos e na Europa.

Figuras como Tom Jobim, João Gilberto, Ronaldo Bôscoli, Vinicius de Moraes, Nara Leão e Carlos Lyra estão entre os grandes nomes desse rico período musical.

A explosão do pop internacional e da MPB

Já na década de 1960, o fenômeno global dos Beatles deixou suas marcas na música brasileira, com sonoridades inovadoras e uma estética revolucionária. As roupas e os longos cabelos da Turma de 1974 refletiram a efervescência mundial.

O impacto dessa "febre de juventude" permitiu o surgimento da Jovem Guarda, movimento liderado por Roberto Carlos que trouxe a energia do rock para o Brasil. A Jovem Guarda foi impulsionada pela popularidade do rádio e da televisão, ainda que o aparelho fosse restrito às famílias com melhores condições socioeconômicas.

Na metade daquela década, também sob a influência do pop internacional, a Tropicália irrompeu como um furacão na música brasileira. Com guitarras e influências psicodélicas, os baianos Caetano Veloso e Gilberto Gil afastaram-se da tradição de João Gilberto e da Bossa Nova ao incorporar fusões de ritmos, novos instrumentos e arranjos inusitados, além de uma poética rica em referências à cultura de massa, notadamente o cinema. Rogério Duprat foi o grande maestro e arranjador de músicas de Caetano, Gil e dos Mutantes de Rita Lee.

Vozes de resistência

Foi também nesse período que o fenômeno Chico Buarque tomou conta do país, inicialmente como um sambista lírico ligado à tradição de Ismael Silva e Noel Rosa e, depois, como um cantor e compositor de protesto, com obras críticas à ditadura que havia se instalado no poder.

Ainda no terreno da "música de protesto", destaque para o paraibano Geraldo Vandré, ícone da resistência musical com clássicos como "Disparada" e "Pra Não Dizer que Não Falei de Flores" ("Caminhando").

Nesse caldeirão musical, surgiu em uma esquina de Belo Horizonte o mineiro Milton Nascimento, que deixou sua marca com a profundidade de sua voz e composições que evocam a essência da alma brasileira. Com Lô Borges, ele criou o que é considerado por muitos o maior álbum da música brasileira, *Clube da Esquina*.

Todos esses artistas foram projetados pelos festivais da canção, que dominaram o país entre o final da década de 1960 e o início dos anos 1970. Esses espetáculos eram amplamente televisionados e acabaram definindo tendências e lançando carreiras de artistas icônicos.

Quando os gigantes caminhavam sobre a Terra

Enquanto o Brasil experimentava o auge da Bossa Nova e da MPB, o rock explodia no hemisfério norte, especialmente na Inglaterra e nos Estados Unidos. Além dos Beatles, artistas e bandas como Elvis Presley, Rolling Stones, The Doors, The Who, Jimi Hendrix, Led Zeppelin, David Bowie, Queen e Pink Floyd dominaram a cena musical, com enorme influência sobre a música internacional das décadas seguintes. Em 2023, completaram-se 50 anos do lançamento do álbum *The Dark Side of The Moon*, do Pink Floyd, um dos mais vendidos da história da música. Paralelamente, influências sonoras adicionais incluíam as harmonias suaves dos Carpenters e o pop latino de Trini Lopez. A T-74 lembra das fantásticas canções do colega Sierra no Dr. Show.

Sob influência do rock, a partir dos anos 1970 o Brasil começou a desenvolver seu próprio estilo do gênero, com a contribuição dos Mutantes de Rita Lee, que depois seguiria em carreira solo, e de Raul Seixas.

Era de ouro do sertanejo

Toda essa ebulição musical acabou influenciando o sertanejo. Foi no início da década de 1970 que o gênero começou a incorporar elementos do rock e do pop internacional, com o surgimento de duplas como Milionário e José Rico e João Mineiro e Marciano. Esses artistas abriram caminho para a revolução do sertanejo, que ganharia novos contornos com a ascensão de Chitãozinho & Xororó, expoentes do gênero, no final daquela década.

O CINEMA SE RENOVA E GANHA STATUS DE ARTE

Assim como na música, a década de 1960 foi um período de grande inovação e transformação no cinema mundial. Filmes dessa época deixaram um legado duradouro, como *Psicose* (1960), de Alfred Hitchcock, obra-prima do suspense, e *Lawrence da Arábia* (1962), de David Lean, com suas grandiosas cenas no deserto e fotografia deslumbrante. A *Bela da Tarde* (1967), alçaria a atriz francesa Catherine Deneuve ao *status* de estrela e consolidaria o retorno do diretor surrealista espanhol Luis Buñuel à Europa, depois de décadas filmando no México.

Outro marco foi *2001: Uma Odisseia no Espaço* (1968), de Stanley Kubrick, ficção científica que aborda questões filosóficas sobre a evolução humana e a inteligência artificial com uma linguagem visual inovadora. Em 1969, *Easy Rider*, de Dennis Hopper, se tornou um ícone da contracultura ao acompanhar dois motociclistas pelos Estados Unidos e expor a tensão entre o sonho americano e a realidade social.

Cinema de autor

A *Doce Vida* (1960), do italiano Federico Fellini, marcou a época ao explorar a busca por sentido na vida moderna e o vazio existencial da alta sociedade romana, uma tendência que também seria abordada pelo diretor Michelangelo Antonioni.

O Neorrealismo italiano, do qual ambos eram oriundos e que floresceu nas décadas de 1940 e 1950, projetando diretores como Roberto Rossellini, Vittorio De Sica e Luchino Visconti, deixou uma marca profunda na estética cinematográfica das décadas seguintes.

Surgido como uma resposta às condições sociais e econômicas do pós-Segunda Guerra Mundial, o movimento se caracterizou por uma abordagem realista e direta da vida cotidiana, abrindo caminho para o cinema de autor.

No final da década de 1950, surgiu na França a Nouvelle Vague. Com técnicas de filmagem pouco convencionais, como o uso de câmera na mão, cortes abruptos e uma abordagem narrativa mais livre, o movimento desafiou as convenções do cinema e projetou diretores como François Truffaut, Jean-Luc Godard e Claude Chabrol.

Cinema em transe

No Brasil, *O Pagador de Promessas* (1962), dirigido por Anselmo Duarte, conquistou a Palma de Ouro no Festival de Cannes com sua história sobre o drama de um homem religioso oprimido pelos dogmas da Igreja.

Enquanto isso, surgiu o Cinema Novo, que rompeu com as convenções do cinema comercial brasileiro ao explorar uma visão mais crítica da realidade nacional. Inspirados pelo Neorrealismo italiano e pela Nouvelle Vague, cineastas como Glauber Rocha, Nelson Pereira dos Santos e Ruy Guerra criaram filmes que refletiam a realidade social e política do país com uma estética inovadora e engajada.

Entre os destaques estão *Vidas Secas* (1963), de Nelson Pereira dos Santos; *Os Fuzis* (1964), de Ruy Guerra; *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1964) e *Terra em Transe* (1967), de Glauber Rocha; e *Macunaíma* (1969), de Joaquim Pedro de Andrade.

Ainda nesse período, o Cinema Marginal despontou como uma contraposição aos princípios do Cinema Novo, trazendo uma estética vanguardista e de contracultura para as telas. *O Bandido da Luz Vermelha* (1968), de Rogério Sganzerla, é um exemplo notório do movimento, misturando elementos do cinema policial com uma abordagem caótica e experimental. Outro exemplo significativo é *Matou a Família e Foi ao Cinema* (1969), de Júlio Bressane, que também explorou a estética irreverente e inovadora do Cinema Marginal.

As telenovelas e a identidade brasileira

Ao falarmos da produção audiovisual brasileira, é impossível ignorar as telenovelas, que se tornaram um expoente privilegiado na inserção de narrativas sobre a realidade do país, moldando uma verdadeira identidade nacional com o benefício da expansão e hegemonia da televisão como veículo de massa por excelência.

Algumas das telenovelas mais icônicas incluem *Beto Rockfeller* (1968), que revolucionou o gênero ao retratar um protagonista mais próximo da realidade urbana; *Irmãos Coragem* (1970), que trouxe temas de coragem e justiça no sertão; e *O Bem-Amado* (1973), uma crítica política e social repleta de humor. Essas obras ajudaram a moldar o imaginário coletivo e a identidade cultural do Brasil.

Muitos da turma de 1974 se emocionaram com *Mulheres de Areia*, exibida pela TV Tupi entre março de 1973 e fevereiro de 1974. De Ivani Ribeiro, a novela imortalizou Eva Wilma no papel das irmãs gêmeas Ruth e Raquel e mostrou a fantástica atuação de Gianfrancesco Guarnieri como Tonho da Lua.

Hollywood se reinventa

O faroeste, gênero do cinema norte-americano por excelência, que produziu clássicos marcantes como *O Homem que Matou o Facínora* (1953), de John Ford; e *Os Brutos Também Amam* (1956), de George Stevens, acabaria sofrendo uma inusitada renovação com sabor italiano. Isso porque o diretor Sergio Leone produziria na Europa, entre outros filmes, a aclamada trilogia dos "dólares": *Por um Punhado de Dólares* (1964), *Por uns Dólares a Mais* (1965) e *Três homens em conflito* (1966). Clint Eastwood tornou-se o principal astro dos *westerns* e, nas décadas seguintes, se estabeleceria como um grande diretor de cinema.

Em Hollywood, a geração conhecida como "sexo, drogas e rock and roll" revitalizou o cinema norte-americano com uma série de filmes icônicos. *O Poderoso Chefão* (1972), de Francis Ford Coppola, é talvez a produção mais emblemática desse período. O filme redefiniu o gênero de películas sobre crime e é amplamente considerado um dos melhores de todos os tempos. Seu sucessor, *O Poderoso Chefão II* (1974), também de Coppola, continuou a saga da família Corleone, explorando a ascensão e queda de Vito Corleone e a complexidade do poder e da família.

Também merecem destaque *Laranja Mecânica* (1971), de Stanley Kubrick, uma distopia controversa que refletiu sobre a psicologia do crime e a manipulação social, e *Chinatown* (1974), de Roman Polanski, que trouxe de volta o espírito do cinema noir moderno, explorando temas como corrupção e poder com uma narrativa intrincada ambientada em Los Angeles.

Capítulo 10

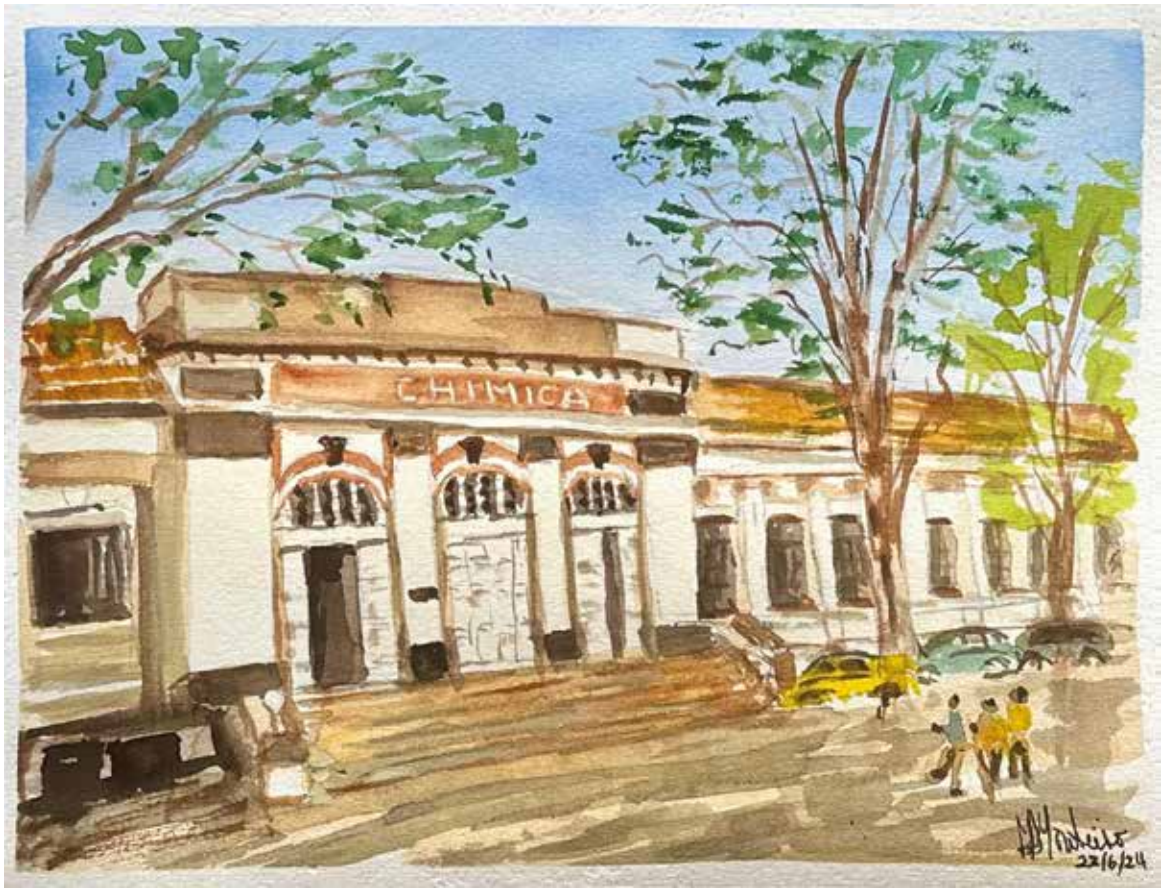
ESALQ, TRILHAS E PARTIDAS

DEPARTAMENTOS - TRILHA 1

Ivan Wedekin

A Genética o genoma nomina
E a história da herança ilumina...

Não quero o código das proteínas
Mas o endereço daquela menina
Que, distraída, passa pela beira
Da Zoologia rumo à cantina
Provocando reação em cadeia,
Fogo que invade e arde as minhas veias,
Torpor, calor, desejo, adrenalina,
A Química é tão fina que alucina.



A Zoologia mostra a evolução
Das espécies em nossa direção;
A Química toda a composição
Da matéria inorgânica ou ativa;
Mas o coração segue sempre a sina
De andar vacilante pelas esquinas,
Nem dá bola aos genes sibilinos
Faz da paixão sua matéria-prima.
Na herança feita de silêncio, amiga,
Na noite fria que se descortina
O teu amor a estrela ilumina
Se trazes no ventre a vida, a filha.

–

Os olhos do estudante na trilha
Renovam a vida a cada dia,
Além dos Solos logo divisam
Na composição de areia e argila
O segredo que só os minerais
Contam às sementes sazonais.

A timidez produtiva das plantas
Que a Revista Agrícola* levanta
As carências do homem do campo
Criam na Agricultura a demanda,
Inovar os processos de produção
Da enxada ao satélite de precisão.

O estudante continua na trilha
Feito peão solitário na lida
No rastro do boi traz consigo
A riqueza à fronteira vazia
A esperança criada a cada dia
Pelos Mestres da Zootecnia.

Como o estudante que caminha
O produto também segue a trilha
Da matéria-prima para a indústria;
Na Tecnologia a qualidade se ajusta
E em alimento, energia e fibra,
No pão nosso de cada dia,
O trabalho do campo se amplia.

* Orgão da Sociedade Pastoril e Agrícola, cuja primeira edição é de 01/06/1895, que publicou diversos artigos de Luiz de Queiroz, antes da criação da Esalq, de acordo com *A Pré-História da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz*. Coordenação de José Peres Romero, Ed. Agronômica Ceres, 1992.

DEPARTAMENTOS - TRILHA 2

Meus passos seguem à distância
A menina de satenta, sem igual,
Que se desvia do Prédio Principal
Em direção à aula de Botânica
(Como separar a minha flor
No universo de tanta planta?)

Eu sei que existem as *Flores do Mal*
Do poeta francês Charles Baudelaire*,
Mas nesse jogo do bem e do mal,
Faz de conta, bem me quer, mal me quer,
Estará a minha flor tão doentia
Às lentes da Fitopatologia?

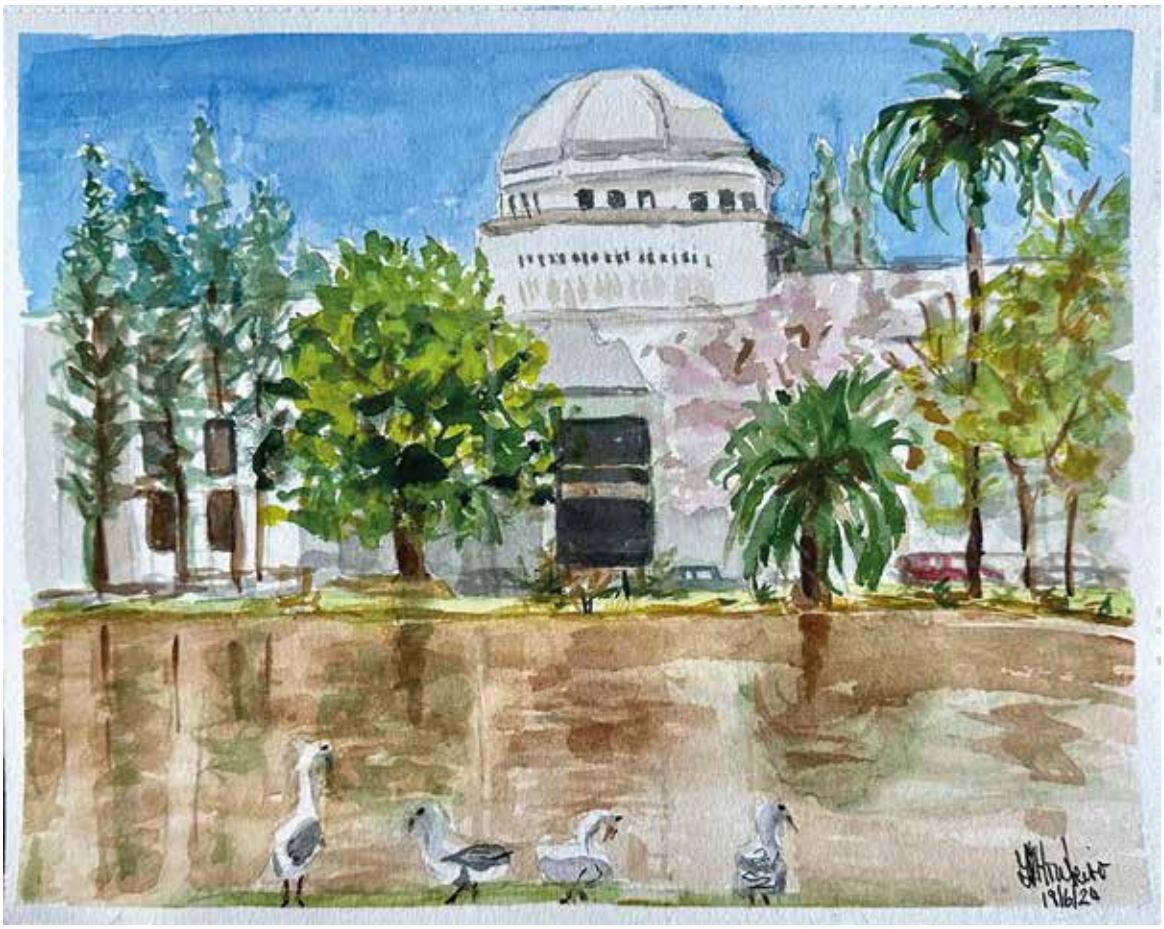
Quatro anos se foram e a menina
Mudou de rosto e de assinatura;
Quantas paixões mudaram de figura
No trajeto até a Silvicultura,
Quantos sonhos ficaram no papel
Na vala comum do tempo, ao léu?

* Charles-Pierre Baudelaire nasceu e morreu em Paris (1821-1867). As *Flores do Mal* foi publicado originalmente em 1857.

DEPARTAMENTOS * - TRILHA 3

Nos passos de um outro dia
Imagem reflexa em sintonia
O estudante viu com alegria
Que os alicerces da Engenharia
São mais profundos que o Lago
Na dimensão total e no espaço
Na precisão certa dos cálculos
Na régua e no compasso.

Em um mercado em que a disputa é dura
A Economia e a Sociologia
Veem as transformações luzidias
Que varrem o campo sem nostalgia.
Desde a primeira onda, a agricultura



* A denominação mencionada é como eram conhecidos os departamentos criados pela reforma universitária de 1970, que organizou a Esalq em 15 departamentos. Em 2024, a Esalq oferece sete cursos de graduação e um de licenciatura e 17 programas de pós-graduação.

Mudou tanto, virou ramo da indústria.
(Mas que o homem não seja não
Um insumo na equação de produção).

Desde os tempos imemoriais
As forças brutas da natureza
Dobram o homem, não seus ideais;
E ele insiste, mesmo na incerteza,
Procura na força interna o fogo,
A ferramenta para o laboro.
(Raia o dia e a Meteorologia
Felizmente bom tempo anuncia...)

Na vitória diária do homem
Contra a crueza gritante da fome
O alimento justo vem de plantas
Protegidas do ataque das pragas.
Se a vida pede a diversidade,
A proteção ao meio ambiente,
A pureza cristalina da água,
Se o Dicionário tem todas letras,
É preciso erguer uma estátua
À beleza das borboletas!

Na bela geografia da Esalq
O estudante fecha o itinerário
Os passos giram em torno do parque,
Ladeiam o Museu, a Engenharia,
Descem à distante Entomologia,
Que com a Biblioteca e o Cena,
Aproximam aqui a lonjura extrema.

Caro colega e leitor atento
Será que valeu mesmo a pena
Rever os passos de tantos moços?
Uns centenários, longe no tempo,
Uns no começo do seu momento;
Uns são estrelas no firmamento
Outros querem abrir a cortina
Como quem procura a sua 'menina'.

Vá, leitor, faça a sua própria trilha,
Leve estes versos em solitude.
Na eterna construção e procura,
No vazio, equilíbrio ou loucura,
O que é a 'menina' senão a vida,
A centelha de Deus, a plenitude?

A AMIZADE É CULTIVADA NA ALMA

Ivan Wedekin

A 'república' de estudante
Foi nossa segunda 'casa'
Berço de amizade tão grande
Que água bate e não gasta
Resiste ao vento e ao tempo
É chama que não se apaga
A amizade jamais acaba
Sempre é cultivada na alma.

Amigo, estar do seu lado
Traz o passado a galope
Rasga a cortina do tempo
Meu peito bate tão forte
Felicidade é o momento
E isto sempre nos une,
É coisa que não tem jeito
Amigo mora dentro no peito.

A PARTIDA

Ivan Wedekin

Como o tempo passou tanto
Na passagem pela Escola
Depois do breve momento
Dei por mim já indo embora;
Agora não sou mais moço
Mas teu amor me consola.

Minha admirável Esalq
Quero estar sempre por perto
Alargando os horizontes
No raiar de novas décadas
Vou beber em tua fonte
Vendo-te pulsar moderna
Passo à frente, rumo adiante.

Cinquenta anos se foram
Deixando marcas no rosto
O futuro é o nosso porto
E a amizade é o conforto.

Sigamos assim nossa viagem
De AMIZADE E AMOR PELA ESALQ!

AGRADECIMENTOS

Este livro foi possível graças ao empenho de muitos colegas que se mobilizaram na verdadeira caça aos amigos da Turma de 1974, para reunir trajetórias e fotos. Na fase final de fechamento, sempre crítica e premida pelo tempo, o Fochi foi decisivo. O Mokô também participou de diversas reuniões específicas e na conferência das versões preliminares das trajetórias dos amigos.

Um agradecimento especial para mais de uma centena de colegas que enviaram os seus "currículos", uns maiores, outros resumidos, mas foram publicados como eles definiram. E aplausos para os escritores das impagáveis e divertidas histórias.

Agradecimentos à Associação dos Ex-Alunos da Esalq (Adealq), em especial à diretora-geral, Graziella Labate Mellis (a Terremoto, da Turma de 2001), pelo apoio antes e depois da celebração de outubro. Caio Albuquerque e Gerhard Wald, da divisão de comunicação, forneceram informações e fotos oficiais da Esalq.

Vinicius Galera trabalhou fundo na edição inteira do livro. Para captar o espírito da turma, conviveu um dia inteiro com uma dezena de amigos em Piracicaba. Deu boas risadas com a irreverência da moçada. O romântico Sebastião Nascimento, amigo jornalista, deu o tema de que a amizade é cultivada na alma.

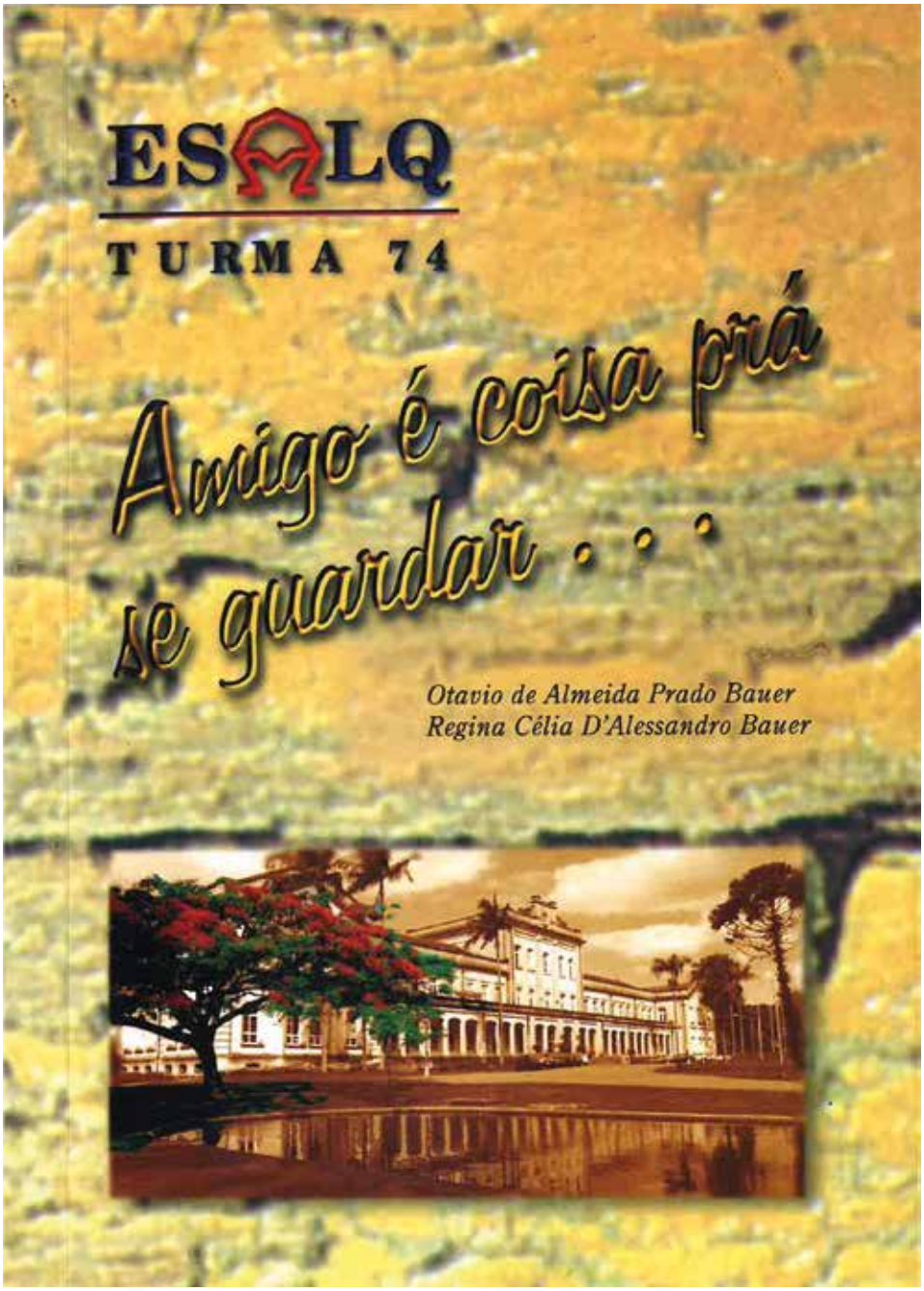
Coriolano Xavier e eu somos amigos desde 1984, quando nos conhecemos na Agroceres. Acompanhou todas etapas do livro, escreveu textos, reviu e deu ideias essenciais sobre o visual do livro.

Alexandre Monteiro completa o terceiro livro comigo, em uma parceria iniciada em 2017. Certamente, foi o trabalho que mais teve retrabalho. É o artista do projeto gráfico e da diagramação. Obrigado pelo empenho e paciência, Alê.

Finalmente, um "perdão aos navegantes": peço desculpas aos amigos da T-74 pelos esquecimentos, erros e omissões que estão misturados com muito empenho, suor e emoção nas páginas deste livro.

Agradecimento especial para Otavio e Regina Bauer que abriram a trilha da Amizade para todos nós com o livro *Amigo É Coisa pra Se Guardar*...

Ivan Wedekin, São Paulo (SP), 26 de setembro de 2024



Publicado em 1999 para celebrar os 25 anos de formados da Turma de 1974

AMIZADE E AMOR PELA ESALQ comemora o Jubileu de Ouro das turmas de 1974 de economia doméstica, engenharia agronômica e engenharia florestal da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq/USP). No vigor da juventude, chegamos à Escola em 1971. A convivência no período de graduação fincou as sementes da Amizade no coração de cada colega.

A sensação de pertencimento à Esalq se solidificaria nos anos e décadas seguintes. A paixão e o alumbramento na chegada se transformaram em um Amor eternizado à Esalq. E esse Amor catalisa ainda mais a nossa Amizade.

O livro traz a cronologia de Luiz de Queiroz e da Esalq e homenageia Alysson Paolinelli, o paraninfo da Turma de 1974. Mostra resumos das trajetórias pessoais e profissionais que refletem a transformação da agricultura e do agronegócio do Brasil nos últimos cinquenta anos.

Como não poderia deixar de ser, revive em fotos o que a memória talvez tenha perdido. Nas histórias, os colegas contam e recontam cenas que traçam um mosaico de anos inesquecíveis que forjaram amizades de uma vida inteira. Com boa dose de humor, é claro. Afinal, para a T-74 a "irreverência é mais que arte, é pura ciência".